

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**

CHRISTIANNE MARTINS FARIAS

**BIBLIOTECÁRIO ESCOLAR E COMPETÊNCIA:
análise da prática profissional**

Florianópolis, 2010

CHRISTIANNE MARTINS FARIAS

**BIBLIOTECÁRIO ESCOLAR E COMPETÊNCIA:
análise da prática profissional**

Dissertação de mestrado apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação do Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciência da Informação, área de concentração Gestão da Informação, linha de pesquisa Profissionais da Informação, sob a orientação da Professora Doutora Elizete Vieira Vitorino.

Florianópolis, 2010

Ficha catalográfica elaborada pela autora do trabalho – CRB14/879

F224b Farias, Christianne Martins.

Bibliotecário escolar e competência: análise da prática profissional / Christianne Martins Farias. - - Florianópolis, 2009.

118 f.; il.

Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação). – Universidade Federal de Santa Catarina, 2009.

Orientador: Prof.^a Elizete Vieira Vitorino.

1. Profissional Bibliotecário. 2. Competências. 3. Bibliotecário Escolar. I. Título

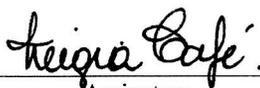
Revisão da língua vernácula: Sônia Argollo

CHRISTIANNE MARTINS FARIAS

**BIBLIOTECÁRIO ESCOLAR E COMPETÊNCIA:
análise da prática profissional**

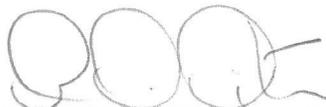
Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação do Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina em cumprimento a requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciência da Informação.

APROVADA PELA COMISSÃO EXAMINADORA
EM FLORIANÓPOLIS, 03 DE MARÇO DE 2010



Assinatura

Profa. Dra. Lígia Maria Arruda Café
Coordenadora do PGCIN/UFSC



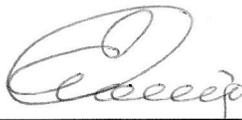
Assinatura

Profa. Dra. Elizete Vieira Vitorino
PGCIN/UFSC (Orientadora)



Assinatura

Prof. Dr. Francisco das Chagas de Souza
PGCIN/UFSC



Assinatura

Profa. Dra. Elisa Cristina Delfini Correa
FAED/UDESC

Dedico este trabalho a minha mãe **Sueli**, que sempre esteve ao meu lado com seu amor incondicional. Ao **Cleber**, meu amor companheiro, pelo apoio em todas as minhas decisões. Ao meu amado filho **Guilherme**, que muito me incentivou com a sua luz, com seu amor, com seu carinho e com sua alegria contagiante.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela vida e por estar sempre ao meu lado fortalecendo os caminhos por mim escolhidos.

A minha mãe Sueli Martins Farias, pela confiança transmitida em seu olhar e pelos ensinamentos que me fizeram seguir o caminho da honestidade, do respeito e do amor. Sem sua base forte jamais teria voado tão alto e tão longe. Você é uma heroína.

Ao meu pai Julio Cesar Farias, que mesmo longe dos olhos jamais deixou de estar presente em meus pensamentos e mesmo sem saber sempre foi um impulsionador para as minhas conquistas.

Ao meu amado esposo Cleber Alexandre Saibro, pela ajuda, confiança e incentivo, sempre tão paciente e tranquilo sabendo compartilhar angústias e alegrias, sempre muito presente nessa caminhada.

Ao meu filho Guilherme Martins Farias Saibro, a razão maior de minha existência, que muitas vezes sem a minha presença física, tão importante em seu desenvolvimento, aceitou a presença ausente, na certeza de um crescimento maior e mais completo.

Ao meu irmão Julio Cesar Farias Junior, pela confiança e por ter sido tão presente na minha vida.

Ao meu amigo e padrasto Erminio Bento que sempre torceu por mim, a minha eterna gratidão pela ajuda prestada.

À minha cunhada e amiga Tatiane da Silva, pelo companheirismo e pelas conversas que tanto me ajudaram nessa trajetória.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Santa Catarina, pois me sinto honrada por ter freqüentado as aulas ministradas por estes professores tão qualificados e comprometidos.

Aos professores Dr. Francisco das Chagas de Souza e Dr. Raimundo Nonato, membros da banca de qualificação do projeto que contribuíram significativamente para a concretização desta dissertação.

Aos professores que aceitaram participar da banca de defesa da dissertação, Dr.^a Elisa Cristina Delfine Corrêa e Dr. Francisco das Chagas de Souza.

À minha orientadora Dr.^a Elizete Vieira Vitorino pela competência e sensibilidade.

Às minhas co-orientadoras Dr.^a Clarice Fortkamp Caldin e Dr.^a Rosângela Schwarz Rodrigues pelo empenho, pela atenção e principalmente pelo comprometimento.

À turma de 2007, em especial a Veridiana Abe, companheira e amiga pronta a ajudar.

À Secretaria do PGCIN, pelo seu indispensável apoio técnico para o bom andamento de nossas atividades.

Aos colegas de profissão e de trabalho da Prefeitura Municipal de Florianópolis que aceitaram participar da coleta de dados e contribuíram para realização deste estudo.

A todos que direta ou indiretamente contribuíram nesta minha caminhada. Obrigada! Sem vocês e seus carinhos não teria tantas alegrias e vitórias.

Não somos o que deveríamos ser; não somos o que queríamos ser; mas graças a Deus, não somos o que éramos.

(MARTIN LUTHER KING)

RESUMO

A Sociedade da Informação transformou a atuação de todos os atores sociais nela inseridos e fez surgir novas formas de pensar e de se relacionar com a realidade. Isto tem levado os profissionais de todas as áreas a refletir sobre suas atribuições, habilidades e responsabilidades. Neste contexto, os bibliotecários escolares começam a repensar suas posturas de atuação profissional. Nesta dissertação, pretendeu-se conhecer as competências dos profissionais da informação em relação à sua prática profissional nas escolas da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis. Sendo assim, os conceitos de Biblioteca Escolar, Bibliotecário Escolar, Dimensões da Competência são tratados nesta dissertação. A fundamentação teórica baseia-se nas teorias da construção social da realidade, de Berger e Luckmann, e das representações sociais, de Moscovici. Para alcançar o objetivo proposto, os procedimentos metodológicos adotados foram a coleta de dados através de entrevista semiestruturada e a organização dos dados realizada por meio da técnica do discurso do sujeito coletivo (DSC). As análises indicam que a competência do bibliotecário escolar é parcialmente pautada em cada uma das dimensões da competência informacional: técnica, estética, ética e política.

PALAVRAS-CHAVE: Competência informacional - Profissional Bibliotecário- Competência - Bibliotecário Escolar.

ABSTRACT

The information society has transformed the performance of all social actors inserted in it and brought new ways of thinking and of relating to reality. This has led professionals from all areas to reflect on their responsibilities, skills and responsibilities. In this context, school librarians are beginning to rethink their attitudes of professional performance. In this thesis, we sought to learn the skills of information in relation to their practice in schools in the municipal schools of Florianopolis. Thus, the concepts of the School Library, School Librarian, Dimensions of Competency are treated in this dissertation. The theoretical foundation is based on theories of social construction of reality, Berger and Luckmann, and social representations, Moscovici. To achieve the proposed objective, the procedures were adopted to collect data through structured interviews and organization of data delivered by the technique of collective subject speech (DSC). The analysis indicates that the jurisdiction of the school librarian is partially guided in each of the dimensions of information literacy: technical, aesthetic, ethical, political and informational.

KEYWORDS: Librarian – Competence - School Librarian – Information literacy.

RESUMEN

La sociedad de la información ha transformado el funcionamiento de todos los actores sociales insertos en ella y aportado nuevas maneras de pensar y de relacionarse con la realidad. Esto ha llevado a los profesionales de todos los sectores a reflexionar sobre sus responsabilidades, competencias y responsabilidades. En este contexto, los bibliotecarios de la escuela están empezando a reconsiderar sus actitudes de desempeño profesional. En esta tesis, hemos tratado de aprender las habilidades de información en relación a su práctica en las escuelas municipales de Florianópolis. Así, los conceptos de la biblioteca escolar, bibliotecaria de escuela, las dimensiones de la competencia son tratados en esta tesis. El fundamento teórico se basa en las teorías de la construcción social de la realidad, Berger y Luckmann, y las representaciones sociales, Moscovici. Para lograr el objetivo propuesto, los procedimientos se han adoptado para reunir datos mediante entrevistas estructuradas y organización de los datos entregados por la técnica del Discurso del Sujeto Colectivo (DSC). El análisis indica que la competencia de la bibliotecaria de la escuela es parcialmente guiada en cada una de las dimensiones de la alfabetización informacional: técnica, estética, ética y política.

Palabras- Clave: Bibliotecario – Competencia - Bibliotecaria de la escuela

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
1.1 Justificativa	16
1.2 Objetivos	18
2 FUNDAMENTAÇÃO CONCEITUAL	20
2.1 Biblioteca e bibliotecário escolar	24
2.2 Competências	32
2.3 Dimensões da competência do bibliotecário	35
2.3.1 Dimensão técnica.....	35
2.3.2 Dimensão estética.....	36
2.3.3 Dimensões ética e política.....	38
2.3.4 Competência Informacional.....	41
3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	46
3.1 Construção Social da Realidade	46
3.1.1 Realidade Objetiva.....	48
3.1.2 Realidade Subjetiva.....	51
3.2 Representação Social	52
4 METODOLOGIA	55
4.1 Universo e participantes da pesquisa	56
4.2 Caracterização da pesquisa	59
4.3 Coleta e análise dos dados	60
4.4 Procedimentos éticos da pesquisa	63
5 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DISCURSOS	64
5.1 Construindo o DSC	65
5.2 O Discurso coletivo dos bibliotecários e análise dos resultados	66
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	78
REFERÊNCIAS	81
APÊNDICES	89

1 INTRODUÇÃO

As atividades dos bibliotecários escolares (como na grande maioria das profissões) sofrem a influência das tecnologias da informação e comunicação (TICs), pautadas na velocidade de transmissão de dados e na sua facilidade de interação no ciclo da comunicação, o que provoca mudanças no cotidiano dos profissionais da informação.

A economia deslocou-se da indústria para os serviços, da força para o conhecimento, e os serviços como saúde, educação, pesquisa, informática, entre outros, vêm se diferenciando nessa sociedade. Isso tipifica a imagem da sociedade globalizada na cooperação e reciprocidade, mais do que na hierarquia e coordenação (MATTELART, 2002, p. 86).

Esse deslocamento é denominado, na literatura, de sociedade pós-industrial, sociedade pós-moderna, terceira onda, sociedade da informação, sociedade do espetáculo, sociedade da aprendizagem, entre outros nomes. Não há consenso quanto a um conceito ou expressão que designem o produto dessa transformação, visto que os conceitos e rótulos estão intrinsecamente relacionados com as visões ou utopias de cada povo, nação e indivíduo (BRASIL, 1998, p.88). A Sociedade da Informação, por exemplo, “representa uma profunda mudança na organização da sociedade e da economia, [...] fenômeno global, com elevado potencial transformador das atividades sociais e econômicas.” (TAKAHASHI, 2000, p. 5). Caracteriza-se pelo volume de produção e velocidade do fluxo de informações e conhecimento, facilitados pelo desenvolvimento de tecnologias de informação e de comunicação (TICs) que produzem profundas mudanças e alteram a forma de pensar, estudar, trabalhar e se comunicar.

Há quem acredite que essas transformações podem ser consequências da Sociedade da Informação e a solução para problemas econômicos, entretanto existem aqueles que a caracterizam como sendo a responsável pela situação de pobreza que hoje assola várias regiões do mundo. Bauman (2001) sustenta que essas transformações tanto dividem quanto unem, abrindo um fosso cada vez maior entre os que têm e os que não têm. Para Fuks (2003, p. 82), o que se “verifica é uma ampliação da exclusão, que é o processo pelo qual certos grupos e indivíduos não têm acesso a determinadas posições que permitiriam uma existência autônoma.” A intenção da Sociedade da Informação não era criar abismos sociais e culturais, mas sim proporcionar semelhantes condições

de vida para todos, porém algumas pessoas consideram que ela dividiu a sociedade e que tem suas consequências negativas e positivas.

Diante desse contexto, destaca-se a importância da informação nessa sociedade. A informação tem sido utilizada nas atividades econômicas e, no decorrer dos anos, tem se mostrado útil e importante insumo, seja na produção de bens agrícolas ou industriais e na sua comercialização, ou mesmo na prestação de serviços, permitindo que a sociedade a utilize em suas mais variadas finalidades. Não apenas isso, ela é também a base do novo poder, conforme Mattelart (2002).

Segundo Somavía (1980, p. 10), “a informação não é uma simples mercadoria e a função de informar não é um negócio qualquer; pelo contrário, trata-se de um direito e um bem social e de uma função social eminente.” A informação é a base do conhecimento para o pleno desenvolvimento humano; ela move as relações na contemporaneidade. Jannuzzi e Tálamo (2004) descrevem que a informação é um fenômeno sempre presente na vida do indivíduo, que, através dela, se estabelece o convívio social e se concorre para a aquisição de conhecimentos a partir do seu uso e assimilação.

É desse modo que a informação se transforma em um elemento modificador do pensamento do indivíduo, trazendo benefício a ele próprio e ao grupo social do qual faz parte, pelo fato de proporcionar uma produção maior de conhecimento.

Todos esses fatos relacionados à Sociedade da Informação alteram os paradigmas econômicos, sociais e produtivos da sociedade. Dentro das transformações sociais, destacam-se em especial as transformações na área da educação e, principalmente, na biblioteca escolar, pois esta tem muitos desafios, que vão do incentivo à leitura, a fazer-se fundamental dentro do sistema educacional.

As bibliotecas escolares, na figura dos bibliotecários, procuram inserir-se ao contexto da Sociedade da Informação, mas, por outro lado, não podem esquecer-se de um contingente que deseja ter acesso a esta informação, mas não tem capital econômico, intelectual e cultural que permita essa inclusão. Nessas circunstâncias, o desafio está na habilidade de lidar com a ambivalência. A informação não pode ser receita pronta, mas um desafio de criar, mudar, refazer. Diante disto, Demo (2000, p. 41) salienta que:

a Sociedade da Informação informa bem menos do que se imagina, assim como a globalização engloba as pessoas e povos bem menos do que se pretende. [...] A informação é em si ambivalente, tanto em quem a pronuncia, quanto em quem a recebe.

Por isso, a biblioteca escolar é fundamental dentro do sistema educacional de um país, pois, como parte integrante do sistema de informação, pode colaborar consideravelmente para diminuir esses abismos sociais e tecnológicos. E cada vez mais a biblioteca escolar é um espaço de aprendizagem do uso adequado da informação.

Assim sendo, quando se pensa na relação entre escola e biblioteca escolar, percebe-se que a educação deve-se organizar em torno de quatro aprendizagens fundamentais, chamadas de pilares da educação. Delors (2000, p. 90) define esses pilares como:

o aprender a aprender, isto, é adquirir os instrumentos de compreensão; *aprender a fazer*, para poder agir sobre o meio envolvente; *aprender a viver juntos*, a fim de participar e cooperar com os outros em todas as atividades humanas; finalmente *aprender a ser*, via essencial que integra as três precedentes.

É claro que estas quatro vias do saber constituem apenas uma, dado que existem entre elas múltiplos pontos de contato, de relacionamento e de permuta (DELORS , 2000, p. 90).

Com base em uma das aprendizagens fundamentais, que é o *aprender a aprender*, a corrente educacional insere-se na *pedagogia da competência*. Uma de suas características é o aprender sozinho, ou seja, a livre construção do conhecimento e não apenas o conhecimento recebido de fora. De acordo com Demo (1998, 212), “[...] na didática do *aprender a aprender*, trata-se menos de produtos a serem dominados, do que de metodologia emancipatória, traduzida em competências e habilidades. A pessoa torna-se capaz de saber pensar, de avaliar o processo, de criticar e criar.”

Com a Sociedade da Informação surgiram novas formas de pensar e de se relacionar com a realidade, como também a existência de economias informacionais e a necessidade de implementação de uma “cultura de informação” (PONJUÁN, 2002). É nesse contexto que se insere a *information literacy* ou competência em informação, também chamada de competência informacional¹ ou competência informativa. De acordo com a Declaração de Alexandria (2005), o investimento maciço em estratégias de competência informacional e do aprendizado ao longo da vida é essencial ao desenvolvimento da Sociedade da Informação.

Kuhlthau (1999, p. 9) diz que o desafio da escola, na Sociedade da Informação, é educar as crianças para viver e aprender em ambiente rico em informação. E que os professores não podem

¹ A tradução do termo como competência informacional foi feita por Campello (2002) na perspectiva da biblioteca escolar, e será este o termo adotado neste trabalho

fazer isso sozinhos: o bibliotecário desempenha papel fundamental no enfrentamento desse desafio. Portanto, cada vez mais a habilidade de lidar com a informação é esperada por meio da capacidade de aprendizagem ao longo da vida, o que nos remete a um pressuposto da *information literacy*, que, ao longo desta dissertação, será traduzido como Competência Informacional, considerando que esse termo, no âmbito escolar, é resgatado por estar ligado aos processos cognitivos apresentados na aprendizagem (QUEIROZ, 2006, p. 30). E, de acordo com Campello (2002), esse termo, na perspectiva da biblioteca escolar, sinaliza o potencial desse conceito como catalisador das mudanças do papel da biblioteca em face das exigências da educação no século XXI.

1.1 Justificativa

Esta pesquisa considera o fato de que o profissional da informação que trabalha em escola tem a necessidade de saber lidar com as transformações tecnológicas e também precisa ter consciência do seu papel educacional (que é diferente, em sua essência, do exercido pelo professor). Os dois necessitam estabelecer uma parceria para que as atribuições de ambos se completem, a fim de construir um processo de ensino aprendido eficiente e bem-sucedido (CORRÊA *et al*, 2002, p. 107).

Por isso, diante das atribuições, habilidades e responsabilidades do bibliotecário escolar, não basta que ele tenha uma formação acadêmica, pois isto não garante a ele que seja considerado “competente.” Essa reflexão nos remete à discussão a respeito do conceito de competência. O conceito de competência, para Perrenoud (2000), está sujeito a questionamentos, uma vez que existem vários estudos acerca desse assunto, tanto no mundo do trabalho e da formação, como na educação. Para Perrenoud (2000, p. 15), “a noção de competência designará uma capacidade de mobilizar diversos recursos cognitivos para enfrentar um tipo de situação.” Entende-se que a competência principal associa-se com algumas dimensões da competência mais específicas, que se tornam seus componentes principais.

Outro destaque é a necessidade de se pensar a função pedagógica da biblioteca e de se repensar o papel do bibliotecário escolar. O fato é que, mesmo o bibliotecário escolar tendo formação acadêmica, existe a necessidade de que ele seja competente e que pratique as dimensões:

técnica, estética, ética, política e informacional da competência. Ressalta Perrenoud (2002, p.164) que a competência está relacionada ao “saber fazer algo”, que, por sua vez, envolve uma série de habilidades. Sendo assim, Miranda (2006, p.108), completa que a “competência é o conjunto de recursos e capacidades colocados em ação nas situações práticas do trabalho: saber (conhecimentos), saber-fazer (habilidades) e saber-ser/agir (atitudes).” E analisando a etimologia da palavra “habilidade”, ela vem do latim *habilitas*, que significa aptidão, destreza, disposição para “alguma coisa” (SARAIVA, 1993, p. 512). Diante do exposto, pode-se dizer que as competências e habilidades formam o perfil de um profissional.

Salienta-se também a importância do papel de educador do bibliotecário escolar. De acordo com a ideia de Salgado e Becker (1998), ele tem, dentre suas principais atuações, a de educar, pois educar não se restringe apenas à escola e aos livros, refere-se também a diversos fatores constituintes da relação humana. O bibliotecário escolar se configura como um mediador entre a informação e o usuário da biblioteca.

Sendo assim, este estudo contribuirá para o campo da Ciência da Informação, na medida que busca alcançar um ponto de equilíbrio e consenso em relação à atuação educacional do profissional da informação bibliotecário nas escolas. Além disso poderá fortalecer a função social da biblioteca escolar, mostrando sua capacidade de construir e resgatar valores, proporcionando condições da vivência plena da cidadania, principalmente em escolas públicas, onde a grande maioria dos alunos chega com problemas e necessidades. Essa importância é destacada por Pinheiro (2000), quando menciona que o acesso ao saber e à informação é uma condição imprescindível para concretizar as mudanças e exterminar as crises, fortalecendo a construção de uma cidadania que estimule a razão de lutar e a paixão pela vida, nos deixando sonhar na esperança da democratização.

Soma-se a isso, o fator pessoal que motivou este trabalho, quando iniciei o trabalho na biblioteca de uma escola da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis, e, naquela época, estava desenvolvendo a monografia da Especialização em Gestão de Bibliotecas. Surgiu a possibilidade de pesquisar o tema biblioteca/bibliotecário escolar. O estudo tinha como objetivo identificar e analisar o uso da biblioteca escolar como recurso do fazer didático-pedagógico dos professores. Esse trabalho tratou de problemáticas como a utilização da biblioteca no cotidiano escolar, integração entre o professor e bibliotecário, e inclusão da biblioteca no contexto pedagógico da escola.

Naquele momento, percebi a existência de algo mais para ser estudado, ou seja, precisava identificar o bibliotecário escolar e saber como o próprio profissional se insere no contexto

educacional. As dúvidas foram surgindo: Quem é o bibliotecário escolar? O que ele faz para acompanhar a avalanche informacional? Quais as suas perspectivas, motivações e incentivos? Constatei a necessidade que esse profissional sentia de uma atualização constante, pois, ao começarem a atuar em escolas, os bibliotecários se deparam com habilidades e competências específicas a esse campo de atuação.

Sendo assim, ao ingressar no Mestrado, já vinha com a proposta de trabalhar a temática do bibliotecário escolar. Outro fator que também motivou esta pesquisa é a escassez de estudos na literatura da área, no Brasil. Os estudos relacionados ao tema enfocam, em geral, a biblioteca e o usuário. Dessa forma, evidenciou-se a importância de investigar a competência do bibliotecário escolar, à qual se soma a justificativa pessoal, pois foi ela que sempre motivou o início, o andamento e a finalização deste estudo.

1.2 Objetivos

Esta dissertação trata da competência do bibliotecário que integra o quadro profissional das escolas componentes da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis, diante da sua prática diária de trabalho. O questionamento refere-se à investigação das dimensões da competência e à importância da graduação e da educação continuada desses profissionais, para exercerem suas atividades nas bibliotecas das escolas do município. A partir desses questionamentos, foram traçados os objetivos a seguir.

Como Objetivo Geral, pretendeu-se:

Compreender as dimensões da competência do bibliotecário escolar, expressas nos discursos dos bibliotecários sobre a sua prática de trabalho.

Os aspectos que nortearam a realização da pesquisa constam dos objetivos específicos:

- a) Verificar como os bibliotecários compreendem as dimensões da competência segundo sua prática de trabalho;
- b) Refletir a respeito da suficiência da graduação para o exercício profissional dos bibliotecários na biblioteca escolar; e

c) Constatar elementos nos discursos dos bibliotecários relativos à busca de educação continuada.

A presente dissertação é composta por seis seções. A primeira seção é esta Introdução. A segunda seção apresenta a fundamentação conceitual e optou-se por dividi-la em quatro subseções: Biblioteca escolar, Bibliotecário escolar, competência, dimensões da competência e competência informacional. A terceira seção consta da fundamentação teórica que aponta e delinea as teorias de Berger e Luckmann e das Representações Sociais, usadas na análise dos fenômenos da sociedade, para fundamentar a construção da realidade do bibliotecário através da sua prática diária de trabalho. A quarta seção detalha a metodologia, sendo dividida em quatro subseções que descrevem o universo e os participantes da pesquisa, caracterizam a pesquisa, a coleta e análise dos dados e os procedimentos éticos da pesquisa. A quinta seção apresenta o Discurso do Sujeito Coletivo, e também a análise do mesmo. A sexta seção expõe as considerações finais.

Sendo assim, a próxima seção traz a revisão geral dos conceitos abordados nesta dissertação.

2 FUNDAMENTAÇÃO CONCEITUAL

A escolarização tornou-se obrigatória a partir do século XIX, no Brasil, institucionalizando o ensino e proporcionando o direito à educação às crianças das camadas mais populares. Essa institucionalização do ensino é a escola. A escola é uma comunidade educativa constituída por alunos, professores, pessoal não docente, pais, especialistas em educação e outros colaboradores. A escola é um local de aprendizagem e de formação de todos os intervenientes que desenvolvam estratégias e mobilizem recursos no sentido de assegurar uma formação geral a todas as crianças, que garantam o desenvolvimento de suas capacidades, aptidões e sentido moral.

A escola, no seu coletivo, é o espaço privilegiado de formação da criança, do adolescente e do jovem. Seu papel é entendido como devendo ir além da socialização do conhecimento. A escola é considerada como uma instituição sociocultural, organizada e pautada por valores, concepções e expectativas, onde seus membros são vistos como sujeitos históricos e culturais que relacionam suas ideias, acordando ou contrapondo-se aos demais (MOTA, 2004, p. 2).

Para Hillesheim e Fachin (2003, p. 36), o principal objetivo da escola consiste em oferecer aos alunos habilidades e competências necessárias para o seu desenvolvimento pessoal, social e profissional.

Corrêa *et al.* (2002, p. 107) definem a escola como “a disseminadora do conhecimento, parte integrante do desenvolvimento do indivíduo. Através do ensino escolar, são transmitidas noções gerais de história e cultura que servirão de base para toda a transformação que o indivíduo poderá sofrer e/ou exercer sobre a sociedade.”

Diante dessa perspectiva, torna-se fundamental que a escola esteja apta a preparar o indivíduo para a sobrevivência nesta sociedade que vive em rápida e constante mutação social, econômica e produtiva, e que ela consiga que o aluno seja capaz de compartilhar experiências, de debater, de respeitar os outros, de desenvolver habilidades e aprender a expressar suas próprias opiniões.

Assim sendo, a escola tem a função de levar o estudante com um certo nível inicial a atingir um determinado nível final (LIMA, 2008). Ou seja, são acrescentados novos conhecimentos aos que o estudante já possui, fazendo ligações àqueles já existentes. E, quando se consegue isso, e que o estudante passe de um nível para outro, então tem-se registrado um processo de aprendizagem.

Para compreendermos a relação entre o desenvolvimento humano e o processo de aprendizagem, alguns princípios têm destaque:

- a) o desenvolvimento humano é um processo contínuo;
- b) o indivíduo aprende o que existe em seu meio;
- c) o conhecimento é continuamente transformado pelas novas experiências e informações;
- d) a criança se desenvolve aprendendo as coisas que lhe são ensinadas dentro e fora da escola;
- e) há diversos ritmos de desenvolvimento. (SANT'ANNA; SALES; DIAS, 2006, p. 6).

Considerando que a escola é o lugar de realização das atividades específicas de construção e reflexão do conhecimento formalmente organizado, propiciando, por meio de todo o processo, uma formação integral a todos os sujeitos que por ela passam, a escola tem de provocar o desenvolvimento do indivíduo, ou seja, não pode limitar-se a ensinar aquilo que a criança estaria em condições de aprender. O ensino, portanto, deve propiciar situações em que seja possível a formação de outras categorias de pensamento e de outros conceitos, trazendo informações e experiências novas que provoquem mudanças no aluno. Sendo assim, de acordo com Smole (2000), o ensino deve ampliar as dimensões dos conteúdos específicos dos diversos componentes curriculares, incluindo ações que possibilitem o desenvolvimento e a valorização de todas as competências intelectuais do aluno.

Darin e Medeiros (2004, p. 14) afirmam que:

O aluno, ao construir permanentemente o seu conhecimento, necessita fundamentalmente do ato docente, dirigindo e orientando, que estará presente no planejamento e na realização das aulas, das atividades extraclases e na avaliação, pois este possibilita, facilita e acelera a aprendizagem.

A partir dessa reflexão, podemos dizer que o processo de aprendizagem é socializador, e deve ser visto como fruto de um trabalho coletivo no qual o aluno irá interagir com o meio ambiente, as pessoas e com os instrumentos de trabalho.

A atual estrutura do sistema educacional regular brasileiro compreende a educação básica – formada pela educação infantil, ensino fundamental e ensino médio – e a educação superior. De acordo com a legislação vigente, compete aos municípios atuar prioritariamente no ensino fundamental e na educação infantil e aos Estados e o Distrito federal, no ensino fundamental e médio. O governo federal, por sua vez, exerce, em matéria educacional, função redistributiva e

supletiva, cabendo-lhe prestar assistência técnica e financeira aos Estados, ao Distrito Federal e aos Municípios. Além disso, cabe ao governo federal organizar o sistema de educação superior.

A educação infantil, primeira etapa da educação básica, é oferecida em creches, para crianças de até 3 anos de idade e em pré-escolas, para crianças de 4 a 6 anos. O ensino fundamental, com duração mínima de nove anos, é obrigatório e gratuito na escola pública, cabendo ao Poder Público garantir sua oferta para todos, inclusive aos que a ele não tiveram acesso na idade própria. O ensino médio, etapa final da educação básica, tem duração mínima de três anos e atende a formação geral do educando, podendo incluir programas de preparação geral para o trabalho e, facultativamente, a habilitação profissional. A Emenda Constitucional n.º 14 prevê sua progressiva universalização.

Além do ensino regular, integram a educação formal: a educação especial, para os portadores de necessidades especiais; a educação de jovens e adultos, destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade apropriada. A educação profissional, integrada às diferentes formas de educação, ao trabalho, à ciências e à tecnologia, com o objetivo de conduzir ao permanente desenvolvimento de aptidões para a vida produtiva. O ensino de nível técnico é ministrado de forma independente do ensino médio regular. Este, entretanto, é requisito para a obtenção do diploma de técnico.

A educação superior abrange os cursos de graduação nas diferentes áreas profissionais, abertos a candidatos que tenham concluído o ensino médio ou equivalente e tenham sido classificados em processos seletivos. Também faz parte desse nível de ensino a pós-graduação, que compreende programas de mestrado e doutorado e cursos de especialização. Uma inovação prevista na nova LDB é a criação de cursos seqüenciais por campo do saber, de diferentes níveis de abrangência, que serão abertos a candidatos que atendam aos requisitos estabelecidos pelas instituições de ensino superior. (MERCOSUL EDUCACIONAL, 2006).

É nesse contexto que se insere a biblioteca escolar, como um recurso indispensável ao processo de ensino-aprendizagem, integrando-se à escola como parte dinamizadora de toda ação educacional, dando suporte aos programas educacionais.

Quando o tema é escola e biblioteca escolar, é preciso esclarecer o nível de ensino ao qual ambas estão vinculadas. No caso específico desta pesquisa, trata-se de escolas de ensino fundamental, vinculadas à Rede Municipal de Ensino de Florianópolis. Por isso, a necessidade de conceituar ensino fundamental.

Diante do exposto, em relação ao ensino fundamental, a Lei n. 9.394, aprovada em 20 de dezembro de 1996, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, define os níveis escolares da educação no país e considera a educação básica como o primeiro nível, sendo formada pela educação infantil, pelo ensino fundamental e pelo ensino médio. Seu artigo 32 refere-se aos objetivos do ensino fundamental e expressa:

O ensino fundamental, com duração mínima de oito anos², obrigatório e gratuito na escola pública, terá por objetivo a formação básica do cidadão, mediante:

- I – o desenvolvimento da capacidade de aprender; tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo;
- II – a compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade;
- III – o desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidades e a formação de atitudes e valores;
- IV – o fortalecimento dos vínculos com a família, dos laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca em que se assenta a vida social.

O ensino fundamental é a base da formação dos indivíduos. É considerado um “passaporte para a vida”, e deve desenvolver um corpo de conhecimentos essenciais. Este nível escolar, hoje, de acordo com a Lei 11.274/2006, determina que criança estudará o primeiro ano a partir dos 6 anos de idade para terminar aos 14 anos.

A ênfase no ensino fundamental foi consequência da “Conferência Mundial sobre Educação para Todos”, realizada na cidade de Jomtien, na Tailândia, em 1990, que, de acordo com Torres (1998, p. 127), definiu a educação básica como “prioridade para esta década e a educação de 1º grau como o ‘carro chefe’ no alcance da referida educação básica.”

Os currículos do ensino fundamental possuem uma base nacional comum, que abrange as seguintes áreas do conhecimento: Língua Portuguesa, Matemática, História, Geografia, Ciências, Educação Física e Artes.

Em 1997, o Ministério da Educação e Cultura apresentou os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) para o Ensino Fundamental, publicados em 10 volumes, que constituem um referencial de qualidade para o ensino fundamental no país. Cabe ressaltar que os PCNs (1997, p.

² Salienta-se que recentemente foi promulgada a Lei 11.274/2006, que obriga o Ensino Fundamental de nove anos, mas existe um prazo para adesão até 2010. A ampliação do ensino fundamental para nove anos vem sendo discutida pela Secretaria de Educação Básica do Ministério da Educação e Cultura (SEB/MEC) com os sistemas de ensino. A maioria das escolas ainda mantém a duração de oito anos no ensino fundamental, mas o movimento para ampliação já começou em muitos estados e municípios. Em Florianópolis, a Secretaria de Educação Municipal ampliou o ensino fundamental, com duração para nove anos a partir de 2007.

56) indicam, como um dos objetivos do ensino fundamental, “saber utilizar diferentes fontes de informação e recursos tecnológicos para adquirir conhecimentos.”

Gadotti (1994, p. 25) enfatiza que o ensino fundamental “objetiva o domínio progressivo da leitura, da escrita e do cálculo, enquanto instrumentos para a compreensão e solução dos problemas humanos e acesso sistemático ao conhecimento.” Como o próprio nome indica, ele é fundamental, tanto para o desenvolvimento individual do aluno, quanto para a eficiência da sua integração na sociedade.

Este referencial nos leva a refletir a importância da biblioteca escolar no ensino fundamental. A biblioteca escolar é importante em qualquer nível de ensino e, particularmente, no ensino fundamental. Pois nesse período formaliza-se a frequência da criança na biblioteca e a sua conscientização sobre a utilização da mesma. É a primeira oportunidade, muitas vezes a única, onde a criança aprende a gostar de ler e a se autoexpressar.

2.1 Biblioteca e bibliotecário escolar

A biblioteca, quando inserida no contexto escolar, tem como um dos seus principais objetivos ser um espaço que auxilia e facilita o processo de ensino-aprendizagem. A realidade brasileira nos mostra que precisa-se mudar a imagem da biblioteca escolar para alunos e sociedade. Autores como Valentim (2000) e Silva (1999) trazem à tona várias questões, já consideradas históricas, que envolvem as bibliotecas escolares, na realidade brasileira. Dentre as quais podemos citar: falta de políticas públicas no sentido de potencializar a criação e a manutenção de bibliotecas escolares e a contratação de profissionais qualificados para desempenhar as funções que são demandadas por bibliotecas dessa natureza.

Outros autores, como Dudziak (2003) e Campello (2003), concordam que existe a necessidade e que este é o momento de se ampliar a função pedagógica da biblioteca e de se repensar o papel do bibliotecário escolar. Diante disso, justifica-se tratar na mesma subseção os temas da biblioteca e do bibliotecário escolar, pois, quando se fala em biblioteca, evidencia-se que, para a mesma alcançar seus objetivos e cumprir sua missão, faz-se necessária a presença de um profissional habilitado para essa função: o bibliotecário escolar. De acordo com o Manifesto da

UNESCO para Biblioteca Escolar (1999, p. 3), o bibliotecário escolar “é o elemento do corpo docente, qualificado, responsável pelo planejamento e gestão da biblioteca escolar.”

O que evidencia-se, de acordo com a literatura, é que a biblioteca escolar já supera alguns conceitos que a fizeram por muito tempo ser vista como um simples depósito. Diante dessa perspectiva, salienta Marta Tomé *apud* Organização dos Estados Americanos (1985, p. 21) que define a biblioteca escolar transpondo antigas conceituações desse organismo:

A biblioteca moderna é um centro ativo de aprendizagem com uma participação direta em todos os aspectos do programa de educação com materiais de todo tipo, onde educadores, estudantes e usuários em geral podem redescobrir e ampliar os conhecimentos, desenvolver pesquisas desenvolver aptidões para leitura [...].

Sendo assim, a biblioteca escolar não deve ser mero depósito de livros, mas deve ser um centro ativo de aprendizagem. Para Corrêa *et al.* (2002, p. 110), a biblioteca escolar:

É um sistema no qual se encontram acessíveis as fontes de informação, onde estão armazenados os registros do pensamento humano dos diferentes séculos, devendo atender a alunos, professores e aos demais, que se fazem presentes no contexto escolar.

O Manifesto da UNESCO para Biblioteca Escolar, um documento elaborado pela Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura – UNESCO e pela *International Federation of Library Associations and Institutions* – IFLA (1999), aponta que a missão da biblioteca escolar é “disponibilizar serviços de aprendizagem, livros e recursos que permitam a todos da comunidade escolar tornarem-se pensadores críticos e utilizadores efetivos da informação em todos os suportes e meios de comunicação.”

Nesse sentido, observa-se que a biblioteca escolar cada vez mais desempenha novos papéis. Ela deixou de conter apenas livros, para se tornar um espaço multimídia. Ela passa a ser um local privilegiado para o desenvolvimento de um conjunto de capacidades de atualização e manuseio de informações, o que a torna cada vez mais um espaço de aprendizagem do uso adequado da informação.

A relação entre escola e biblioteca escolar se estreita, quando utiliza-se como base uma das aprendizagens fundamentais – o aprender a aprender, que possibilita à biblioteca contribuir promovendo o aumento e o acesso à informação, na escola.

Outro fator que contribui para a expansão da biblioteca escolar, no processo de aprendizagem, é a sua inserção nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), que descreve os

papéis da biblioteca escolar como participante na formação dos sujeitos, deixando como responsabilidade da escola a aplicação de recursos que irão concretizar essa participação.

A educação proposta nos PCN exige que a escola crie oportunidades para que as crianças e jovens usem a linguagem em suas diferentes modalidades. Isso significa que os alunos precisam ter uma prática constante de leitura de textos que circulam na sociedade.

A biblioteca escolar é um veículo de socialização do saber, um espaço democrático e um recurso muito importante de que a escola dispõe para inteirar o processo educacional. Nesse sentido, ressalta-se que:

Ensino e biblioteca são instrumentos complementares [...]; ensino e biblioteca não se excluem, completam-se. Uma escola, sem biblioteca é um instrumento imperfeito. A biblioteca sem ensino, ou seja, sem tentativa de estimular, coordenar e organizar a leitura, será por seu lado, instrumento vago e incerto (LOURENÇO FILHO, *apud* SILVA, 1999, p. 67).

A biblioteca escolar possui objetivos definidos na bibliografia especializada, e Hillesheim e Fachin *apud* Corrêa et al (2002, p. 113) mencionam os principais:

- a) ampliar conhecimentos, visto ser uma fonte de cultura;
- b) colocar à disposição dos alunos um ambiente que favoreça a formação e desenvolvimento de hábitos de leitura e pesquisa;
- c) oferecer aos professores o material necessário a modalidades de recursos, quanto à complementação do ensino- aprendizagem, dentro dos princípios estabelecidos pela moderna pedagogia;
- d) proporcionar aos professores e alunos condições de constante atualização de conhecimento em todas as áreas do saber;
- e) conscientizar os alunos de que a biblioteca é uma fonte segura e atualizada de informações;
- f) estimular nos alunos o hábito de freqüência³ a outras bibliotecas em busca de informações e/ou lazer; e
- g) integrar-se com outras bibliotecas, proporcionando intercâmbios culturais, recreativos e de informações.

Diante desses objetivos a biblioteca escolar tem funções fundamentais a exercer. Para Stumpf e Oliveira *apud* Hillesheim e Fachin (1999, p. 69), essas funções são agrupadas em três categorias: educativa, cultural/social e recreativa/educativa.

³ Nas citações diretas e títulos de obras (livros/artigos), a ortografia antiga será mantida, por fidelidade à obra citada.

- a) função educativa: funcionando como apoio ao desenvolvimento das atividades curriculares objetivando a melhoria do ensino, como instrumento de formação do indivíduo, onde está inserido o papel da educação;
- b) função cultural/social: onde são disponibilizados os produtos da cultura, [...], que facilitam a transmissão dos conhecimentos. Sua função social se amplia quando a biblioteca abre suas portas para a comunidade em geral;
- c) função recreativa/educativa: abre espaço para uma nova concepção do usuário sobre a biblioteca, conduzindo-o para a leitura e pesquisa de forma prazerosa e não por obrigação.

Com base nas considerações feitas até agora, salienta-se a afirmação realçada nas palavras de Sanches Neto *apud* Hillesheim e Fachin (1999, p. 66): “a biblioteca é encarada como um anexo da escola, quando na verdade, ela deveria ser sua alma.”

É importante que haja harmonia entre biblioteca e escola para, juntas, alcançarem seus objetivos. Não se pode alienar a biblioteca do processo educativo, sem prejuízo para todos os interessados, principalmente os alunos, que perdem um grande recurso de auxílio na aprendizagem e enriquecimento cultural. Assim, entendemos que a biblioteca escolar:

Deve existir como um órgão de ação dinamizadora e não cair na passividade que, às vezes, nos leva a não efetuar um trabalho difusor de informações por não sentirmos estimulados e respaldados por aqueles que seriam, em primeira instância, beneficiados pelo trabalho da biblioteca (AMATO E GARCIA, *apud* SALGADO, 1998, p. 3).

Nesse sentido, observa-se que a biblioteca escolar cada vez mais desempenha novos papéis. Ela deixou de conter apenas livros para se tornar um espaço multimídia. Ela passa a ser um local privilegiado para o desenvolvimento de um conjunto de capacidades de atualização e manuseio de informações que precisam ser aprendidas pelos alunos. E cada vez mais a biblioteca escolar é um espaço de aprendizagem do uso adequado da informação.

Pode-se dizer que a biblioteca escolar é um instrumento indispensável como apoio didático pedagógico e cultural, e também um elemento mediador dentro da escola, pois oferece condições para que as pessoas busquem argumentos na defesa de uma postura diante do mundo.

Diante disso, o bibliotecário escolar é o profissional responsável pela gerência da biblioteca. A ele compete fazer com que essa unidade de informação funcione de modo apropriado e dinâmico. Precisa gerenciar os projetos da biblioteca de acordo com o plano curricular da escola.

Para Silva (1999, p. 76), o bibliotecário escolar é:

Uma espécie de coordenador da biblioteca, responsável, como já denota o termo, pela coordenação das sugestões, idéias, atividades vindas de todos os pontos da escola, sempre visando à transformação da biblioteca escolar num espaço dinâmico e articulado com o

trabalho desenvolvido pelo professor. [...], o florescimento da postura de educador no bibliotecário escolar implica o seu desprendimento das tarefas mais técnicas. [...], não é possível admitir que o bibliotecário, especialmente o escolar, prenda-se a minúcias tecnicistas e, como conseqüência, relegue a planos inferiores o seu papel principal, qual seja, a orientação do leitor, sobretudo dos mais inexperientes, no contato com a biblioteca.

Para atuar em biblioteca escolar, o profissional necessita ter habilidades para oferecer oportunidades, materiais e atividades específicas à comunidade escolar. Sua grande tarefa é tornar a biblioteca da escola um lugar agradável, dinâmico, onde exista um clima amigável entre o bibliotecário e o público.

O bibliotecário tem de pensar cautelosamente sobre como deve armazenar e administrar a massa de informações que, entra ano, sai ano, cresce assustadoramente (GADAMER, 2006, p. 16). E essa afirmação estende-se ao bibliotecário escolar que, além de conviver com a crescente massa informacional, necessita adequar seus serviços para tornar a biblioteca um local agradável e convidativo, para que os usuários despertem o gosto pela leitura.

Os bibliotecários são indispensáveis ao processo de ensino-aprendizagem, mormente pelo fato de que o conteúdo do ensino necessita constituir memória, ser organizado também como informação e ser recuperado para estudo e retroalimentação do processo de produção e transmissão de novos saberes (SOUZA, 1999, p. 52).

De acordo com Stumpf (1987, p. 77):

o bibliotecário é elemento-chave, dinamizador de todo o processo. Dependerá sempre de seus valores e crenças o resultado das ações efetuadas dentro da biblioteca. Assim, se ele considerar a educação num sentido amplo e não restrito somente ao ensino, mas à formação de hábitos e atitudes próprias no aluno, ele se integrará à ação docente de forma mais efetiva e abrangente.

De acordo com Craver (1986) *apud* Campello (2009), foram definidos três papéis para o bibliotecário na escola: especialista em informação, professor e consultor didático (*instructional consultant*). Como especialista em informação, ele desenvolveria atividades características da biblioteca, na sua perspectiva de estoque de informação – seleção, aquisição, organização e divulgação do acervo – proporcionando o acesso físico aos recursos informacionais. Como professor, o bibliotecário iria ensinar não apenas as habilidades que vinha tradicionalmente ensinando (localizar e recuperar informação), mas também se envolveria no aprendizado das competências de pensar criticamente, ler, ouvir e ver. Como consultor didático, o bibliotecário

deveria integrar o programa da biblioteca ao currículo escolar, colaborando no processo de ensino-aprendizagem e assessorando no planejamento e na implantação de atividades curriculares.

Ressalta-se, nas palavras de Caldin (2005, p. 163), que:

embora alguns bibliotecários se preocupem apenas com a função educativa da biblioteca, a maioria acredita e defende que ela tem uma função cultural a desempenhar. Esses últimos preocupam-se em transformar a biblioteca em um mecanismo real para a formação da consciência crítica do educando.

Com isso, dinamiza-se e dissemina-se a leitura como prática social. Como contribuição a esse pensamento, pode-se citar Litton *apud* Corrêa *et al* (2002, p. 116), que definiu três grandes categorias de tarefas que o bibliotecário escolar deve realizar:

a) Tarefas administrativas: planejar e executar o programa bibliotecário; - selecionar e supervisionar o pessoal de rotina necessário para o movimento de trabalho; - integrar a biblioteca no programa educativo; programar o uso das obras por estudantes e professores e divulgar, junto à comunidade escolar, informações sobre seus serviços e recursos bibliográficos.

b) Tarefas educacionais: ter conhecimento das necessidades de leitura individuais dos estudantes e de seus interesses; planejar com os professores diversas formas de integração do serviço bibliotecário com o programa docente da aula; procurar incluir ao serviço bibliotecário um caráter humano e se ocupar das necessidades individuais dos alunos, no processo de aprendizagem; manter-se informado das novidades, métodos e materiais educativos e indicar aos professores materiais para seu contínuo crescimento cultural e para o enriquecimento geral do programa docente.

c) Tarefas técnicas: estabelecer os procedimentos para seleção, aquisição, processamento, preparação e empréstimo de materiais; manter uma documentação precisa do material bibliográfico e audiovisual da biblioteca; descartar periodicamente os materiais da biblioteca que estão deteriorados, desgastados e desatualizados e supervisionar a realização para o bom funcionamento da biblioteca.

Diante disso, além das tarefas administrativas, educacionais e técnicas, o bibliotecário escolar desempenha algumas funções educativas, que concentram-se no sentido de auxiliar a comunidade escolar na utilização correta das fontes de informação, dando embasamento para que o educando saiba usufruir esses conhecimentos também fora do ambiente escolar, ensinando a socialização através do compartilhamento de informações, preparando assim o educando no desenvolvimento social e cultural.

Ely (2003) ressalta que os bibliotecários também têm uma função pedagógica e recreativa. Pedagógica, quando focalizam a educação do usuário no uso da biblioteca e das fontes de

informação. E a dimensão recreativa está ligada à atenção às necessidades individuais ou de grupos de leitores. Pois, a diversidade do acervo recreativo precisa ser mantida, para que todos encontrem resposta aos seus interesses e desejos.

Percebe-se os traços marcantes do perfil do profissional que atua nas bibliotecas [escolares], cuja preocupação não é fornecer informação propriamente dita, mas orientar pessoas na aquisição de conhecimentos e prepará-las para que possam, sozinhas, buscar informações sempre que precisarem (MUELLER, 1989, p. 66). Pode-se dizer que o bibliotecário escolar tem a responsabilidade de propor atividades de motivação, que estimulem o hábito de leitura, o gosto pela pesquisa e o próprio prazer de ampliar conhecimentos. Porém, salienta-se que não é fácil a inserção do bibliotecário no contexto escolar. Embora muitos se considerem educadores, nem sempre os professores percebem esses profissionais como colegas engajados no processo educacional.

Destaca-se que, para a atuação do bibliotecário escolar na escola, é necessária a integração com professores, pois a ação conjunta contribui para a qualidade do desempenho escolar. Mas, na prática, essa interação é um pouco difícil de acontecer. Segundo o Manifesto da Unesco (1999, p. 3), “é muito importante que os bibliotecários escolares possuam conhecimentos para poderem assegurar um funcionamento eficaz, dos serviços: a gestão de recursos, a gestão de bibliotecas e de informação e a pedagogia.”

A necessidade de integração entre bibliotecário e professor é evidenciada no texto de Silva (1991):

A organização e a dinamização dessa biblioteca devem ser feitas por [...] bibliotecários, trabalhando em íntima relação com o corpo docente e discente e fazendo a ligação com as necessidades da comunidade. Sem essa integração, sem essa comunhão de esforços, é quase certo que a biblioteca escolar peque e pereça pela descontinuidade e pelo isolamento.

De acordo com a literatura, os fatores que dificultam a interação entre bibliotecários e professores inicia-se na formação desses profissionais. O bibliotecário sai da universidade sem ter conhecimento do vasto campo da biblioteca escolar e os professores passam pelas aulas de didática, sem ter em seus conteúdos a exploração do potencial de utilização da biblioteca escolar como recurso de ensino-aprendizagem.

Outro fator de destaque em relação ao bibliotecário escolar faz menção à dificuldade que o profissional enfrenta nas escolas, por não ter conhecimento teórico que permita auxiliá-lo nas

atividades pedagógicas, na biblioteca. Milanesi (2002, p. 25) salienta que “a academia deveria prever na formação dos profissionais da informação, a mediação entre a informação e a escola.”

Percebe-se na realidade do bibliotecário escolar um distanciamento entre o que é aprendido na graduação e a prática na escola. Diante disso, afirma-se que:

Ao iniciarem suas práticas, os bibliotecários se deparam com casos que exigem adaptação do aprendizado e passam a observar que o ensino formal de biblioteconomia pode ser insuficiente para a intervenção criativa em muitas situações (SOUZA, 2003, p. 34).

Evidencia-se que o ensino de Biblioteconomia necessita romper com a concepção de um profissional técnico. Nesse sentido,

os cursos de graduação estão buscando, através de novas propostas curriculares, um perfil profissional de natureza mais interdisciplinar que possa dar conta de uma realidade heterogênea, em um tempo de rápidas, constantes e profundas mudanças, com um aparato tecnológico constantemente em aperfeiçoamento e com usuários cada vez mais exigentes (ABECIN, 2002, p.11).

Diante disso, os cursos podem organizar seus projetos pedagógicos de maneira a incluir disciplinas coerentes com a realidade social local. Além do domínio dos conteúdos inerentes à área, esse profissional seria preparado para enfrentar os problemas de sua prática profissional, produzir e disseminar conhecimentos, assim como refletir criticamente sobre a realidade que o envolve (RODRIGUES, 2002).

Pode-se dizer que os bibliotecários escolares devem buscar no aprendizado contínuo, a melhoria de suas qualificações e competências, com a finalidade de aumentar sua visibilidade profissional e promover as dimensões da sua competência, que não podem ser adquiridas com suficiência apenas na graduação.

2.2 Competência

A noção de qualificação é necessária para conceituar competência, para Manfredi (1998), a qualificação está associada ao repertório teórico das ciências sociais, ao passo que a competência está historicamente ancorada nos conceitos de capacidades e habilidades, constructos herdados das ciências humanas.

Existem pontos convergentes e divergentes entre as noções de qualificação e competência, pois pressupõem um conjunto de mediações a serem estabelecidas, sendo que os dois são conceitos polissêmicos, recheados de significados sociais e políticos, que se atualizam em conjunturas históricas distintas.

Para Manfredi (1998), até os anos de 1980, o conceito de qualificação foi capaz de responder às exigências das práticas sociais, traduzindo a relação trabalho/emprego/formação profissional. A partir dos anos 90, algumas dimensões desses conceitos são enfraquecidos e a noção de competência passa a disputar esse espaço. O que se observa é que o desenvolvimento de competências conduz à formação de um indivíduo qualificado.

Na substituição do conceito de qualificação, como formação para o trabalho, pelo de competência, como atendimento ao que o mercado de trabalho parece guardar, está o viés ideológico, presente na proposta neoliberal, que se estende ao espaço da educação, no qual passam a se demandar, também, competências na formação dos indivíduos (RIOS, 2005, p. 83). Para essa autora, quando recorremos ao termo “competências” para explorar a ideia de qualificação, corremos o risco de ter seu significado modificado, principalmente no que diz respeito à formação profissional.

Reportando à formação profissional do bibliotecário escolar, ocorre o encontro desse profissional com o seu papel de educador (PASSOS; SANTOS, 2005, p. 11). Conforme esses autores, existem duas identidades assumidas pelo bibliotecário no contexto educacional. Ou seja, o bibliotecário escolar redesenha sua profissão, buscando uma qualificação além da formação técnica que possui, tentando construir uma identidade profissional e construir o seu papel de educador.

Quanto à “competência”, sua origem vem do latim, *competentia*, que significa proporção, simetria (SARAIVA, 1993, p. 260). A noção de competência refere-se à capacidade de compreender uma determinada situação e reagir adequadamente frente a ela, ou seja, fazer uma avaliação dessa situação de forma proporcionalmente justa para com a necessidade que ela sugere, a fim de atuar da melhor maneira possível.

A competência relaciona-se ao “saber fazer algo” que, por sua vez, envolve uma série de habilidades. “Habilidade” vem do latim *habilitas*, que significa aptidão, destreza, disposição para “alguma coisa” (SARAIVA, 1993, p. 512). O estudo da origem etimológica das palavras “competência” e “habilidade” é necessário porque, de certa forma, existe uma confusão entre os dois termos. Podemos dizer que as competências e habilidades formam o perfil de um profissional. Quando, no modelo empresarial, precisa-se obter o máximo de produtividade no menor tempo e com menores gastos, a gestão por competências é uma opção para a formação de equipes de alto desempenho e motivadas em relação a resultados (PERRENOUD, 2002, p. 140). Na sociedade atual, na qual o conhecimento transformou-se no principal fator de produção, é natural que muitos conceitos transitem entre os universos da economia e da educação.

A educação tem absorvido ao longo dos anos tendências empresariais, mas com uma certa cautela, para não cair em modismos.⁴ Na educação, a noção de competência é muito abrangente. Evidencia-se que o termo “competência” não é recente, mas seu emprego foi modificado, ele substituiu alguns termos como “saberes”, “habilidades”, “capacidades”, etc. Essa substituição não se dá em virtude do esgotamento de sua significação. E sim, por indicar uma alteração no interior tanto da reflexão, quanto da prática educativa e profissional (RIOS, 2005, p. 85).

Segundo Mello (1982, p. 42), o conceito de competência tem

[...] várias características que são importantes indicar. Em primeiro lugar o domínio adequado do saber escolar a ser transmitido, juntamente com a habilidade de organizar e transmitir esse saber, de modo a garantir que ele seja efetivamente apropriado pelo aluno. Em segundo lugar, uma visão relativamente integrada e articulada dos aspectos relevantes mais imediatos de sua própria prática, ou seja, um entendimento das múltiplas relações entre vários aspectos da escola. [...] Em terceiro, uma compreensão das relações entre o preparo técnico que recebeu, a organização da escola e os resultados de sua ação. Em quarto lugar, uma compreensão mais ampla das relações entre a escola e a sociedade, que passaria necessariamente pelas questões de suas condições de trabalho e mensuração.

⁴ Vale ressaltar que a integração da noção de competência à Reforma Educacional Brasileira inicia-se, legalmente, com aprovação da nova LDB (1996). As principais ideias tomaram por base o relatório da UNESCO “Os caminhos da educação para o século XXI” (DELORS, 2000).

Perrenoud (1997, p. 7) reconhece que “a noção de competência tem múltiplos sentidos.” Mas define competência como:

[...] uma capacidade de agir eficazmente em um tipo definido de situação, capacidade que se apóia em conhecimentos, mas não se reduz a eles. Para enfrentar da melhor maneira possível uma situação, devemos em geral colocar em jogo e em sinergia vários recursos cognitivos complementares, entre os quais os conhecimentos.

Para esse autor a competência implica, também, em uma capacidade de atualização dos saberes. A competência vai além da aquisição de conhecimentos, que, isolados, não são suficientes. É necessário relacionar os conhecimentos com os problemas encontrados, ou seja, a competência deve estar ligada a uma prática social. Diante disso, para se designar uma competência, não basta acrescentar uma ação a um conhecimento.

Rios (2005) considera fundamental a situação em que se desenvolve o trabalho, na medida em que se mobilizam determinados saberes e isso demanda a organização de novas capacidades, em virtude do processo que se realiza social, técnica e politicamente.

A competência, para Perrenoud (2002), tem três características:

- a) a personalidade é a primeira característica fundamental na idéia de competência, pois as pessoas são ou não são competentes, toda tentativa de atribuição de competência a objetos ou artefatos parece insólita ou inadequada;
- b) a outra característica é o âmbito no qual a competência é exercida. Não existe uma competência sem a referência a um contexto no qual ela se materializa: a competência sempre tem um âmbito, o que torna natural é a expressão “Isto não é da minha competência” e
- c) a terceira característica da idéia de competência é a mobilização. Uma competência está sempre associada a uma mobilização de saberes. Não é um conhecimento acumulado, mas a virtualização de uma ação, a capacidade de recorrer ao que se sabe para realizar o que se deseja, o que se projeta.

Na Classificação Brasileira de Ocupações – CBO (2002), o conceito de competência tem duas dimensões:

Dimensão 1 – Nível de competência: relaciona-se à complexidade das atividades desenvolvidas no emprego ou outro tipo de relação de trabalho.

Dimensão 2 – Domínio (ou especialização) da competência: relaciona-se às características do contexto do trabalho, como área de conhecimento que identifica o tipo de profissão ou ocupação.

No âmbito da biblioteca escolar, a competência pode dividir-se em cinco dimensões: técnica, estética, ética, política e informacional – com a intenção de ampliar a sua compreensão. Essas dimensões serão descritas na próxima seção.

2.3 Dimensões da competência do bibliotecário

Rios (2005) menciona as dimensões da competência do professor. No âmbito deste trabalho, utiliza-se essas dimensões da competência voltadas para o bibliotecário escolar, tendo em vista que há uma dimensão educativa na *praxis* bibliotecária. As dimensões pela autora caracterizadas são: técnica, estética, ética e política. E, no âmbito deste trabalho, incluiu-se a dimensão da competência informacional.

2.3.1 Dimensão Técnica

Na Grécia antiga, surge o termo *techne*, usado para “descrever qualquer habilidade no fazer e, mais especificamente, uma competência profissional oposta à capacidade instintiva ou ao mero acaso.” Esse termo indicava também um ofício, uma arte, uma habilidade, uma ciência aplicada (PETERS, 1974, p. 224 *apud* RIOS, 2002, p. 94).

A técnica reporta, assim, à realização de um ofício, isto é, dominar com propriedade um campo específico de atuação. Aqui é importante ressaltar a necessidade dos cursos de formação valorizarem o domínio dos conteúdos conceituais e da pesquisa, pois essa formação é a ancoragem necessária para as demais dimensões do profissional. Para Chauí (2000), a técnica é um conhecimento empírico, que, graças à observação, elabora um conjunto de receitas e práticas para agir sobre as coisas.

Rios (2005, p. 94) considera “a dimensão técnica de suporte da competência, uma vez que ela se revela na ação dos profissionais. Esse conceito de dimensão técnica é empobrecido [na biblioteca]

quando se considera a dimensão técnica desvinculada de outras dimensões.” Como aconteceu durante muito tempo com as práticas bibliotecárias, que se vinculavam somente à técnica.

Para Rios (2005), é importante associar a ideia da técnica com a *poiesis* e *praxis*, para que se explore de maneira mais ampla sua presença na competência. Ressalta-se que o sentido utilizado desses termos deve ser o original, conforme Aristóteles, a *poiesis* deriva-se de um tipo de ação que ele denomina “de fazer ou produzir”; a *praxis*, por sua vez, de uma ação denominada “de agir”. Embora ambos os tipos de ação sejam orientados teleologicamente, ou seja, são ações que se deixam orientar por uma finalidade, Aristóteles deixa claro que produzir e agir não são a mesma coisa: “por isso, a disposição, acompanhada de razão, que se dirige à ação, é distinta da disposição, igualmente acompanhada de razão, que se dirige até a produção” (ARISTÓTELES, 1973, p. 405). Utilizando-se do sentido original dos termos, Rios (2005) afirma que existe um caráter poético na técnica e na prática profissional.

Pode-se dizer que, para que a prática bibliotecária seja competente, não basta o domínio dos conhecimentos técnicos, mas é necessário que a dimensão técnica da competência seja articulada com as demais dimensões, para que se efetue um trabalho de qualidade na biblioteca escolar.

2.3.2 Dimensão Estética

Os gregos usavam o termo *aesthesis* para indicar a percepção sensível à realidade (RIOS, 2005, p. 96). Para Chauí (2000), estética significa conhecimento sensorial, experiência, sensibilidade.

A intenção da dimensão estética, na presente dissertação, é fazer menção à presença da sensibilidade e da criatividade como elementos constituintes do saber e do fazer do bibliotecário escolar.

Na prática, o que o bibliotecário escolar precisa é transformar a biblioteca em um local dinâmico e atraente, para estimular a sua utilização por parte dos alunos. Para elucidar o ponto em que a criatividade é exigida do bibliotecário escolar, faz-se necessário conceituar o termo “criatividade”, na visão de estudiosos de áreas distintas. Para aqueles ligados às artes, a criatividade está intimamente relacionada à capacidade de compreender, de relacionar, de configurar, de

significar o que o ser humano possui, como ser formador (OSTROWER, 1986). Na área de propaganda, publicidade e *marketing*, o termo é designado como “processo de produção pelo qual uma pessoa produz um maior número de idéias, pontos de vista, hipóteses, soluções, opiniões originais e eficazes do que as demais pessoas, num espaço mais curto de tempo” (GALVÃO *apud* HEXEL, 1996, p.34). Ou ainda “atividade mental organizada, visando obter soluções originais para satisfação de necessidades e desejos.” (MASLOW *apud* HEXEL, 1996, p.34). Diante dessas concepções, afirma-se que o processo criativo assume características distintas de acordo com o campo de atuação de cada um.

Na biblioteca escolar, pode-se usar a definição de Woods (1999), que relaciona a criatividade com o poder de inovação e com o tempo de experiência do profissional. Para esse autor, a inovação é pertencente ao próprio bibliotecário e está no cerne da sua atividade. Ou seja, quando os bibliotecários são levados a fazer uso da criatividade para resolver os problemas levantados na complexidade, incerteza, instabilidade e conflito de valores na escola. Além disso, a criatividade inclui a imaginação acompanhada pela adaptabilidade, flexibilidade e facilidade para a improvisação e experimentação por parte do bibliotecário. Para Caldin (2005, p. 163), “o bibliotecário tem de largar seu papel passivo, de mero processador técnico de livros e desempenhar um papel ativo: agente de mudanças sociais.” Com isso, o bibliotecário trabalha o seu poder de inovação e criatividade, tendo o auxílio da sua sensibilidade, tornando possível exercer a dimensão estética da competência.

A sensibilidade do bibliotecário está relacionada com o potencial criador e com a afetividade dos indivíduos, que se desenvolvem num contexto cultural determinado. Assim,

A sensibilidade do indivíduo é aculturada e por sua vez orienta o fazer e o imaginar individual. Culturalmente seletiva, a sensibilidade guia o indivíduo nas considerações do que para ele seria importante ou necessário para alcançar certas metas de vida [...] a sensibilidade se converte em criatividade ao ligar-se estreitamente a uma atividade social significativa para o indivíduo (OSTROWER, 1986, p. 17 *apud* RIOS, 2005, p. 97).

A sensibilidade e a criatividade são dimensões da existência, do agir humano. De acordo com Gadamer (2006, p. 67), “o ser humano não é um animal inteligente, mas um ser humano.” Para Rios (2005, p. 98), a racionalidade não é algo isolado, mas estreitamente articulado a outras capacidades, a outros instrumentos que tem o homem para interferir na realidade e transformá-la. Sendo assim, a sensibilidade e a imaginação são elementos constituintes da humanidade do homem e não podem ser desconsideradas quando se fala na sua realização.

Quando se fala em competência, trata-se de uma sensibilidade ou de uma criatividade que tem um movimento na direção da beleza, aqui vista como algo que está próximo do que se necessita para o bem social e coletivo. De acordo com Rios (2005, p. 96), “a dimensão estética esteve sempre presente, mas não é explorada da mesma maneira como se tem feito com as demais dimensões da competência.”

Nesse sentido, a ação do bibliotecário escolar envolve técnica e criatividade, que são orientadas pelo respeito e pelo convívio no ambiente escolar, e também pela participação e o exercício dos seus direitos e deveres.

2.3.3 Dimensões Política e Ética

Esses dois conceitos serão abordados em conjunto, por terem uma estreita ligação (RIOS, 2005, p. 100).

“Ética”, na sua origem etimológica, vem do termo *ethos*, que significa morada do homem, espaço construído pela ação humana, que transcende a natureza e transforma o mundo, conferindo-lhe uma significação específica (VAZ, 1988, p. 12). Para Müller-Granzotto e Müller-Granzotto (2007, p. 22), a “ética (*éthos*) tem o sentido de um compromisso com uma regra ou valor, e ética (*éthos*) tem sentido de uma abertura ao inédito.”

Rios (2005, p. 100) considera que “*ethos* é o espaço da cultura, do mundo transformado pelos seres humanos, onde se manifesta um aspecto fundamental da existência humana: a criação de valores.” Para essa autora, valorizar é relacionar-se com o mundo, não se mostrando indiferente a ele, dando-lhe uma significação.

Devemos considerar que existem diversos tipos de valores:

Afirmamos que algo é verdadeiro ou falso, bonito ou feio, útil ou inútil, bom ou mau. São desse último tipo aqueles valores que usamos para qualificar a conduta. É aí que se relacionam costume e valor. Tende-se a qualificar como boa ou correta uma conduta que seja costumeira e a estranham, e mesmo a qualificar de má, uma conduta a que não se está acostumado (Rios, 2005, p. 101).

De acordo com essa autora, na medida em que o costumeiro vai ganhando força, instala-se o dever, que é o ponto de partida para o *ethos* se tornar lei, regra. Começa-se, então, a estabelecer convenções, instalando maneiras de agir exigidas socialmente, para que os indivíduos possam participar do contexto e relacionarem-se uns com os outros. A ética tem um caráter reflexivo, não normativo.

Assim como a dimensão técnica, a dimensão estética necessita estar ligada à ética, e a dimensão política necessita também dessa ligação. A política é a arte real, ou arquetônica, que comanda todas as outras (NODARI, 1997, p. 406 *apud* RIOS, 2005, p. 106).

É na política que a ação é realizada pela vontade guiada pela razão, para ter como fim o bem da comunidade ou o bem comum (CHAUÍ, 2000).

Ressalta-se que é no espaço político que transita o poder, que se configuram acordos, que se estabelecem hierarquias, que se assumem compromissos. É nesse ponto que a dimensão política se articula com a moral e com a ética. Pois a política e a ética são ciências da ação (CHAUÍ, 2000).

É senso comum afirmar que a tarefa da escola é a formação de cidadãos. Diante disso, é tarefa do bibliotecário contribuir para essa formação, utilizando os recursos de que dispõe, analisando as situações de maneira crítica, consciente e comprometido com as necessidades concretas do contexto social em que desenvolve seu trabalho. É por isso que, quando se fala de competência, temos que situá-la numa sociedade real.

A política exige que a sociedade conheça as deliberações e participe da tomada de decisão. E que a consciência e a responsabilidade sejam condições indispensáveis da vida ética (CHAUÍ, 2000).

Então, a dimensão ética se relaciona à orientação da ação, baseada no princípio do respeito e da solidariedade, do convívio e da realização de um bem coletivo. A dimensão política diz respeito à participação na construção coletiva da sociedade e ao exercício dos direitos e deveres.

Valentim (2004, p.55) ressalta que:

a atitude e o comportamento ético na sociedade contemporânea têm sido objeto de atenção e discussão de diferentes áreas do conhecimento. [...]. No caso da Ciência da Informação, a ética também tem sido debatida sob vários aspectos. A atuação do profissional da área da Ciência da Informação deve estar apoiada na ética. O fazer do profissional da área está muito ligado a atitudes e comportamentos éticos, tanto em relação ao usuário, quanto em relação ao próprio fazer informacional [...]. Outro aspecto importante da ética para a área de Ciência da Informação consiste no fato de que o profissional desta área medeia, por meio de linguagens documentárias, os conteúdos informacionais de documentos de diferentes naturezas e isso requer uma atitude ética constante.

Refletindo sobre a atuação e o desempenho dos bibliotecários, podemos constatar que, em qualquer área de atuação dos indivíduos, a ética faz parte da competência profissional, do domínio dos conhecimentos necessários para desempenhar seu papel na sociedade, articulado com o domínio das técnicas, das estratégias para realização do seu trabalho. Os indivíduos imbuídos dos princípios característicos da profissão encontram na ética um espaço de reflexão crítica, sistemática, sobre os valores presentes na ação bibliotecária, estabelecendo princípios norteadores da conduta profissional que contribuem para dirimir dúvidas e solucionar conflitos (CUARTAS; PESSOA; COSTA, 2003).

Não se pode falar de ética sem observar o que ressalta Souza (2002, p. 16):

O termo ética vem sendo usado de modo ambíguo, pois a ele são atribuídas [...] duas acepções que se distinguem. A primeira acepção de ética significa um conjunto de princípios que rege ou orienta a ação das pessoas e das sociedades na busca do equilíbrio desta ação. A segunda acepção atribuída, geralmente a mais utilizada, toma a ética como o conjunto de normas que determinam a conduta das pessoas ou o funcionamento das instituições. [...] Esta ambigüidade no uso destes significados atualmente perpassa os vários discursos e, na maioria das vezes, de uma maneira pouco informada, ou muito interessada, a ponto de se ver as duas acepções acima apontadas interpretadas como sinônimas.

Esse autor afirma ainda que o primeiro enfoque dá conta de uma *subjetividade*, transformada em princípios de existência individual ou de existência de uma sociedade. Ao ilustrar sua definição, o autor dá o exemplo da norma “*não roubarás*”, mostrando em que sentido a ética, como princípio, é subjetiva e fundamentadora de uma determinação de como agir, estipulando o valor de que subtrair a propriedade de outrem, em uma sociedade patrimonialista e centrada no ter, fere a própria natureza dessa sociedade, razão pela qual postula tal norma.

Por isso, Souza (2002, p. 19) defende que

à compreensão de que a origem do discurso ético [...] é conservador, ou seja, está ligado à preservação mais do ter do que do ser, independentemente do momento histórico e do espaço geográfico. [...] Assim, como nas demais idéias tradicionais relacionadas à organização da sociedade, vai-se encontrar no termo ética que seu uso corriqueiro a afirma uma ideologia, ou seja, uma concepção que demarca interesses particulares de certos grupos detentores de específicos poderes. [...] Desse modo, a defesa da ética nos dias de hoje no interior de uma sociedade profissionalista, serve para que as corporações profissionais busquem afirmar os limites de seus campos, ou seja, para realçar a igualdade de pares, reafirmando suas diferenças (os outros são desiguais) em relação à sociedade mais ampla e em relação à comunidade toda.

Sendo assim, salienta-se que nem todos os indivíduos obedecem a determinados preceitos, havendo sempre a possibilidade de transgressão. Por isso, faz-se necessário que algumas profissões criem seus códigos de ética, que não são somente punitivos, mas servem para conscientizar sobre as ações, os direitos e os deveres de cada profissão. Ressalta-se que a Biblioteconomia não foi uma exceção a essa regra, tendo internacionalmente sancionado seus próprios princípios.

Para finalizar a questão da ética bibliotecária, destaca-se Valentim (2004, p.62), que ressalta:

A ética convencionada por uma determinada categoria profissional caracterizada pela homogeneidade do trabalho desenvolvido, pela natureza do(s) conhecimento(s) necessário(s) à sua execução, bem como pela identidade profissional para seu exercício. Uma categoria profissional é, portanto, um grupo dentro da sociedade, específico, definido por seus saberes e fazeres. [...] A ética profissional deve permear o fazer do profissional da informação, em todos os níveis. Dele depende o bem comum da classe profissional, uma vez que estimula o comportamento ético e as atitudes éticas. A ética profissional define as responsabilidades profissionais perante a sociedade, bem como determina os valores essenciais que devem nortear a atuação profissional na área.

Diante do exposto, as dimensões política e ética da competência só se efetivam, se considerarem em sua significação as dimensões técnica e estética, e também a dimensão informacional descrita a seguir.

2.3.4 Competência Informacional

A expressão *information literacy* apareceu pela primeira vez na literatura nos Estados Unidos em 1974, em um relatório elaborado por *Zurkowisk*, submetido à *Comission Libraries Information Science*, onde sugeria ao governo que começasse a se preocupar com o desenvolvimento da competência informacional da população, para poder potencializar a utilização da variedade de produtos informacionais disponíveis no mercado norte-americano, bem como promover a sua aplicação na solução de problemas cotidianos, principalmente, no trabalho (CAMPELLO, 2003). Em 1976, o conceito de *information literacy* foi ligado a uma série de habilidades e conhecimentos; incluía a localização da informação e o uso da informação para resolução de problemas e tomada de decisões.

A ênfase nas habilidades técnicas tornaria a aparecer na literatura em 1979, quando alguns autores abordaram a questão da capacitação em informação, como sendo de domínio de técnicas e habilidades de uso das ferramentas informacionais na modelagem de soluções para problemas, um dos requisitos para a competência (DUDZIAK, 2003, p. 24). Essa autora ressalta que, nos anos 80, as novas tecnologias de informação (TIs) influenciaram e alteraram os sistemas de informação e as bibliotecas, principalmente nos Estados Unidos. Com isso, inúmeros trabalhos surgiram enfocando a *information literacy* como *information technology literacy*, que focaliza somente a capacitação em TI, e restringindo a noção do que seria *information literacy*, tornando-a enfaticamente instrumental. Naquele momento a informática era garantia de competência informacional, isso devia-se ao crescente uso do computador como fonte de dados, ou seja, era um instrumento incluído no processo de uso da informação. Pode-se dizer que a tecnologia era e continua sendo mais um elemento que contribui para a competência informacional. Diante disto, BEHRENS (1994, p. 311) salienta que:

Competência informacional, [...] significa aumentar o nível de consciência dos indivíduos e empresas para a explosão do conhecimento, e como o sistema de manipulação da informação por máquina pode ajudar a identificar, acessar e obter dados, documentos e literatura necessária para resolução de problemas e tomadas de decisão.

Em reação a essa instrumentalização da *information literacy*, uma publicação governamental americana ignorou por completo o papel das bibliotecas na educação; Breivik desenvolveu um estudo de usuários e começou a chamar a atenção para as conexões existentes entre bibliotecas e educação, a *information literacy* e o aprendizado ao longo da vida (BEHRENS, 1994).

Em 1987, surge no cenário a monografia de Carol C. Kuhlthau, que lança a educação voltada para a *information literacy*, respeitando dois eixos fundamentais: a integração da *information literacy* ao currículo e o amplo acesso aos recursos informacionais.

Diante do exposto, os bibliotecários tomaram consciência da necessidade de possibilitar o acesso rápido e fácil à informação, mas deixaram transparecer que utilizavam a expressão *information literacy* apenas como uma terminologia para educação de usuários. Esse período foi marcado pela busca de uma fundamentação teórica e metodológica para a *information literacy* ou competência informacional (DUDZIAK, 2003, p. 27).

Campello (2006) destaca que a reação dos bibliotecários culminou com o lançamento do relatório final do *Presidential Committee on Information Literacy* da *American Library Association* (ALA), em 1989, que advogava a necessidade de desenvolver nas pessoas a competência

informacional. O documento incluía a descrição de competência informacional que é uma das definições mais utilizadas até os dias atuais:

Para ser competente em informação, a pessoa deve ser capaz de reconhecer quando precisa de informação e possuir habilidade para localizar, avaliar e usar efetivamente a informação [...]. Resumindo, as pessoas competentes em informação são aquelas que aprenderam a aprender. Elas sabem como aprender, pois sabem como o conhecimento é organizado, como encontram a informação e como usá-la de modo que outras pessoas aprendam a partir dela (AMERICAN LIBRARY ASSOCIATION, 1989, p. 1).

No Brasil, o termo foi utilizado pela primeira vez por Caregnato (2000), que o traduziu como alfabetização informacional. A ideia era ampliar a ação do bibliotecário na escola e “[...] oferecer novas possibilidades informacionais necessárias para interagir no ambiente digital.” (CAMPELLO, 2003, p. 28). Para essa autora, existe uma dificuldade para descrever o percurso do bibliotecário brasileiro na tentativa de construir seu papel educativo, de forma que permita encontrar um significado para o conceito de competência informacional, no país.

Dudziak (2003) considera que, no Brasil, dadas as devidas proporções, os precursores da *information literacy* estão entre aqueles bibliotecários que desenvolveram estudos relativos à educação de usuários.

O trabalho de Dudziak (2003, p. 23) discutiu a *information literacy* como um conceito inclusivo, capaz de englobar diversas gamas de *literacy*, como a cultural, a tecnológica, a acadêmica e a marginal. E propõe várias possibilidades para a tradução do termo: “alfabetização informacional, letramento, literacia⁵, fluência informacional, competência em informação.”

Como já mencionado anteriormente, a tradução do termo como competência informacional foi feita por Campello (2002) na perspectiva da biblioteca escolar, e será este o termo adotado neste trabalho.

Dudziak (2001, p. 59) entende que:

A [competência informacional] vai além da busca pela informação, uma vez que considera os processos intelectuais superiores tais como a interpretação, avaliação, organização da informação e seu uso, com vistas à interiorização de conhecimentos, habilidades e valores que levem ao aprendizado independente, auto-orientado, ao longo da vida.

⁵ Termo correspondente a “letramento”, em Portugal.

Assim, a competência informacional abrange desde os processos de busca da informação para construção do conhecimento acerca das habilidades em tecnologia da informação, até o aprendizado independente, por meio de interação social dos sujeitos. A competência informacional está no cerne do aprendizado ao longo da vida. Ela capacita as pessoas em todos os caminhos da vida para buscar, avaliar, usar e criar a informação de forma efetiva para atingir suas metas pessoais, sociais, ocupacionais e educacionais. É um direito humano básico em um mundo digital e promove a inclusão social em todas as nações (DECLARAÇÃO DE ALEXANDRIA, 2005).

Dudziak (2003) definiu competência informacional como:

[...] processo contínuo de internalização de fundamentos conceituais, atitudinais, de habilidades necessários à compreensão e interação permanente com o universo informacional e a sua dinâmica, de modo a proporcionar um aprendizado ao longo da vida (DUDZIAK, 2003, p. 28).

Em suma, a competência informacional é um processo contínuo, que tem o propósito de formar indivíduos que aprendem ao longo da vida. E o bibliotecário escolar pode ser promotor da competência informacional, através de atitudes educacionais e pró-ativas, criando a possibilidade de transformar a realidade e a imagem do próprio bibliotecário escolar.

Quando se fala em escola, está-se pensando em um ambiente dinâmico e humanizado composto por pessoas que trabalham em busca de um objetivo comum, o desenvolvimento pessoal, social e político dos alunos. Para isso, existe a necessidade de alguns recursos que auxiliem na aprendizagem, dentre eles a biblioteca escolar. A biblioteca escolar, dentro da sociedade de informação, deve ser entendida como um centro dinâmico de informação para o processo ensino-aprendizagem no sistema escolar, estimulando a construção do conhecimento, contribuindo para a formação da habilidade e interesse na busca e uso da informação pelos estudantes, assim como apoiando a capacitação, qualificação e educação permanente dos professores. E o bibliotecário escolar é a figura central, que tem a preocupação de orientar os alunos na aquisição e busca da informação, auxiliando-os e incentivando o uso da biblioteca. Para isso, existe a necessidade de o bibliotecário escolar ter a capacidade e conhecimento para melhor enfrentar as situações diárias dentro da escola, assim desenvolvendo as dimensões da competência: técnica, estética, ética, política e informacional.

A dimensão técnica diz respeito aos conhecimentos técnicos, de modo que consiga adaptá-los à realidade exigida na escola. A dimensão estética faz menção ao potencial de criatividade do

bibliotecário escolar, que tem como base a sua sensibilidade de perceber e de se adaptar ao contexto em que está inserido. A dimensão ética tem seu alicerce no respeito e na solidariedade, que definem as responsabilidades profissionais e os valores essenciais que norteiam a profissão. A dimensão política diz respeito à análise crítica, consciente e comprometida do bibliotecário escolar, no contexto social em que desenvolve o seu trabalho. E a dimensão informacional abre os caminhos para buscar, avaliar, usar e criar a informação para atingir as suas metas pessoais, sociais e profissionais, ou seja, proporciona um aprendizado ao longo da vida.

A seção seguinte apresenta a fundamentação teórica que procura esclarecer a temática das dimensões da competência por meio da Teoria da Construção Social da Realidade, bem como das Representações Sociais. As realidades objetiva e subjetiva dos sujeitos da pesquisa também são evidenciadas nesta próxima seção.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A fundamentação teórica empregada para realização desta pesquisa, adota conceitos como construção social da realidade, realidade objetiva e subjetiva, a partir dos escritos de Berger e Luckmann (2007), que tratam a realidade social como uma construção coletiva, ou seja, o indivíduo participa e conduz os processos, capazes de alterar sua percepção e configuração da realidade, e também a teoria das representações sociais de Moscovici. Essas teorias permitem compreender melhor os discursos dos próprios bibliotecários escolares a respeito das dimensões da competência. Sendo assim, apresenta-se a fundamentação teórica, a seguir.

3.1 Construção Social da Realidade

A Sociologia do Conhecimento tem sua raiz na proposição de Marx, que declara ser a consciência do homem determinada por seu ser social. Ele trata das várias facetas da realidade e da construção da multiplicidade de tudo aquilo que é considerado conhecimento positivo ou negativo de uma sociedade, em outras palavras, que diz respeito à análise da construção social da realidade.

Burke (2003) salienta que a Sociologia do Conhecimento remonta ao começo do século XX. Pelo menos em três países diferentes: França, Alemanha e Estados Unidos. Na França, onde Auguste Comte pleiteava uma história social do conhecimento, Émile Durkheim e seus seguidores estudavam a origem social de categorias fundamentais ou “representações coletivas,” como espaço e tempo, sagrado e profano, a categoria de pessoa, e assim por diante, ou seja, conceitos fundamentais que as pessoas não sabem que têm. O que era novo é que as categorias sociais eram projetadas sobre o mundo natural, de modo que a classificação das coisas reproduz a classificação das pessoas.

Nos Estados Unidos, Thorstein Veblen também estava interessado na Sociologia do Conhecimento. Na Alemanha, havia mais interesse pela sociologia das ideias, ora seguindo as ideias de Karl Marx, ora delas divergindo. O estudo de Weber, que ele chamava de “ética protestante”, por exemplo, situava esse sistema de valores em seu contexto social e também propunha uma teoria sobre suas consequências econômicas. Sua teoria da burocracia foi também uma contribuição à

Sociologia do Conhecimento, mesmo não sendo apresentada como tal. Outros sociólogos na Alemanha, em especial Max Scheler e Karl Mannheim, argumentavam, mais ou menos ao mesmo tempo de Weber, que as ideias são socialmente “situadas” e formadas por visões de mundo ou “estilos de pensamento.” Esses estilos eram associados a períodos, a nações, a gerações e classes sociais (BURKE, 2003).

Segundo Burke (2003), depois desse começo, o estudo do conhecimento tornou-se menos produtivo que outros campos da sociologia, nos três países mencionados. O principal estímulo para renovação veio de fora da sociologia, sobretudo de Claude Lévi-Straus, na antropologia, de Thomas Kuhn, na história da ciência, e de Michel Foucault, na filosofia (BURKE, 2003).

Em 1966, um sociólogo norte-americano e um austríaco, Peter Berger e Thomas Luckmann, escrevem “A Construção Social da Realidade”, que foi muito bem recebida pelos estudiosos da área. De acordo com os autores, a Sociologia do Conhecimento apareceu nos anos de 1920, na Alemanha, por meio de Max Scheler, em uma situação particular da história alemã e em determinado contexto histórico. Teve alguns problemas de aceitação por sociólogos que a consideravam como um estudo menor sobre o processo de evolução das ideias. Entretanto, houve acordo geral em que a Sociologia do Conhecimento trata das relações entre o pensamento humano e o contexto social dentro do qual surge. Pode-se dizer que a Sociologia do Conhecimento constitui o foco sociológico de um problema muito mais geral, o da determinação existencial do pensamento como tal.

A Construção Social da Realidade exerceu grande influência sobre a Psicologia Social e a Sociologia contemporânea. Sua reivindicação principal é a de que a “realidade” é construída socialmente. Define a “realidade” como a qualidade pertencente a fenômenos que reconhecemos serem independentes de nossa própria volição, e o conhecimento como a certeza de que os fenômenos são reais e possuem características específicas. Berger e Luckmann esclarecem que usam esses termos fora do significado estrito, no sentido do que o homem comum julga como real e como conhecimento. É, portanto uma análise não do conhecimento, mas de suas representações sociais, das concepções de conhecimento construídas pelo homem comum, independentemente de sua realidade ou irrealidade última.

Na obra “A Construção Social da Realidade”, o ponto central de interesse é a sociedade e suas realidades: a realidade objetiva na compreensão fundamental dos problemas da Sociologia do Conhecimento, e a realidade subjetiva na construção de uma ponte teórica para os problemas da psicologia social. De Berger e Luckmann (2007), a Sociologia do Conhecimento analisa os

fenômenos do dia a dia que contêm o conhecimento social e compõem a sociedade, baseando-se na realidade que a comunidade vive. Em suma, é a compreensão de como os fatos influenciam e evoluem na sociedade.

3.1.1 Realidade Objetiva

De acordo com Berger e Luckmann (2007), a compreensão adequada de qualquer fenômeno humano deve considerar dois aspectos: a originalidade da experiência que o homem tem de seu próprio corpo, e as consequências que se referem à análise da atividade humana como conduta no ambiente material e como exteriorização de significados subjetivos. Diante disso, podemos afirmar que é impossível que o homem se desenvolva como homem no isolamento; igualmente é impossível que o homem isolado produza um ambiente humano. Sendo assim, a humanidade específica do homem e sua sociabilidade estão intimamente entrelaçadas (BERGER; LUCKMANN, 2007, p. 75).

Para esses autores, o organismo humano não possui meios biológicos necessários para dar estabilidade à conduta humana. Assim, surge a Ordem Social, um produto do homem, uma progressiva criação humana, existindo unicamente a partir da atividade humana. E, para entender a manutenção e a transmissão de uma ordem social, é preciso uma análise da institucionalização e da legitimação.

Quanto à institucionalização, pode-se dizer que toda atividade humana está sujeita ao hábito, toda ação frequentemente repetida torna-se moldada em um padrão, que pode em seguida ser reproduzido sem o menor esforço e que, por isso, é aprendido pelo executante como tal padrão (BERGER; LUCKMANN, 2007, p. 77). Quanto aos significados atribuídos pelo homem, o hábito torna desnecessário que cada situação seja definida de novo, etapa por etapa. Sendo assim, os processos de formação de hábitos precedem toda institucionalização.

Nas palavras de Berger e Luckmann (2007), a institucionalização ocorre sempre que há uma tipificação recíproca de ações habituais por tipos de atores. O que deve ser acentuado é a reciprocidade das tipificações institucionais e o caráter típico não somente das ações, mas também dos atores nas instituições. As tipificações são sempre partilhadas e acessíveis a todos os membros do grupo social em questão.

Os autores ressaltam que as instituições implicam, além da tipificação, na historicidade e no controle. Pois as instituições têm sempre uma história, da qual são produtos. É impossível compreender uma instituição sem entender o processo histórico em que foi produzida. As instituições, pelo simples fato de existirem, controlam a conduta humana estabelecendo padrões previamente definidos.

Nesse processo, é importante destacar que a sociedade é um produto humano. A sociedade é uma realidade objetiva e o homem é um produto social. Sendo assim, qualquer análise a respeito do mundo social necessita considerar esses três elementos.

A sedimentação trata das experiências humanas retidas na consciência, que consolidam-se na lembrança como entidades reconhecíveis e capazes de serem lembradas. A sedimentação intersubjetiva ocorre quando vários indivíduos participam de uma biografia comum e as experiências se incorporam em um acervo comum de conhecimento. Essa sedimentação é social quando for objetivada em um sistema de sinais, o que sempre acontecerá quando experiências compartilhadas se evidenciarem (BERGER; LUCKMANN, 2007, p. 95).

Para Berger e Luckmann (2007), as origens de qualquer ordem institucional consistem na tipificação dos desempenhos de um indivíduo e dos outros. Quando essa tipificação ocorre no contexto de um acervo objetivado de conhecimentos comum a uma coletividade de atores, estes assumem determinados papéis, o indivíduo participa de um mundo social. Ao interiorizar esses papéis, o mesmo mundo torna-se subjetivamente real para ele. Pode-se dizer que toda conduta institucionalizada envolve um certo número de papéis, que exercem o caráter controlador da institucionalização.

Berger e Luckmann (2007, p. 108) destacam ainda que:

a análise dos papéis tem particular importância para a Sociologia do Conhecimento porque revela as mediações existentes entre os universos macroscópicos de significação, objetivados por uma sociedade, e os modos pelos quais estes universos são subjetivamente reais para os indivíduos.

A institucionalização não é um processo irreversível. Por uma multiplicidade de razões históricas, a extensão das ações institucionalizadas pode diminuir. Pode haver desinstitucionalização em certas áreas da vida social.

Nessa perspectiva, afirma-se que uma consequência do mundo institucional é a legitimação. A legitimação produz novos significados, que servem para integrar os significados já ligados a

processos institucionais díspares. A sua função consiste em tornar objetivamente acessíveis e subjetivamente plausíveis as objetivações que foram institucionalizadas. Devemos acrescentar que a “integração”, de uma forma ou de outra, é também o propósito típico que motiva os legitimadores (BERGER; LUCKMANN, 2007, p. 127).

De acordo com esses autores, a legitimação “explica” a ordem institucional, outorgando validade cognoscitiva a seus significados objetivados; justifica a ordem institucional, dando dignidade normativa a seus imperativos práticos; e tem um elemento normativo. Dessa forma, a legitimação não é somente uma questão de valores, sempre implica também conhecimento; não diz apenas ao indivíduo por que deve realizar uma ação e não outra, mas diz-lhe também por que as coisas são o que são. Ou seja, o “conhecimento” precede os “valores” na legitimação das instituições.

Berger e Luckmann (2007) distinguem entre diferentes níveis de legitimação. A legitimação incipiente encontra-se presente sempre que um sistema de objetivações linguísticas da experiência humana é transmitido. Pertencem a esse nível todas as afirmações tradicionais simples, do tipo “É assim que se faz as coisas.” Esse nível é pré-teórico, mas é o fundamento do “conhecimento”, sobre o qual devem repousar todas as teorias subsequentes[;] e, inversamente, que estas devem atingir, para serem incorporadas à tradição.

O segundo nível contém proposições teóricas em forma rudimentar: encontram-se em vários esquemas explicativos que relacionam conjuntos de significações objetivas.

O terceiro nível contém teorias explícitas, pelas quais um setor institucional é legitimado em termos de um corpo diferenciado de conhecimentos. Essas legitimações oferecem quadros de referência bastante amplos para os respectivos setores de conduta institucionalizada. Devido à sua complexidade e diferenciação, são frequentemente confiadas a pessoal especializado, que as transmite por meio de procedimentos de iniciação formalizados.

O quarto nível de legitimação são os universos simbólicos, que são corpos de tradição teórica que integram diferentes áreas de significação e abrangem a ordem institucional. São os universos simbólicos que organizam a posição que cada indivíduo ocupa no conjunto social, sua identidade na vida cotidiana.

Como já mencionado, a obra “A Construção Social da Realidade” tem como ponto central de interesse a sociedade e suas realidades (objetiva e subjetiva). Sendo assim, após ter explanado a realidade objetiva, o item a seguir expõe a realidade subjetiva.

3.1.2 Realidade Subjetiva

A sociedade existe tanto como realidade objetiva quanto como realidade subjetiva, sendo que a sociedade é entendida como um processo dialético composto pelos momentos de exteriorização, objetivação e interiorização. De acordo com Berger e Luckmann (2007), simultaneamente o indivíduo exterioriza seu próprio ser no mundo social e interioriza este último como realidade objetiva.

A interiorização constitui-se em:

a base primeiramente da compreensão de nossos semelhantes e, em segundo lugar, da apreensão do mundo como realidade social dotada de sentido. Sendo assim, interiorizar é assimilar, tornar objetivo. É o indivíduo assimilando a realidade segundo suas interpretações e suas conclusões, decorrentes de suas particularidades. Depois que o indivíduo realiza este grau de interiorização é que se torna membro da sociedade (BERGER; LUCKMANN, 2007, p. 174).

De acordo com os autores, o processo pelo qual isso ocorre é a socialização, que é a ampla e consistente introdução do indivíduo no mundo objetivo de uma sociedade ou de um setor dela.

Temos a socialização primária, a primeira socialização, que a pessoa experimenta na infância, e que a torna membro da sociedade. Serve de base para a compreensão do mundo, bem como para a compreensão da vida como um sistema de relações com os outros. E a socialização secundária, que é qualquer processo subsequente que introduz um indivíduo já socializado em novos setores do mundo objetivo de sua sociedade.

A realidade subjetiva interiorizada pelas duas socializações pode ser vulnerável à realidade dinâmica. Isto é, aquilo que se sabe é constantemente desafiado por aquilo que acontece. Há dois tipos de conservação: a rotineira e a crítica. A conservação rotineira mantém a realidade interiorizada na vida cotidiana, e a conservação crítica mantém a realidade em situações de crise. Porém, Berger e Luckmann (2007, p. 202) afirmam que “o veículo mais importante de conservação da realidade é a conversa.” Mas, ao mesmo tempo em que a conversa mantém a realidade, também a modifica. Abandona alguns pontos, acrescenta outros. Enfraquece alguns setores, reforça outros.

Diante desse contexto, não existe socialização perfeitamente bem sucedida, onde tudo o que está objetivado pela sociedade se torna subjetivo para um indivíduo qualquer. E também não há

possibilidade de que toda a identidade e todo o universo simbólico de uma pessoa sejam totalmente objetivados. Então, a proposta de interação total à sociedade é impossível.

O maior grau de socialização pode ser observado em sociedades com uma divisão muito simples do trabalho e mínima distribuição do conhecimento. Nessas condições, as identidades produzidas pela socialização são socialmente pré-estabelecidas. Todos têm consciência do seu papel na sociedade, não gerando crises de identidade.

A identidade é formada por processos sociais e, uma vez cristalizada, é mantida, modificada ou mesmo remodelada pelas relações sociais. Os processos sociais implicados na formação e conservação da identidade são determinados pela estrutura social (BERGER: LUCKMANN, 2007, p. 228).

As estruturas sociais definem tipos de identidades. Por várias razões, certos sujeitos se afastam desses tipos definidos. Normalmente esse afastamento é decorrente de um processo inadequado de socialização primária. Assim, passa a existir um conflito entre a identidade individual e o modelo desenhado pela sociedade. As iniciativas psicológicas e terapêuticas surgiram no sentido de amenizar o efeito desse afastamento, de busca da reintegração da identidade do sujeito à sociedade.

Destaca-se por fim, que toda a realidade social é uma construção em processo dialético, que se estabelece entre o indivíduo e o contexto em que se desenvolveu a sua dimensão social.

3.2 Representação Social

A Teoria da Representação Social tem profundas raízes na Sociologia, e uma presença marcante na antropologia e na história das mentalidades. De acordo com Moscovici *apud* Guareschi e Jovchelovitch (1994), o conceito de Representação Social tem origem na Sociologia e na Antropologia, por meio de Durkheim e Lévi-Bruhl.

A expressão “teoria das representações sociais” é mencionada pela primeira vez por Moscovici (1961), em seu estudo sobre a Representação Social da psicanálise, que recebeu o título de *Psychanalyse: son image et son publi*⁶. E ela pode ser considerada como uma forma sociológica

⁶ Psicanálise: sua imagem e seu público.

de Psicologia Social. A Psicologia Social aborda as representações sociais no âmbito do seu campo, do seu objeto de estudo e de seu interesse pela cognição: ela reflete sobre como os indivíduos, os grupos e os sujeitos sociais constroem seu conhecimento a partir de sua inscrição social e cultural. Em suma, como interagem sujeitos e sociedade para construir a realidade, como terminam por construí-la numa estreita parceria.

O conceito de Representação Social situa-se nas fronteiras entre a sociologia e a psicologia. Para Moscovici (2004), as representações sociais são um conjunto de conceitos, frases e explicações originadas na vida diária, durante o curso das comunicações interpessoais. Uma das definições bem utilizadas entre pesquisadores é a de Jodelet (2002, p. 22), para quem “as representações sociais são uma forma de conhecimento socialmente elaborado e compartilhado, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social.”

Para Moscovici (2004), a Representação Social é uma preparação para a ação, tanto por conduzir o comportamento, como por modificar e reconstituir os elementos do meio ambiente em que o comportamento deve ter lugar.

Evidencia-se que os estudos realizados por Moscovici e por outros autores da corrente da Psicologia Social francesa, sobre o assunto, sentido e funções assumidas pela Representação Social, como instrumento da avaliação dos grupos sociais, vêm reforçar a compreensão operacional de como as representações sociais são elaboradas coletivamente a partir da realidade cotidiana. Moscovici (2004, p. 48) afirma que:

As Representações Sociais que [...] interessam são as de nossa sociedade atual, de nosso solo político, científico, humano, que nem têm tempo suficiente para se sedimentar completamente para se tornarem tradições imutáveis.

Sendo assim, as representações sociais sempre refletem as condições contextuais dos sujeitos que as elaboram, ou seja, suas condições socioeconômicas e culturais.

Por fim, pode-se dizer que a Sociologia do Conhecimento faz menção ao pensamento intelectual e aos usos no ambiente social, considerando, além do conhecimento teórico, os elementos provenientes da vida social e das influências das vontades a que o indivíduo está sujeito. A Construção Social da Realidade analisa os fenômenos sociais, descreve a construção das expectativas e do conhecimento que o indivíduo e que a sociedade transformam. E a Teoria das Representações Sociais focaliza a mudança e a dinâmica de uma sociedade, constituindo-se em um fenômeno recente. Fenômeno este que, de acordo com os propósitos desta pesquisa, se caracteriza

pelas dimensões da competência dos bibliotecários atuantes na Rede Municipal de Ensino de Florianópolis, e que terá seus aspectos metodológicos para a busca e análise dos dados descritos nas seções seguintes.

4 METODOLOGIA

Nesta seção, são expostos os aspectos metodológicos deste trabalho. Para dar um entendimento lógico, serão apresentados o bibliotecário atuante na Rede Municipal de Ensino de Florianópolis, a caracterização da pesquisa, o processo de coleta e análise de dados, e as questões referentes à responsabilidade ética inerente a esta dissertação.

Para atingir os objetivos, buscou-se identificar no discurso dos bibliotecários elementos que caracterizem as dimensões da competência, na prática diária de seus trabalhos, pois considera-se que o Discurso do Sujeito Coletivo tem fundamento na Teoria das Representações Sociais, o que permite que se tome conhecimento das ações cotidianas de determinadas categorias de indivíduos. Ou seja, o DSC permite visualizar melhor a Representação Social de determinado fenômeno, pois esta se apresenta como um discurso, como uma forma de pensar dos indivíduos. Sendo assim, Lefèvre e Lefèvre (2005, p. 16) afirmam que “o DSC é uma forma ou um expediente destinado a fazer a coletividade falar diretamente.”

De acordo com Lefèvre e Lefèvre (2005), as expressões-chave (ECH) são extratos de falas, que devem ser destacadas, e que revelam a essência do conteúdo do discurso. Já a ideia central (IC) é uma expressão linguística que revela, descreve e nomeia, da maneira mais sintética e precisa possível, o sentido de cada um dos discursos analisados e de cada conjunto homogêneo de ECH. Por fim, a ancoragem (AC) é a expressão de uma dada teoria que o autor do discurso professa e que está embutida no seu discurso, mas nem sempre sustenta esse discurso. Salienta-se que a figura metodológica da ancoragem não foi utilizada neste trabalho, pois considerou-se que em todo depoimento existe uma – ou várias ideias centrais, mas apenas em alguns depoimentos existe a ancoragem. Assim, a ancoragem é um tipo particular de ideia central onde não há exatamente uma afirmação, mas o enunciado explícito de um valor, de uma crença, de uma ideologia.

Para Simioni (1997, p. 24), a técnica do DSC:

Consiste na reunião, num só discurso-síntese, de vários discursos individuais emitidos como resposta a uma mesma questão de pesquisa, por sujeito social e institucionalidade equivalentes ou fazem parte de uma mesma cultura organizacional e de um grupo social homogêneo na medida em que os indivíduos que fazem parte deste grupo ocupam a mesma posição ou posições vizinhas num dado campo social.

Sendo assim, o DSC visa tornar mais clara uma determinada representação social, ou seja, é através do Discurso do Sujeito Coletivo que se expressa uma dada representação social, pois os indivíduos pertencentes à coletividade geradora da Representação Social deixam de ser indivíduos para se transmutarem, se dissolverem e se incorporarem num ou em vários discursos coletivos que os expressam.

4.1 Universo e participantes da pesquisa

O Município de Florianópolis é o centro político-administrativo de Santa Catarina por ser a capital do Estado. Sua área compreendendo a parte continental e a ilha, é de 439,5 km², com uma população de 369,781 habitantes (IBGE, 2003 *apud* Prefeitura Municipal de Florianópolis, 2006), sendo o maior município da Região Metropolitana. Possui uma taxa de urbanização de 97,04 %, e densidade demográfica no ano de 2000, correspondente a 760, 10 hab/ km². Florianópolis tem sua economia baseada nas atividades do comércio, prestação de serviços públicos, indústria de transformação e turismo. A indústria do vestuário e a informática vêm se tornando também setores de grande desenvolvimento.

Depois de contextualizar o município de Florianópolis, faz se necessário uma breve explanação a respeito da Secretaria Municipal de Educação de Florianópolis e da Rede Municipal de Ensino Florianópolis.

De acordo com o Relatório da Secretaria Municipal de Educação 2005/2008 a Secretaria tem como missão promover a educação de qualidade que contribua para o exercício pleno da cidadania, estabelecendo relações democráticas e participativas. A Rede Municipal de Ensino é composta pela Educação Infantil, pelo Ensino Fundamental e pela Educação de Jovens e Adultos. Na Educação Infantil existem 37 (trinta e sete) creches que atendem crianças de 0 a 6 anos, 30 (trinta) Núcleos de Educação Infantil com atendimento a crianças de 3 a 6 anos. No Ensino Fundamental a Rede é composta por 25 (vinte e cinco) escolas básicas do 1º ao 9º ano e 12 (doze) escolas desdobradas do 1º ao 5º ano. A Educação de Jovens e Adultos conta com 08 (oito) núcleos/salas de alfabetização. A Secretaria Municipal de Educação também tem convênio com entidades não governamentais, ao total são 77 (setenta e sete) conveniadas que atendem crianças, jovens e adolescentes de 6 a 17 anos,

essas entidades recebem da Secretaria Municipal de Educação a contratação dos professores, repasse de recursos para alimentação escolar e formação dos profissionais. Juntando todas essas unidades educativas, a Rede Municipal de Ensino atende aproximadamente 37.812 alunos e conta com 4128 profissionais, incluindo o Quadro Civil e o Magistério. (RELATÓRIO MUNICIPAL 2005/2008).

Em relação às bibliotecas, todas as escolas básicas e desdobradas possuem uma biblioteca. A rede possui também uma biblioteca central, localizada no Centro de Educação Continuada. Ressalta-se que nem todas as bibliotecas possuem um profissional bibliotecário. Sendo assim, o profissional bibliotecário está presente em 22 escolas básicas, 04 escolas desdobradas e quatro bibliotecários na biblioteca central, num total de 30 profissionais.

As bibliotecas da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis são designadas de Bibliotecas Escolares e Comunitárias, e atendem à comunidade escolar (alunos, professores, equipe pedagógica, diretores e demais funcionários), e também à comunidade onde estão inseridas, nos diversos bairros do município. Nas escolas varia, por ano letivo, o número de alunos, sendo entre 350 e 1200 os alunos matriculados.

Quanto ao bibliotecário, de acordo com documento sobre a Descrição do Cargo, vigente até a presente data, verifica-se que não existe o cargo de bibliotecário escolar, quando se refere àquele profissional que trabalha lotado na unidade escolar, mas sim o cargo de bibliotecário, para todos os profissionais da área que atuam na Prefeitura. Cabe salientar que, apesar de não constar nas suas lotações, os profissionais se intitulam “bibliotecários escolares.” Nos anos de 1984 e 1986, percebe-se uma evolução na questão da biblioteca dentro da Prefeitura. No ano de 1984, foi criado o Sistema Municipal de Bibliotecas Públicas de Florianópolis, e em 1986 foi criada, na Secretaria Municipal de Educação, a Divisão de Bibliotecas Escolares e Comunitárias. Salienta-se que os textos legais que dispõem sobre a criação do cargo de bibliotecário pela Secretaria Municipal de Educação são limitados. O que se sabe é que tal ato foi agregado à Lei nº 2897/88, que dispõe sobre o plano de cargos e empregos, de vencimentos e salários, do quadro único do pessoal civil da administração direta do município. O bibliotecário é enquadrado no Grupo Ocupacional III – Nível Superior dessa Lei, não havendo uma legislação própria (SANTOS, 2006, p. 29).

A descrição oficial do cargo atribui ao bibliotecário as atividades de “planejar, organizar e gerenciar serviços de Biblioteca através de técnicas biblioteconômicas que facilitam o acesso à informação.” (FLORIANÓPOLIS, 2008). Este mesmo documento elenca a descrição detalhada das atividades que o bibliotecário deve realizar, tais como:

- a) Processar o acervo da Biblioteca através das técnicas biblioteconômicas;
- b) Realizar anualmente o planejamento da Biblioteca, de acordo com o Projeto Político-Pedagógico – PPP e Planejamento Estratégico Situacional – PES da Unidade Educativa;
- c) Trabalhar em conjunto com o coletivo e comunidade escolar;
- d) Difundir a importância da leitura e os seus benefícios no aprendizado;
- e) Orientar o usuário quanto à leitura e pesquisa na Biblioteca;
- f) Preservar o acervo e orientar o usuário quanto ao seu manuseio;
- g) Disseminar a informação;
- h) Verificar de forma regular as necessidades de informação dos usuários;
- i) Planejar atividades e orientar o coletivo e a comunidade escolar nos serviços da Biblioteca;
- j) Encaminhar pedidos aos Departamentos e Coordenadorias da Secretaria Municipal de Educação – SME, para aquisição de acervo, equipamento e mobiliário para as Bibliotecas;
- k) Proporcionar o acesso às diversas fontes de informação nos mais variados suportes;
- l) Orientar os usuários na elaboração e apresentação de trabalhos escolares com base nas normas estabelecidas pela ABNT e
- m) Zelar pela guarda e manutenção do acervo, mobiliário e equipamentos alocados na Biblioteca e orientar o usuário quanto ao seu manuseio.

O histórico de criação do cargo de bibliotecário na Prefeitura Municipal de Florianópolis é resultado dos esforços da categoria bibliotecária. Esses esforços sempre tiveram o objetivo de ampliar o mercado, para que pudesse alocar profissionais qualificados em um dos setores carentes de serviços especializados, ou seja, as bibliotecas escolares.

O grupo de bibliotecários da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis segue o seguinte organograma: Secretaria Municipal de Educação, Gerência de Tecnologia Educacional, Departamento de Bibliotecas Escolares e Comunitárias e Bibliotecas das escolas, onde estão lotados os profissionais bibliotecários.

Após, a contextualização dos bibliotecários da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis, evidenciam-se a seguir os critérios utilizados para a seleção dos participantes:

a) Antes de coletar os dados, a Coordenadoria de Bibliotecas Escolares da Secretaria Municipal de Educação foi informada do referido trabalho com os profissionais bibliotecários e sobre colher a assinatura do responsável no Termo de Aceite da Instituição (Apêndice C).

b) O próximo passo foi enviar por *e-mail* institucional um ‘Formulário de Declaração de Interesse’ (Apêndice A). Esse formulário reunia, entre as perguntas, uma que visava mostrar o interesse do profissional em participar da pesquisa, e outra que mencionava o melhor horário para responder à entrevista. Num primeiro momento, somente cinco bibliotecários responderam, incluindo os dois que iriam participar do pré-teste. Então, mais uma vez foi remetido o formulário ao restante do grupo, e desta vez obteve-se a aceitação de mais sete bibliotecários, sendo que um deles

vinculou a sua participação a uma conversa prévia a respeito da pesquisa. No total, foram 12 (doze) bibliotecários que mostraram interesse em participar da pesquisa.

c) Após a etapa de reconhecimento dos participantes, foi enviado *e-mail* marcando a entrevista, respeitando o dia e horário mencionados pelos participantes no “Formulário de Declaração de Interesse” (Apêndice A).

d) Antes da aplicação definitiva da entrevista, foram realizados pré-testes com dois bibliotecários, que aconteceram no mês de agosto de 2008, com o intuito de verificar a clareza e a objetividade do roteiro de entrevista. Antes mesmo de realizar o pré-teste, optou-se por não incluí-lo na tabulação e análise dos dados. Sendo assim, no total foram utilizadas 10 entrevistas na tabulação e análise dos dados.

4.2 Caracterização da pesquisa

Esta pesquisa se enquadra se na tipologia exploratória e descritiva.

É exploratória no sentido de envolver levantamento bibliográfico e entrevistas com pessoas que têm experiência prática com o problema pesquisado. As pesquisas exploratórias, segundo Gil (1999, p. 43), “visam proporcionar uma visão geral de um determinado fato, do tipo aproximativo.”

Pode-se dizer, de acordo com Santos (1991), que a pesquisa exploratória é o contato inicial com o tema a ser analisado, com os sujeitos a serem investigados e com as fontes secundárias disponíveis.

A pesquisa é descritiva na medida em que busca identificar as dimensões das competências do bibliotecário escolar, segundo a sua prática de trabalho. Conforme ressalta Gil (1999), a pesquisa descritiva caracteriza determinada população, fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis.

Em relação aos procedimentos técnicos, é uma pesquisa do tipo estudo de campo, pois tem como característica levantar informações através de entrevistas de um determinado grupo.

Com relação à abordagem, a presente pesquisa é qualitativa. Para Minayo (2004, p. 22), “a abordagem qualitativa aprofunda-se no mundo dos significados das ações e relações humanas, um lado não perceptível e não captável em equações, médias e estatísticas.” Ressalta-se que o ambiente

da pesquisa são os bibliotecários da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis de Bibliotecários, e, como afirmam Lefèvre e Lefèvre (2005), quando tem-se como objeto o pensamento coletivo é inadequado pesquisar quantitativamente, pois não permite uma correta apreensão do pensamento como objeto de investigação. Pois, nos moldes desse tipo de pesquisa, o pensamento fica reduzido a se enquadrar em escolhas (forçadas) de uma alternativa de resposta. E, na abordagem qualitativa, se busca a compreensão de um fato e reconhecer a percepção de um grupo de pessoas.

Para Alves (2003, p. 56), a pesquisa qualitativa tem como características:

[...] - o pesquisador procura captar a situação ou fenômeno em toda a sua extensão; - trata de levantar possíveis variáveis existentes e na interação, o verdadeiro significado da questão, daí a experiência do pesquisador ser fundamental; - o pesquisador colhe informações, examina cada caso separadamente e tenta construir um quadro teórico geral.

Além disso, conforme Oliveira (1997), é possível, por essa abordagem, classificar processos experimentados por grupos sociais específicos, bem como a interpretação de suas particularidades ou atitudes, também em maior grau de profundidade.

A escolha pela abordagem qualitativa deve-se ao fato da preocupação com a realidade que não pode ser quantificada, pois trabalha-se com valores, atitudes, comportamentos e pensamentos dos entrevistados, que não podem ser reduzidos a variáveis.

4.3 Coleta e análise dos dados

O instrumento para coleta de dados foi a entrevista. Esse instrumento, segundo Barros e Lehfeld (2000, p. 91), “permite o relacionamento estreito entre participante e investigador.” O que acarreta uma relação de interação, evitando resultados tendenciosos, além de poder aprofundar determinadas questões e possíveis dúvidas. A escolha por fazer a entrevista motivou-se pelo fato de permitir uma interação face a face, que proporciona melhores possibilidades de definir os indivíduos. De acordo com Richardson *et al* (1989, p. 160), “a interação entre as pessoas é um elemento fundamental na pesquisa em Ciências Sociais, [...] e a entrevista é uma técnica importante que permite o desenvolvimento de uma estreita relação entre as pessoas.”

A entrevista seguiu um roteiro pré-estabelecido (ver Apêndice B), pois ao mesmo tempo em que valoriza a presença do investigador, oferece todas as perspectivas possíveis para que o informante alcance a liberdade e a espontaneidade necessárias, enriquecendo a investigação (TRIVIÑOS, 1987, p.146).

No início do roteiro de entrevistas, ele continha cinco questões que buscavam caracterizar o grupo. As questões perguntavam a idade, formação acadêmica, ano de conclusão, a instituição em que concluiu a graduação e há quanto tempo exercia a profissão. Após essas questões, o roteiro foi composto por oito perguntas, sendo a oitava pergunta: “Explique melhor a sua prática diária de trabalho.” Determinou-se que esta seria uma contribuição espontânea, de maneira que permitiu que os participantes expressassem livremente a sua opinião, e suas respostas foram utilizadas para ajudar na análise das outras respostas. Assim, as perguntas de 1 a 5 buscaram identificar como os bibliotecários conceituavam as dimensões da competência. A pergunta 6 buscou refletir a respeito da suficiência da graduação para o exercício profissional dos bibliotecários na biblioteca escolar; e a pergunta 7 procurou constatar elementos nos discursos dos bibliotecários relativos à busca de educação continuada.

Nesta pesquisa, a maioria das entrevistas foi realizada nas bibliotecas das escolas, com exceção de duas, respeitando a vontade dos participantes. Antes de iniciar a entrevista, foi solicitado aos participantes que assinassem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice D). Dentre os dados de caracterização do grupo, se perguntou qual a escola em que o profissional trabalhava naquele momento. Porém esse dado serviu apenas para fins de análise da pesquisadora e não será divulgado nesta pesquisa, como uma maneira de preservar a identidade dos participantes.

No total, foram 10 entrevistas realizadas, entre os meses de setembro a novembro de 2008, e todas gravadas em um gravador digital, totalizando duas horas de gravação. As respostas foram transcritas na íntegra conforme Apêndice G. A entrevista foi realizada de maneira a deixar os bibliotecários à vontade e, inicialmente, a pesquisadora informou da necessidade de, nas respostas, não se buscar conceitos, e sim esclarecer como exerciam a sua prática diária de trabalho.

Durante a coleta de dados nas escolas, um fato que chamou a atenção foi o espaço físico insuficiente das bibliotecas, pois dificulta a realização de atividades com uma turma completa de 30 alunos. A exceção foi uma escola em que a biblioteca possui dois ambientes, mas também nesta o espaço é insuficiente para a quantidade de alunos da escola.

Para o tratamento e organização dos dados coletados, a técnica empregada foi o Discurso do Sujeito Coletivo (DSC), por ser apropriado com a estratégia de trabalho e com as teorias descritas até o presente momento.

O conceito do Discurso do Sujeito Coletivo é uma proposta de organização e tabulação de dados qualitativos de natureza verbal, obtidos de depoimentos, artigos de jornal, matérias de revistas semanais, cartas, *papers*, revistas especializadas, etc. A proposta consiste em analisar o material verbal coletado extraíndo de cada um dos depoimentos as ideias centrais e/ou ancoragens e as suas correspondentes expressões-chave; com as expressões-chave das ideias centrais ou ancoragens semelhantes compõe-se um ou vários discursos-síntese, na primeira pessoa do singular (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2005, p. 15).

Ressalta-se que a utilização dessa técnica prevê um discurso final de um grupo de pessoas sobre determinado assunto, busca dar conta da discursividade, característica própria e indissociável do pensamento coletivo, preservado em todos os momentos da pesquisa, desde a elaboração das perguntas, passando pela coleta e pelo processamento dos dados, até culminar com a apresentação dos resultados.

O DSC é uma reunião num só discurso-síntese homogêneo redigido na primeira pessoa do singular, a partir de expressões-chave, que tem a mesma ideia central. E enfatiza-se que, em momento algum, o pesquisador introduz qualquer ideia que não seja aquela descrita pelos depoentes; ele simplesmente liga os discursos, sem expressar qualquer juízo de valor ou mudar o significado deles.

Lefèvre e Lefèvre (2005, p. 15) ressaltam que para construir o DSC:

é preciso fazer perguntas abertas para um conjunto de indivíduos de alguma forma representativos dessa coletividade e deixar que esses indivíduos se expressem mais ou menos livremente, ou seja, que produzam discursos. A questão fechada não enseja a expressão de um pensamento, mas a expressão de uma adesão (forçada) a um pensamento preexistente. Feita a pergunta aberta, é preciso juntar os discursos individuais por ela gerados de modo que eles expressem o pensamento de uma coletividade.

Enfim, no DSC a Representação Social de um determinado grupo acerca de um dado assunto fica clara, pois uma opinião coletiva pode ser adequadamente descrita sob a forma de um discurso de uma coletividade.

Salienta-se que a análise feita dos dados levantados apoia-se no marco conceitual e teórico exposto nesta pesquisa.

4.4 Procedimentos éticos da pesquisa

Esta pesquisa foi realizada seguindo as orientações do Regimento do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Santa Catarina, em cumprimento às Resoluções 196/96 e 251/97 do Conselho Nacional de Saúde.

Ressalta-se que, neste trabalho, optou-se por denominar os entrevistados de “participantes da pesquisa”, pois, durante boa parte da história da ética na pesquisa, as pessoas que participavam das investigações e experimentos eram chamadas de sujeitos da pesquisa. Atualmente, a denominação corrente é “participantes da pesquisa”. A justificativa para a mudança está no reconhecimento do papel dessas pessoas nas pesquisas: de sujeitos passivos passaram à condição de agentes ativos (SCHÜKLENK, 2005).

Os participantes receberam garantia do anonimato na participação desta pesquisa. Para isso, lhes foi entregue um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (ver Apêndice D), o qual foi devidamente assinado. Deste modo, os participantes não são apenas meios para os resultados da pesquisa, mas são fins em si mesmos. Depois de terem sido voluntariamente informados e esclarecidos, a concordância dos participantes com a pesquisa é uma forma de expressar que os propósitos da pesquisa são compartilhados e que essas pessoas não são apenas instrumentos para um fim, mas parte fundamental de um processo (SCHÜKLENK, 2005). Para garantir o anonimato dos bibliotecários e de suas respostas, cada um recebeu um número de identificação precedido da letra “P”, que indica o termo “participante”, e na transcrição foram realizados pequenos ajustes ou omissões de nomes, ou de quaisquer expressões que pudessem caracterizar a escola ou identificar o profissional.

5 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DISCURSOS

Ao iniciar a entrevista, os bibliotecários responderam perguntas de caracterização do grupo. Sendo assim, pode-se dizer que a maioria dos entrevistados tinha mais de 5 anos de experiência na profissão, um bibliotecário entrevistado possuía mestrado, cinco tinham especialização e outros quatro possuíam graduação. Dos 10 bibliotecários entrevistados, todos haviam concluído a graduação há mais de cinco anos, sendo que a maioria cursou Universidade Federal de Santa Catarina. E tinham em média de 31 a 40 anos, como demonstrado no Quadro 1, a seguir:

Idade	
De 20 a 30 anos	2
De 31 a 40 anos	7
De 41 a 50 anos	1
Formação acadêmica	
Graduação	4
Especialização	5
Mestrado	1
Conclusão da Graduação	
14 anos	2
13 anos	1
10 anos	1
7 anos	1
6 anos	3
5 anos	2
Instituição de Formação	
Universidade Federal de Santa Catarina	9
Universidade do Estado de Santa Catarina	1
Tempo de experiência profissional	
10 anos	2
9 anos	1
6 anos	1
5 anos	2
4 anos	3
3 anos	1

Quadro 1 – Características dos Bibliotecários Participantes da Pesquisa
Fonte: dados coletados pela pesquisadora

Como já citado na seção anterior, o método escolhido para o tratamento e análise dos dados é o Discurso do Sujeito Coletivo. As entrevistas coletadas compõem as informações deste capítulo. Para chegar a esse discurso-síntese, foi necessária a construção dos Instrumentos de Análise do Discurso I e II (conforme Apêndices E e F). Optou-se por incluir neste capítulo os passos da tabulação dos dados, visando um melhor esclarecimento da construção do Discurso do Sujeito Coletivo.

5.1 Construindo o DSC

Depois de todas as entrevistas coletadas, com a utilização do roteiro de entrevista (Apêndice B), e de gravadas e transcritas, inicia-se a tabulação dos dados para construir o Discurso do Sujeito Coletivo, conforme orientam Lefèvre; Lefèvre (2005):

a) as questões foram analisadas isoladamente, questão a questão, participante a participante. Esse passo consistiu em copiar e identificar em cada uma das respostas as expressões-chave.

b) foram identificadas as ideias centrais, a partir das expressões-chave, colocando as ideias centrais nas colunas correspondentes, e

c) foram identificadas e agrupadas as ideias centrais de mesmo sentido, de sentido equivalente, ou então de sentido complementar.

Percebeu-se que as respostas dos quadros do Instrumento de Análise do Discurso 1 (IAD 1) se complementaram, não havendo a necessidade de identificar outro sentido. Nesse instrumento estão dispostas as expressões-chave e as ideias centrais dos bibliotecários.

Após esses passos do IAD 1, teve início a composição do Instrumento de Análise do Discurso 2 (IAD – 2). Para a sua construção, as ideias centrais foram agrupadas.

Para cada agrupamento foi transcrito um DSC correspondente. Exemplo: Pergunta 1, tabela da ideia central e DSC (Apêndice F).

Para a construção do DSC, discursam-se ou sequenciam-se as ideias centrais, obedecendo a uma esquematização, eliminando os particularismos. Partiu-se de uma esquematização clássica para a construção das frases, do tipo: do mais geral para o específico; ou começo, meio e fim. As ligações

entre as partes dos discursos foram criadas de maneira que proporcionassem lógica e sentido ao DSC. Da mesma forma, foram eliminadas as repetições ou palavras que possuíam o mesmo sentido dentro da frase.

Então, o DSC foi obtido a partir da organização das respostas dadas a cada uma das questões propostas à reflexão dos entrevistados, anteriormente organizadas, apresentadas e previamente analisadas nos quadros IAD 1 e IAD 2. Na sequência desta dissertação, apresenta-se o DSC das entrevistas.

5.2 O discurso coletivo dos bibliotecários e a análise dos resultados

De acordo com a análise dos dados, apresenta-se a seguir o Discurso Coletivo fundamentado nas respostas dos bibliotecários da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis, quando questionados a respeito do bibliotecário escolar e competência: análise da prática profissional. Para um melhor entendimento, o DSC foi dividido de acordo com as perguntas da entrevista e logo em seguida analisado.

1- Vou iniciar uma frase e pedir para você completar. Para ser competente informacional eu...

DSC: *Preciso atender bem, conhecer o acervo, ter uma organização e um planejamento adequado, localizando a informação e identificando a necessidade de cada usuário. Preciso também estar atento, muito bem informado e sempre me atualizando.*

A leitura do DSC mostrou que os bibliotecários descrevem que, para serem competentes informacionais, precisam saber localizar a informação e identificar a necessidade do usuário. Como é evidenciado na literatura a respeito, o conceito de competência informacional se concentra em alguns predicados individuais que se relacionam com capacidades de utilizar a informação de forma efetiva e eficiente, a partir do reconhecimento da necessidade de informação, passando pelos processos de busca, seleção, acesso, avaliação, aplicação e comunicação. A existência de diversos

conceitos, embora caracterizados basicamente pelo mesmo sentido, demonstra a variedade de aplicações, além da diversidade de grupos a partir dos quais a competência informacional são avaliadas (LINS; LEITE, 2008, p. 2).

Observa-se também, em relação à competência informacional, que os bibliotecários seguem o preceito do aprendizado ao longo da vida, pois buscam por capacitação e atualização com o intuito de aprender e trocar experiências, repensando a sua prática de trabalho. A esse respeito, a Declaração de Alexandria (2005) salienta que “as pessoas competentes em informação são aquelas que aprenderam a aprender. Elas sabem como aprender, pois sabem como o conhecimento é organizado, como encontram a informação e como usá-la de modo que outras pessoas aprendam a partir dela.”, Sendo assim, a formação é contínua e nunca é acabada ou completa ou ainda restrita à formação inicial. A formação do profissional da informação, em serviço, é uma questão oportuna, pois evidencia o saber da experiência: a formação se dá no diálogo, nas trocas informais entre profissionais, que também consistem em espaços de aprendizagem do profissional da informação. A prática profissional, também é o lugar de produção de novos conhecimentos (VITORINO, 2008, p.10).

Nessa parte do discurso, os bibliotecários referem-se a aprender e trocar experiências, tendo coerência com as teorias de Berger e Luckmann (2007, p. 79), pois de acordo com esses autores as “repetidas interações, surgem da tipificação recíproca de ações habituais por tipos de atores, ou seja, papéis, modos de agir que se tornam habituais e não exigem reflexão ou sanções externas para operarem. Da experiência são construídas regras, expectativas recíprocas de comportamento, chamadas de instituições.”

Queiroz (2006, p. 27) afirma que “a aprendizagem ocorre por toda a vida.” E o aprendizado de toda a vida prepara o Profissional da Informação Bibliotecário para atingir metas e aproveitar oportunidades em evolução, para o benefício compartilhado. Além disso, auxilia-o a enfrentar os desafios tecnológicos, econômicos e sociais, para reverter as desvantagens e incrementar as oportunidades (VITORINO, 2008, p. 6).

Assim, pode-se dizer que, para o desenvolvimento da competência informacional no contexto escolar, o aprimoramento e capacitação devem ser um processo constante, pois sempre existe algo a acrescentar e a aprender.

2- Como você vê a técnica na sua prática profissional?

DSC: *Vejo que a técnica é necessária e que deve seguir os padrões de outras bibliotecas. Mas atualmente é utilizada somente para disposição e manutenção do acervo, pois facilita a localização e o atendimento, e ela é bem diferente da que aprendemos na graduação. Além disso, tem alguns fatores que dificultam a realização da técnica na escola, como a falta de recursos humanos e de espaço físico adequado. O que faço é dobrar e colar bolsos e fichas, o que acaba se tornando um desperdício do nosso conhecimento como bibliotecário, mas também tenho consciência de que não posso tornar a técnica a base do meu trabalho.*

Quanto à dimensão técnica da competência, o DSC mostra que os bibliotecários vinculam essa dimensão com o processamento técnico aprendido na graduação (catalogação, indexação, classificação e preparação do acervo). Cabe ressaltar o que menciona Rios (2005, p. 94) a respeito da técnica, que é “o conjunto de uma arte ou a maneira ou habilidade especial de executar ou fazer algo.” Diante disso, podemos dizer que a dimensão técnica da competência do bibliotecário escolar está relacionada com o saber apropriar os conteúdos técnicos aprendidos na universidade, dentro da sua prática diária de trabalho, e não somente a realização do processamento técnico em si. Por isso, pode-se dizer que os bibliotecários não têm bem definida a noção dessa dimensão da competência.

É possível constatar que os bibliotecários têm a técnica somente como um instrumento tecnicista, baseando-se em códigos de classificação e catalogação. Porém, a técnica vai muito além dessa concepção; ela representa o domínio dos conteúdos de que o sujeito necessita para desempenhar o seu papel, aquilo que se requer dele socialmente, articulado com o domínio das técnicas, das estratégias que permitem que ele dê conta do seu trabalho (RIOS, 2002, p. 47).

Sendo assim, o discurso evidencia que os bibliotecários não valorizam as atividades relacionadas com a preparação e utilizam-se pouco da dimensão técnica da competência. Um dos motivos relacionados é a pouca necessidade dessas atividades dentro da escola. Cabe salientar que, mesmo utilizando-se pouco dessa dimensão, deixam claro que sabem da importância dessa dimensão da competência, mas também não pretendem torná-la a base do seu trabalho.

3- Você poderia me explicar qual a relação da criatividade com a sua prática profissional?

DSC: *A relação com a criatividade também é exigida no meu trabalho, pois preciso considerar que estou diante de uma realidade para a qual não fui preparado, trabalho com poucos recursos e não utilizo muito o conteúdo técnico. Então, uso a criatividade para ajudar na organização da disposição do acervo, para elaborar algum projeto com o professor, ou seja, no lado pedagógico. Por outro lado, não posso deixar de ressaltar que tem vários jeitos bibliotecários e aquele bibliotecário que é só técnico não se utiliza muito da criatividade. Mas, mesmo assim, considero que temos que ser criativos, nem que seja para impor a nossa presença como profissional e para despertar nos alunos o interesse pela biblioteca. Vejo que assumimos várias funções que não nos são delegadas, por isso temos a necessidade de uma equipe de trabalho, principalmente para auxiliar nas atividades pedagógicas, por isso seria interessante ter uma parceria com um professor na biblioteca.*

No discurso, observa-se a presença da dimensão estética da competência no trabalho do bibliotecário escolar, sendo que os profissionais têm a sensibilidade de perceber a necessidade da criatividade, para estarem sempre inovando no seu trabalho. Reforçando as palavras de Rios (2005, p. 97): “a sensibilidade guia o indivíduo nas considerações do que para ele seria importante ou necessário para alcançar certas metas de vida. (...) A sensibilidade se converte em criatividade ao ligar-se estreitamente a uma atividade social significativa para o indivíduo.” Sendo assim, a criatividade traz um apelo emocional, pois ela se manifesta em um ambiente aberto, flexível e natural (WOOD, 1999, p. 131).

A criatividade do bibliotecário escolar também é muito exigida no lado pedagógico, para marcar sua presença como profissional, mas evidencia-se também no DSC que existem diferentes “jeitos” bibliotecários e alguns profissionais não se utilizam muito dessa dimensão da competência. A partir dessas considerações, podemos afirmar que são muitos os modos de pensar e falar da criatividade, pois ela é referenciada nos diversos campos do conhecimento humano, o que vem confirmar que as organizações (bibliotecas) só serão bem-sucedidas se levarem em conta a criatividade. Ela é um agente de transformação dos homens e das estruturas sociais, é a criação humana, tema que não tem fronteiras, e que somente poderá ser visto num sentido global, como um

agir integrado em um viver humano. De fato, viver e criar se interligam. Criar é fazer, rompem os limites (PINHEIRO; SOUSA, 2002).

Destaca-se o auxílio da criatividade na prática diária de trabalho, pois os bibliotecários consideram que ela seja necessária para impor a sua presença como profissionais dentro da escola, e também para despertar o gosto dos alunos pela leitura e por frequentar a biblioteca. Quando falam em impor sua presença, estão fazendo menção a mostrar a importância do seu trabalho na escola e a necessidade de ter um profissional habilitado para trabalhar na biblioteca.

Os bibliotecários relacionam a criatividade com a prática de trabalho, pois mencionam que ela poderia ser mais estimulada se tivessem uma equipe de trabalho adequada para auxiliar nas atividades pedagógicas, ou seja, o interessante seria haver uma parceria entre professores e bibliotecários trabalhando no mesmo espaço. Nessa linha de raciocínio, Alencar (1996, p.3) afirma: “a criatividade é resultante mais de condições socio-organizacionais que a empresa pode proporcionar aos seus membros, do que de predisposições unicamente individuais.” Não podemos deixar de mencionar que, além de facilitar a promoção da criatividade do bibliotecário escolar e a integração com o professor, garante o bom andamento do processo de ensino-aprendizagem. No Manifesto da UNESCO/IFLA sobre a biblioteca escolar também é dito que, quando os bibliotecários e os docentes cooperam entre si, os alunos conseguem alcançar níveis mais altos de conhecimento, leitura, aprendizagem, solução de problemas e competências no que diz respeito à utilização de tecnologias da informação e da comunicação. Salienta-se que, por meio do DSC, ficou evidente que essa parceria não acontece, pois os bibliotecários mencionam que “seria interessante ter uma parceria com o professor na biblioteca.” Considera-se que possa ser um dos motivos para essa parceria não acontecer o fato de um não ter conhecimento da profissão do outro. Ou seja, desconhecem o potencial que poderiam ter juntos, dentro da escola.

4- O que você pode falar da sua atitude crítica na prática profissional?

DSC: *Observo que a informação não é valorizada na educação, não conseguimos fazer um bom trabalho porque não temos respaldo, então temos uma postura apática devido à dificuldade que enfrentamos na rede. A minha análise crítica está relacionada com a instituição escola, criticar o que a biblioteca representa para ela. Na escola em que trabalho, a biblioteca e o bibliotecário têm valor, mas, por sermos submissos demais, demoramos a nos encontrar como profissionais de valor.*

A nossa omissão faz com que sejamos esquecidos. O nosso trabalho também fica prejudicado por ficarmos isolados e nos reunirmos pouco, ou seja, trabalhamos muito individualmente, o que atrapalha a solução de muitos problemas. Acabamos nos acomodando e não buscando nos qualificar dentro da escola. Considero que o pensamento crítico temos que ter, não podemos aceitar tudo de todos. Por isso, sou extremamente crítico, desde a análise do livro pertinente no acervo, até os outros acontecimentos, considero importante a relação da postura crítica com a realização de um bom trabalho dentro da biblioteca.

De acordo com o DSC, os bibliotecários percebem que a informação não é valorizada na educação, contrariando as palavras de Queiroz (2006, p. 22), que ressalta que a “informação é tida como elemento chave em todos os segmentos da sociedade (econômico, político, social, cultural, etc.).” Essa falta de importância da informação ocasiona uma falta de respaldo da rede, no sentido de valorização do bibliotecário, tanto profissional quanto salarial. Com isso, o grupo torna-se apático perante as dificuldades, enfraquecendo a dimensão política da competência do bibliotecário escolar, pois, segundo Rios (2005, p. 108), “a dimensão política diz respeito à participação na construção coletiva da sociedade e ao exercício de direitos e deveres.” A falta de encontros periódicos e o fato de ser apenas um profissional bibliotecário por escola fazem com que os bibliotecários se tornem submissos e omissos, tornando-os profissionais esquecidos dentro da escola. Apesar de todos esses fatores relatados, os bibliotecários têm consciência de que não podem aceitar tudo de todos, por isso consideram-se extremamente críticos e relacionam a dimensão política da competência com a realização de um trabalho de qualidade dentro da biblioteca.

5- Sobre o seu comprometimento com a profissão: como é isto para você?

DSC: *Apesar de todas as dificuldades, sou muito comprometido. Pois é a área que escolhi e que gosto muito, procuro fazer da melhor maneira possível com os recursos que tenho disponíveis. Acredito naquilo que faço, acredito que posso mudar, que posso fazer alguma coisa para melhorar, me envolvo totalmente, adoro bibliotecas e atividades com bibliotecas, e tenho uma afinidade com a biblioteca escolar, por ela ser muito viva e dinâmica. Acredito também que esse comprometimento tem a ver também com ética, e a vivência nos mostra a ser mais ético. Somente nos últimos anos que*

não tenho participado de nada, porque a gente se doa demais, é muita luta e é muito desgastante, temos que fazer as coisas legais, mas com prazer. E quando participei de grupos de discussões não tive boas experiências, tinha muita expectativa e percebi que não era tão fácil, mas vou continuar tentando quantas vezes for necessário, pois nossa profissão ainda tem muito para conquistar, principalmente no âmbito da escola onde somos apenas um e acabamos nos identificando mais com o professor do que com o bibliotecário. E essa nossa identificação é importante, porque facilita o reconhecimento da profissão. Às vezes penso que poderia estar buscando outras alternativas, mas, mesmo assim, me considero comprometido com as necessidades dos alunos, com a biblioteca e com as atribuições dos bibliotecários.

De acordo com o DSC, apesar de todas as dificuldades, os bibliotecários consideram-se comprometidos com a profissão, pois garantem que gostam do que fazem e tentam fazer da melhor maneira possível, com os recursos que têm disponíveis. Eles acreditam que o comprometimento está vinculado com o gostar do que fazem, com o poder mudar e com se envolver totalmente com o trabalho. Sendo assim, fazem uma relação disto com a ética, ou seja, o comprometimento com “fazer um trabalho de qualidade”, e não com a orientação da ação, baseada no respeito e na solidariedade, no convívio e na realização de um bem coletivo. A ética está relacionada com o conjunto de princípios que rege ou orienta a ação das pessoas e das sociedades na busca do equilíbrio dessa ação (SOUZA, 2002, p. 16).

Destaca-se no DSC que a participação em grupos de discussão, nos últimos anos, não tem sido efetivada, por considerarem muito desgastante e por não terem tido experiências satisfatórias, mas fica claro que futuramente poderão voltar a engajar-se nesses grupos.

Um fator que parece prejudicial para essa relação do comprometimento é o fato de existir apenas um bibliotecário por escola, o que dificulta a sua identificação com a profissão, pois muitas vezes sentem-se mais professores do que bibliotecários. E, para os bibliotecários, criar essa identidade do bibliotecário escolar é primordial para o reconhecimento da profissão.

Este fato de trabalharem sozinhos, tanto na escola como na biblioteca, interfere nas dimensões técnica, estética, ética e política dos bibliotecários, pois nas atividades técnicas e pedagógicas necessitam de auxílio. E, para exercerem e se sentirem comprometidos com a profissão, precisam de um contingente maior de profissionais da mesma área de atuação, para trocarem

experiências e não se sentirem isolados no ambiente escolar. Mas, apesar disso, os bibliotecários abrangem a definição de competência articulada por Rios (2005, p. 93), que a apresenta como “uma totalidade que abriga em seu interior uma pluralidade de propriedades, um conjunto de qualidades de caráter positivo, fundadas no bem comum, na realização dos direitos do coletivo de uma sociedade.” E também abrangem as dimensões da competência por esta autora defendidas, pois ela salienta que a técnica, a política, a ética e a estética não são referências apenas de conceitos, mas podem ser descobertas pela vivência concreta e real, na prática. E é essa prática que torna possível ampliar e compreender os conceitos, tornando-o mais consistentes e significativos (RIOS, 2005, p 94).

Apesar das dificuldades ressaltadas, os bibliotecários consideram-se comprometidos com as necessidades dos alunos, com a biblioteca e com as atribuições dos bibliotecários, e admitem que a profissão tem um grande caminho a conquistar.

6- Você acha que o curso de graduação que você fez para exercer a sua profissão foi suficiente para sua prática profissional? Poderia me explicar por quê?

DSC: *Considero que a minha graduação não foi suficiente para exercer minhas atividades na biblioteca escolar. Ela foi boa, mas na escola a realidade é dura, é bem diferente da que aprendi na faculdade. É complicado. A escola espera da gente uma coisa e a gente vem esperando aplicar o conhecimento técnico. Então, vejo que faltou uma parte da área de biblioteca escolar. Tive que reaprender outras maneiras e técnicas de trabalhar, pois o que aprendi na faculdade para trabalhar com crianças não serve, é bem diferente. Considero a biblioteca inserida na escola, ela não é nada sem a escola. Independente da acolhida da escola, não tem um espaço para ti, bibliotecário. Eu só me encontrei na profissão de bibliotecário escolar depois que conheci melhor a escola. Por isso, teríamos que ter um conhecimento maior desse meio. Os cursos de pedagogia e biblioteconomia deveriam promover disciplinas optativas para os interessados em biblioteca escolar. Porque a única disciplina que tinha na época era optativa e o departamento não estimulou a fazer a disciplina, era responsabilidade do aluno remanejar o seu horário, para ter a formação para trabalhar em biblioteca escolar. Então, o meu curso não foi suficiente, mas isso acontece com toda graduação, nenhum curso forma por completo. Porém, ele não me permitiu o conhecimento sobre biblioteca*

escolar e nem da área da educação, e ainda hoje tenho muitas dificuldades nas questões pedagógicas e didáticas.

Os bibliotecários mencionam no DSC que a sua inserção na escola é complicada, pois a “escola” espera um tipo de atitude profissional e os bibliotecários esperam aplicar o que aprenderam na faculdade. Apesar dessas dificuldades, o grupo tem consciência de que nenhuma universidade prepara totalmente, pois se aprende muitas coisas na prática e na busca diária de atualização. Nesse momento do discurso, evidencia-se a competência informacional, aprendizado ao longo da vida e do sujeito da transformação, pois ele é o responsável por conseguir melhoras no seu trabalho diário dentro da escola. De acordo com Dudziak, (2007, p. 93), a “construção da competência nunca termina, pois é um processo dinâmico de auto-renovação e transformação pessoal proporcionado pelo aprender a aprender e pelo aprendizado ao longo da vida.” E o bibliotecário assume para si a renovação de sua própria competência informacional. Sabe-se que o currículo de Biblioteconomia, no país, ainda não oferece disciplinas específicas que visem formar o bibliotecário da biblioteca escolar como um educador. No entanto, sabe-se também que tal formação pode ser buscada nas áreas de Educação, Pedagogia, Psicologia e outras, por meio, por exemplo, da solicitação de disciplinas eletivas ou optativas. De acordo com Mota (2004, p. 126), “não busca-se transferir a responsabilidade dos cursos de graduação em Biblioteconomia para os estudantes, mas tão somente ressaltar que é preciso estar atento e disposto, desde a graduação, a enveredar pelos caminhos da educação continuada.”

Constata-se que os bibliotecários não consideram a graduação suficiente para trabalhar na escola, pois mencionam dificuldades ao ingressarem nesse meio, pois o ambiente maior de trabalho é a escola, e a biblioteca está inserida nela. Por esse motivo, precisaram aprender novas técnicas de trabalho, principalmente no que tange ao trabalho com crianças. Por outro lado, também foi ressaltado nos depoimentos que a graduação ensina o básico. Nesses casos, muitas vezes foi oferecida a disciplina optativa de biblioteca escolar, porém nem sempre foi possível que os alunos tivessem a disponibilidade de participar.

7- Você fez outros cursos (oficinas, congressos, painel) depois da graduação em Biblioteconomia? Quais? Você pode citar os três mais importantes? E você poderia me dizer por que fez esses cursos? Em caso negativo, você poderia me dizer por que não fez cursos após a graduação?

DSC: *Fiz vários cursos, os mais importantes foram os mais prazerosos, como o de encadernação, na Casa da Memória, pois podemos levar para a prática do dia a dia. Fiz também o de Atualização em AACR2, Painel de Biblioteconomia, Normalização, Biblioteca Escolar, Contação de Histórias, Fórum de Bibliotecas escolares, Classificação, Restauração, Biblioterapia, Incentivo à Leitura e palestras. Fiz alguns cursos de formação a distância. Em geral, faço o que a prefeitura oferece. Fora da instituição, estou bem afastado, estou achando caro, pelo que eu ganho. O curso do AACR2 fiz para ajudar na informatização do acervo. E os outros, porque acho que devemos nos atualizar, aprender e trocar experiências, repensando a nossa prática ou não. Fiz também para me integrar com os outros bibliotecários e ver o que estão realizando, e queria saber o que estava acontecendo. Então, fiz os cursos sempre buscando melhorar e abrir meu leque de vivências.*

Fica evidente que o bibliotecário percebe a importância de buscar qualificação permanente através de cursos, participação em congressos, leitura e outros meios. E isso, não só no campo da Biblioteconomia, mas, sobretudo na área com a qual está interagindo.

Contribuindo para essa afirmação, o DSC dos bibliotecários mostra que eles estão sempre buscando atualização, apesar de muitas vezes se mostrarem dependentes da instituição, pois consideram que os cursos têm um preço elevado. Por isso, a maioria dos cursos que realizaram foram promovidos pela Secretaria Municipal de Educação, o que mostra a preocupação e a responsabilidade da mesma com a formação desse profissional. Apesar disso, os bibliotecários têm plena consciência da necessidade e da importância de se atualizarem, aprenderem e trocarem experiências, melhorando assim o seu leque de vivências.

Percebe-se no DSC que a participação em cursos deve-se ao fato de os bibliotecários buscarem atualização e integração com os demais bibliotecários, pois essa integração minimiza o isolamento que os bibliotecários sentem nas escolas. Diante disso, abaixo apresenta-se o *ranking* dos eventos e cursos mais frequentados pelos bibliotecários:

CURSO	QUANTIDADE VEZES CITADA
Painel Biblioteconomia em Santa Catarina	05
Cursos que a Prefeitura promoveu	05
Fórum de Bibliotecas Escolares	02
Normalização	02
AACR2, Biblioteca Escolar, Contação de Histórias, Classificação, Restauração, Biblioterapia e Incentivo à Leitura	01

Quadro 2 – Cursos e eventos citados pelos bibliotecários.

Fonte: dados coletados pela pesquisadora.

8- Explique melhor sua prática diária de trabalho.

DSC: *O forte é o atendimento. Confesso que me sinto insatisfeito, pois é uma atividade basicamente administrativa, isto é feito sem pessoal para ajudar. O que dificulta planejar atividades de incentivo à leitura e a realização de atividades lúdicas. O interessante seria ter um professor para trabalhar junto na biblioteca, fazendo a ligação do técnico com o pedagógico. Na prática diária também auxilio nas pesquisas, faço processamento técnico e faço troca de livros, que são combinados com antecedência com o professor. Estou também sempre acessível e interagindo com os alunos. Penso e efetivo parcerias com os professores a respeito de projetos. A minha prática diária não é rotineira, e sim cansativa, pois tenho que improvisar muito, porém também é muito boa.*

Foi possível constatar que a prática diária de trabalho dos bibliotecários tem como foco principal o atendimento e outros processos administrativos, o que deixa-os insatisfeitos. Mais uma vez, como em respostas anteriores, o fator determinante para que isso aconteça é que os bibliotecários trabalham sozinhos, o que acaba dificultando a realização de atividades lúdicas e de incentivo à leitura. Assim, fazem referência a trabalharem juntos na biblioteca, os bibliotecários e professores. Outras atividades realizadas na prática diária são auxílio na pesquisa, processamento técnico e troca de livros.

É possível perceber no DSC que os bibliotecários estão se fazendo acessíveis e integrados com o aluno. Percebe-se também que sabem o valor que tem a parceria entre bibliotecários e professores, para o processo de ensino-aprendizagem, pois mostram-se preocupados em pensar e

efetivar parcerias com os professores. Por fim, os bibliotecários consideram a prática diária boa, porém cansativa, por causa da improvisação tanto no lado pessoal, quanto no lado material.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo identificar as dimensões da competência do bibliotecário escolar, segundo a sua prática diária de trabalho.

Os bibliotecários compreendem competência informacional, de acordo com a definição da American Library Association (1989), que faz referência à competência informacional como sendo a capacidade de reconhecer quando se precisa de informação e de possuir a habilidade de utilizá-la efetivamente.

Quanto à verificação sobre como os bibliotecários conceituam as dimensões da competência, e em paralelo com a fundamentação conceitual, percebeu-se que a competência do bibliotecário escolar é parcialmente pautada em cada uma das dimensões das competências descritas nesta dissertação: técnica, estética, ética, política e informacional. Os bibliotecários destacam a relação da competência com o atendimento ao usuário, a organização da biblioteca e com o conhecimento do acervo, o que remete à noção de competência, ou seja, relacionado “ao saber fazer algo”, que envolve, por sua vez, uma série de habilidades. E relacionam também a competência informacional com o aprendizado contínuo ao longo da vida.

A dimensão técnica capacita o bibliotecário para trabalhar com os conteúdos e fornece a habilidade para construí-los e reconstruí-los de acordo com a necessidade. Considerar o trabalho do bibliotecário apenas técnico ou tecnicista é desconsiderar a natureza interdisciplinar da área e a complexidade inerente às suas competências.

A dimensão estética mostrou ser bem aguçada nos participantes da pesquisa, pois caracteriza-se por meio de uma habilidade subjetiva necessária para antever os vários usos possíveis das informações coletadas e produzidas na escola, ou seja, é articulada a criatividade e a sensibilidade do bibliotecário em saber lidar com as situações diárias.

Observou-se, quanto à dimensão política do bibliotecário escolar, que os mesmos são extremamente críticos. E que percebem uma desvalorização tanto profissional quanto salarial, o que acaba deixando-os um pouco apáticos e enfraquecendo a sua dimensão política. Os bibliotecários têm consciência de que a dimensão política é a que permite a construção coletiva da sociedade e o exercício dos direitos e dos deveres que revela o bibliotecário reflexivo, capaz de avaliar e de se autoavaliar de acordo com uma postura crítica.

A dimensão ética orienta a ação fundada no respeito e na realização do bem coletivo, conseqüentemente, essas dimensões da competência vão se refletir na tomada de decisões, no que diz respeito à escolha de estratégias adaptadas aos objetivos educacionais estabelecidos e às exigências éticas da profissão. Os bibliotecários consideram-se éticos, na medida em que relacionam a ética com o comprometimento com a profissão. Os bibliotecários definem-se como comprometidos com as necessidades dos alunos, com a biblioteca e com as atribuições dos bibliotecários.

Constatou-se que, apesar de perceberem a necessidade de sua atuação pedagógica, os bibliotecários encontram muitas dificuldades. Acredita-se que, para superar esses problemas, é necessário que esse profissional lute e demonstre seu potencial, mesmo enfrentando a falta de recursos ou reconhecimento por parte da escola e da própria Prefeitura. Salienta-se que, no caso das Bibliotecas Escolares da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis, um grande passo já foi dado, pois o bibliotecário está presente em aproximadamente 68% das escolas. Porém, é possível observar no discurso dos bibliotecários que ainda existe a necessidade de recursos pessoais e materiais para efetuarem um trabalho de qualidade, também como de uma valorização por parte da Prefeitura em questões profissionais e salariais.

Quanto à suficiência da graduação, pode-se dizer que o bibliotecário escolar não deve mais se limitar aos conhecimentos obtidos na graduação. Ele necessita recorrer a outras áreas do conhecimento, para melhorar cada vez mais a sua formação. Assim, sente a necessidade e gosta de buscar educação continuada. O bibliotecário escolar tem consciência dessa busca do aprendizado contínuo, melhorando as suas qualificações e competências, procurando a sua visibilidade e reconhecimento profissional. Explorar a educação continuada e a interdisciplinaridade da área da Ciência da Informação é uma das formas de ter sua formação ampliada e desenvolver competências e habilidades específicas para determinados ambientes. Isso talvez o auxilie a demonstrar o seu valor e importância dentro da escola.

Em contrapartida, os cursos de graduação Biblioteconomia devem repensar a questão da biblioteca escolar como área de atuação do bibliotecário. Torna-se vital redimensionar a formação básica de bibliotecário escolar, com inserção de mais disciplinas voltadas para a biblioteca escolar. Porém, não cabe ressaltar a dificuldade dos cursos de Biblioteconomia em inserirem em sua grade curricular disciplinas referentes à biblioteca escolar, considerando o fato de ser uma área a ser conquistada, pois oferece poucas oportunidades de trabalho. Talvez o bibliotecário escolar precise

tirar proveito da interdisciplinaridade da área da Ciência da Informação, para ampliar sua formação e desenvolver competências e habilidades específicas para determinados ambientes.

Outro fator que se destaca no DSC dos bibliotecários é o isolamento que sentem na escola. Esse isolamento prejudica o trabalho e também faz com que percam a sua identidade profissional, na medida que, muitas vezes, sentem-se mais professores do que bibliotecário. Esse isolamento talvez possa ser minimizado com encontros periódicos para trocas de experiências entre os bibliotecários atuantes na Rede Municipal de Ensino.

Percebeu-se, com esta pesquisa, que o grupo é moldado de acordo com o ambiente que frequenta, a escola, e acaba adquirindo falas e atitudes desse ambiente. Sendo assim, o DSC dos bibliotecários mostrou que eles têm formas e posturas de trabalho bem similares. Percebeu-se que algumas mudanças dependem de instâncias superiores e exigem um conjunto maior de mediações. Não pode perder de vista que quem transforma a realidade não é um sujeito isolado, mas um conjunto de homens e mulheres, num determinado contexto histórico, com uma determinada organização. Essa afirmação tem concordância com as ideias de Berger e Luckmann, de que a realidade é uma construção social, pois a condição única do indivíduo na sociedade é construída tendo como elementos básicos tanto os aspectos culturais do grupo social no qual o indivíduo está inserido, quanto as escolhas e os critérios de decisão do próprio indivíduo. Assim, a pessoa não exerce somente a vontade da sociedade, mas também a sua, embora fortemente influenciada pela realidade social.

REFERÊNCIAS

- ABECIN. **Avaliação da graduação em Biblioteconomia e Ciência da Informação**: bases conceituais, metodológicas e princípios do processo educativo. In: Oficina Regional de Trabalho Sudeste/Centro-Oeste. Vitória, 2002a. 20 p. Disponível em: <<http://abecin.org.br>>. Acesso em: 30 jul. 2008.
- ALENCAR, E. L. S. de. **A gerência da criatividade**. São Paulo: Makron Books, 1996.
- ALVES, M. **Como escrever teses e monografias**: um roteiro passo a passo. Rio de Janeiro: Campus, 2003.
- AMERICAN LIBRARY ASSOCIATION. American Library Association Presidential Committee on **Information Literacy Reports**. 10/01/1989, Disponível em: <<http://www.ala.org/acrl/nili/ilit1st.html>>. Acesso em: 22 jul. 2008.
- ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Tradução de Leonel Vallandro e Gerd Bornheim. São Paulo: Abril Cultural, 1973.
- BARROS, A. J. da S.; LEHFELD, N. A. de S. **Fundamentos de metodologia científica**: um guia para a iniciação científica. 2 ed. São Paulo: Makron, 2000.
- BAUMAN, Z. **Globalização**: as consequências humanas. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BEHRENS, S.J. A conceptual analysis and historical overview of information literacy. **College & Research Libraries**, v. 55, n. 4, p. 309-322, 1994.
- BERGER, P.L.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**. 27 ed. Petrópolis: Vozes, 2007.
- BRASIL. **Lei de diretrizes e bases da educação**: Lei 9.394/96. 4.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. 200p.
- _____. Lei 11.274, de 07 de fevereiro de 2006. Dispõe sobre a duração de nove anos para o ensino fundamental, com matrícula obrigatória a partir dos seis anos de idade. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 6 fev. 2006. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Lei/L11274.htm>. Acesso em: 18 jul. 2009.
- _____. Ministério do Trabalho. **Classificação brasileira de ocupações**. Brasília, 2002. Disponível em: <<http://www.mtecbo.gov.br/index.htm>>. Acesso em: 19 jul. 2009.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: introdução aos parâmetros curriculares nacionais / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEE, 1997.

_____. Presidência da República. Conselho Nacional de Ciência e Tecnologia. Ministério da Ciência e Tecnologia. **Sociedade da informação: ciência e tecnologia para a construção [...]**. Brasília: CNPQ/IBICT; São Paulo: UNIEMP, 1998.

BURKE, P. **Uma história social do conhecimento: de Gutenberg a Diderot**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

CALDIN, C.F. Reflexões acerca do papel do bibliotecário de biblioteca escolar. **Revista ACB**, Florianópolis, v. 10, n. 2, p. 163 – 168, 2005.

CAMPELLO, B. et.al. **A biblioteca escolar: temas para uma prática pedagógica**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

CAMPELLO, B. O movimento da competência informacional: uma perspectiva para o letramento informacional. **Revista Ciência da Informação**, Brasília, v. 32, n. 3, p. 28-37, set./dez. 2003.

_____. A escolarização da competência informacional. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**. Nova série, São Paulo, v.2, n.2, p. 63-77, dez. 2006.

_____. **Letramento informacional no Brasil: práticas educativas de bibliotecários no ensino básico**. 2008. 209 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação), Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 2009.

CAREGNATO, S. E. O desenvolvimento de habilidades informacionais: o papel das bibliotecas universitárias no contexto da informação digital em rede. **Revista de Biblioteconomia & Comunicação**, Porto Alegre, v. 8, p. 47-55, 2000.

CERVO, A L.; BERVIAN, P.A. **Metodologia científica**. 4 ed. São Paulo: Makron Books, 1996.

CHAUÍ, M. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 2000.

CORRÊA, E.C.D. et. al. Bibliotecário escolar: um educador? **Revista ACB**, Florianópolis, v. 7, n. 1, p. 107-123, 2002.

CUARTAS, E. ; PESSOA, M. L. ; COSTA, C. da. Ética Profissional do Bibliotecário: 15 anos depois. [Em anexo: Código de Ética Profissional do Bibliotecário – resolução CFB n. 42 publicada do D. O. U. de 7/1/2002]. **Biblo: Revista do Departamento de Biblioteconomia e História**, Rio Grande, v. 15, p. 195-209, 2003.

DARIN, Á.; MEDEIROS, I. **Proposta educacional**. São Paulo: IBEP, 2004.

DECLARAÇÃO DE ALEXANDRIA sobre competência Informacional e aprendizado ao longo da vida. **National Fórum on Information Literacy**, 2005. Disponível em: <www.ifla.org/III/wsis/BeaconInfSocpt.html>. Acesso em: 14 mar. 2007.

DELORS, J. (Coord.) **Educação: um tesouro a descobrir**. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2000.

DEMO, P. **Desafios modernos da educação**. Petrópolis: Vozes, 1998.

_____. Ambivalência da sociedade da informação. **Ciência da Informação**. Brasília, v. 29, n. 2, p. 37-42, maio/ago. 2000.

DUDZIAK, E. A. **A information literacy e o papel educacional das bibliotecas**. 2001. 173f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) - Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

_____. Information literacy: princípios, filosofia e prática. **Ciência da Informação**, v. 32, n. 1, p. 23-35, jan.abr. 2003.

_____. O Bibliotecário como agente de transformação em uma sociedade complexa: integração entre ciência, tecnologia, desenvolvimento e inclusão social. **Ponto de Acesso**. Salvador, v. 1, n. 1, p. 88-98, jun. 2007.

ELY, N.H. Dimensões da biblioteca escolar no ensino fundamental. **Revista ACB**, v.8/9, p. 46-53, 2003/2004.

FLORIANÓPOLIS. Prefeitura Municipal. Secretaria Municipal de Educação. **Atribuições do cargo de bibliotecário**. Florianópolis: Secretaria Municipal de Educação, 2008.

FLORIANÓPOLIS. Lei nº 2.897/1988. Dispõe sobre o plano de cargos e empregos, de vencimentos e salário, do quadro único de pessoal civil da administração direta do município de Florianópolis. [s.l.: s.n], [198-].

FUKS, S. A sociedade do conhecimento. **Tempo Brasileiro**, n.152, p.75-101, jan./mar. 2003.

GADAMER, H. G. **O caráter oculto da saúde**. Tradução de Antônio Luz Costa. Petrópolis: Vozes, 2006. (Coleção Textos Filosóficos).

GADOTTI, M. **Organização do trabalho na escola: alguns pressupostos**. São Paulo: Ática, 1994.

GIL, A.C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.

GUARESCHI, P. A. ; JOVCHELOVITCH, S. **Textos em representações sociais**. Petrópolis:Vozes, 1994.

HEXSEL, E. M. P. Criatividade em bibliotecas e serviços de informação. **Revista de Biblioteconomia & Comunicação**, Porto Alegre, v.7, p. 31-37, jan./dez. 1996.

HILLESHEIM, A. I. de A.; FACHIN, G. R. B. Conhecer e ser uma biblioteca escolar no ensino-aprendizagem. **Revista ACB**, Florianópolis, v. 4, n. 4 p. 64 – 79, 1999.

HILLESHEIM, A. I. de A.; FACHIN, G. R. B. Biblioteca escolar e leitura. **Revista ACB**, Florianópolis, v. 8/9, p. 35-45, 2003/2004.

JANNUZZI, C. A. S. C.; TÁLAMO, M. de F. G. M. A empresa e os sistemas humanos de informação: uma abordagem conceitual para a gestão da informação. **Transinformação**, Campinas, v. 16, n. 2, p. 171-187, maio/ago. 2004.

JODELET, D.. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, D. (Org.). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2002. p. 17-44.

KULTHAU, E. A. O papel da biblioteca escolar no processo de aprendizagem. In: VIANNA, M. M. *et al.* **Seminário Biblioteca Escolar: espaço de ação pedagógica**. Belo horizonte: Escola de Ciência da Informação da UFMG, 1999. p. 9-14.

LEFÈVRE, F.; LEFÈVRE, A.M.C. **O Discurso do Sujeito Coletivo: um enfoque em pesquisa qualitativa (desdobramentos)**. 2 ed. Caxias do Sul: EDUCS, 2005.

LIMA, S. V. de L. A importância da motivação no processo de ensino aprendizagem. **Artigonal**, fev. 2008. Disponível em: < <http://www.artigonal.com/educacao-artigos/a-importancia-da-motivacao-no-processo-de-aprendizagem-341600.html>>. Acesso em: 02 jan. 2010.

LINS, G. S.; LEITE, F. C. L. Comportamento informacional como aporte teórico para consolidação conceitual de competência informacional no contexto da comunicação científica. In: 15 SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 2008. São Paulo. **Anais eletrônicos...** São Paulo: CRUESP, 2008. Disponível em: <<http://www.sbu.unicamp.br/snbu2008/anais/site/pdfs/2886.pdf>>. Acesso em: 28 jul. 2008.

MANFREDI, S.M. Trabalho, qualificação e competência profissional- das dimensões conceituais e políticas. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 19, n. 64. set. 1998.

MATTELART, A. **História da sociedade da informação**. São Paulo: Loyola, 2002.

MELLO, G.N. de. **Magistério de 1º grau: da competência técnica ao compromisso político**. São Paulo: Cortez, 1982.

MERCOSUL EDUCACIONAL. **Sistema educacional brasileiro**. Abril, 2006. Disponível em: http://www.sic.inep.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=62:o-sistema-educacional-brasileiro&catid=120:sistemas-educacionais>. Acesso em: 10 maio de 2010.

MILANESI, L. A formação do informador. **Informação & Informação**, Londrina, v. 7, n. 1, p. 7-40, jan./jun. 2002. Disponível em: <<http://www2.uel.br/revistas/informacao/viewarticle.php?id=116>>. Acesso: em 25 jan. 2010.

MINAYO, M. C. de S.(Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 23. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

MIRANDA, S. Como as necessidades de informação podem se relacionar com

as competências informacionais. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 35, n. 3, p. 99-114, set./dez.2006.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

MOTA, F.R.L. Bibliotecários e professores no contexto escolar: uma interação possível e necessária. In: 3. SEMINÁRIO DE BIBLIOTECA ESCOLAR: ESPAÇO DE AÇÃO PEDAGÓGICA, 2004, Belo Horizonte. **Anais eletrônicos...** Belo Horizonte: Grupo de Estudos em Biblioteca Escolar, 2004. Disponível em: <<http://www.eci.ufmg.br/gebe/downloads/321.pdf>>. Acesso em 18 jul. 2009.

MÜLLER-GRANZOTTO, M. J. ; MÜLLER-GRANZOTTO, R. L. **Fenomenologia e Gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 2007.

MULLER, S.P.M. Perfil do bibliotecário, serviços e responsabilidades na área de informação e formação profissional. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, Brasília, v. 17, n. 1, p. 63-70, jan./jun. 1989.

OLIVEIRA, S. L. de. **Tratado de metodologia científica: projetos de pesquisas, TGI, TCC, monografias, dissertações e teses**. São Paulo: Pioneira, 1997.

ORGANIZAÇÃO DOS ESTADOS AMERICANOS. Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários. Comissão Brasileira de Bibliotecas Públicas e Escolares. **Modelo flexível para um sistema nacional de bibliotecas escolares: Colômbia, Costa Rica, Peru, Venezuela**. Brasília: FEBAB, 1985. 293p.

OSTROWER, F. **Universos da arte**. Rio de Janeiro: Campus, 1986.

PASSOS, R. ; SANTOS, G. C. Formação da identidade profissional do bibliotecário: o desenvolvimento de competência e habilidades na área educacional. In: _____. (Org.). **Competência em informação na sociedade da aprendizagem**. Bauru: Kairós, 2005. p. 9-28.

PERRENOUD, P. **Construir as competências desde a escola**. Porto Alegre: Artmed, 1997.

_____. **10 novas competências para ensinar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

_____. **O desenvolvimento da prática reflexiva no ofício do professor**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

PINHEIRO, E. G.. **Informação para a cidadania: uma articulação dinâmica que se descortina na terra da desigualdade**. 2000. Trabalho apresentado no XIX Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação, Porto Alegre, 2000.

PINHEIRO, E. G.; SOUSA, M. I. de J. Informação & criatividade sob o prisma organizacional das bibliotecas universitárias: estratégias de sobrevivência. In: XII SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS. **Anais eletrônicos...** Recife: UFPE, 2002. Disponível: <<http://www.ufpe.br/snbu/docs/42.a.pdf>>. Acesso em: 28 jul. 2009.

PONJUÁN, G. Papel de la colaboración entre líderes de vários sectores para la creación de uma cultura informacional. In: **Fórum Nacional sobre Informação e Alfabetização**, jul. 2002. Disponível em: <<http://www.nclis.gov/libinter/infolitconf&meet/papers/ponjuan-fullpaper.pdf>>. Acesso em: 20 abr.2006.

QUEIROZ, S.P. de. *Information literacy*: uma proporção expressiva para a biblioteca escolar. In: SILVA, R.J. da S., BORTOLIN, S. (Orgs.). **Fazeres cotidianos na biblioteca escolar**. São Paulo: Polis, 2006. p 21-30.

RICHARDSON, R. J. *et al.*. **Pesquisa social**: métodos e técnicas. 2 ed. São Paulo: Atlas, 1989.

RIOS, T. A. **Ética e competência**. 12 ed. São Paulo: Cortez, 2002.

RIOS, T. A. **Compreender e ensinar**: por uma docência de melhor qualidade. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2005.

RODRIGUES, M. E. F. A pesquisa como principio educativo na formação do profissional da informação. In: VALENTIM, M. L. P. (org.). **Formação do profissional da informação**. São Paulo: Polis, 2002.

SALGADO, D.M.; BECKER, P.. O bibliotecário no olhar do público escolar. **Encontros Bibli**, Florianópolis, set. 1998. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/viewFile/18/5033>>. Acesso em: 18 jul. 2009.

SANT'ANNA, E.; SALES, M.; DIAS, R. **Terra, gente & companhia**. Belo Horizonte: Dimensão, 2006.

SANTOS, E.M.T. dos. **A criação do cargo de bibliotecário na Rede Municipal de Florianópolis**. 2006. 45f. Monografia (Especialização Gestão de Bibliotecas). Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis,2006.

SANTOS, J. V. T. A construção da viagem inversa. **Cadernos de Sociologia**, ensaio sobre a investigação nas ciências sociais, Porto Alegre, v. 3, n. 3, p. 55-88, jan./jul. 1991.

SARAIVA, E.R. dos S. **Novíssimo dicionário latino-português**: etimológico, prosódico, histórico, geográfico, mitológico, bibliográfico. 10 ed. Rio de Janeiro/Belo Horizonte: Garnier, 1993.

SCHÜKLENK, U. Introdução à ética em pesquisa. In: DINIZ, D.; GUILHEM, D., SCHÜKLENK, U. **Ética na pesquisa**: experiência de treinamento em países sul-americanos. Brasília: UNB, 2005.

p. 30-45. Disponível em: < <http://www.udo-schuklenk.org/files/modulo1.pdf>>. Acesso em: 14 nov. 2008.

SILVA, E. T. **De olhos bem abertos**: Reflexões sobre o desenvolvimento da leitura no Brasil. São Paulo: Ática, 1991.

SILVA, W.C. **Miséria da biblioteca escolar**. São Paulo: Cortez, 1999.

SIMIONI, A.M.C. **O PAS Programa de atendimento à saúde**: representação dos gerentes do setor público a respeito da implantação de um novo modelo gerencial na Prefeitura Municipal de São Paulo. São Paulo: EAD- 735, FEA/USP, 1997.

SMOLE, K. C. S. Aprendizagem significativa: o lugar do conhecimento. **Aprender online**, São Paulo, p. 20-24, 01 maio 2000. Disponível em: <<http://www.fe.unb.br/pie/zAPRENDIZAGEM%20SIGNIFICATIVA.htm>>. Acesso em: 02 jan. 2010.

SOMAVÍA, J. A estrutura transnacional de poder e a informação internacional. In: MATTA, F. R. (Org.). **A informação na nova ordem internacional**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

SOUZA, F. das C. de. Educação superior, sociedade e formação de bibliotecários. In: SEMINÁRIO BIBLIOTECA, INFORMAÇÃO E SOCIEDADE NO NOVO MILÊNIO, 1999. Ijuí. **Anais**. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 2000. p. 46-74.

SOUZA, F. das C. de. Ética. In: _____. **Ética e deontologia**: textos para profissionais atuantes em bibliotecas. Florianópolis: Ed UFSC, 2002. p. 5-28.

_____. **Modernização e biblioteconomia nova no Brasil**. Florianópolis: NUP/CED/UFSC, 2003. (Teses NUP, 9).

STUMPF, I. R. C. Funções da biblioteca escolar. **Cadernos do CED**, Florianópolis, v. 4, n. 10, p. 67-80, jul./dez. 1987.

TAKAHASHI, T. (Org.) **Sociedade da informação no Brasil**: Livro Verde. Brasília: Ministério da Ciência e Tecnologia, 2000.

TARAPANOFF, K; SUADEIN, E. ; OLIVEIRA, C. L. Funções sociais e oportunidades para profissionais da informação. **DataGramZero**, Brasília, v. 3, n.5, out. 2002.

TORRES, R.M. Melhorar a qualidade da educação básica?: as estratégias do Banco Mundial. In: DE TOMMASI, L.; WARDE, M. J., HADDAD, S. (Orgs.). **O Banco Mundial e as políticas educacionais**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1998. p.125-193.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

UNESCO. **Manifesto da Biblioteca escolar da IFLA/UNESCO**. 1999. Disponível em: <www.ifla.org/VII/s11/pubs/portug.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2006.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA SANTA CATARINA. **Regimento do Comitê de Ética em pesquisa com seres humanos na Universidade Federal de Santa Catarina**. Disponível em: <<http://www.cep.ufsc.br/portal>> Acesso em: 25 jul. 2009.

VALENTIM, M. L. P. Profissional da informação: formação, perfil e atuação profissional. In: _____.(Org.). **Profissionais da informação: formação, perfil e atuação profissional**. São Paulo: Polis, 2000. p. 7-30.

VALENTIM, M. L. P. Ética profissional na área de ciência da informação. In: _____. (Org.). **Atuação profissional na área de informação**. São Paulo: Polis, 2004. p. 55-69.

VAZ, H.C.L. **Escritos de filosofia II: ética e cultura**. São Paulo: Loyola, 1988.

VITORINO, E.V. Competência informacional: princípios para a formação contínua de profissionais da informação em bibliotecas universitárias. In: 15. SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 2008. São Paulo. **Anais eletrônicos...** São Paulo: CRUESP, 2008. Disponível em: <<http://www.sbu.unicamp.br/snbu2008/anais/site/pdfs/2698.pdf>>. Acesso em: 18 jul. 2008.

VITORINO, E, V. A formação contínua do profissional da informação: princípios epistemológicos à competência informacional. In: 9 ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 2008. São Paulo. **Anais eletrônicos...**São Paulo: USP, 2008. Disponível em: < <http://www.ancib.org.br/grupos-de-trabalho/gt-6-informacao-educacao-e-trabalho/gt6-documentos>. Acesso em: 25 mai. 2009.

WOODS, P. Aspectos sociais da criatividade do professor. In: _____. **Profissão professor**. São Paulo: Porto, 1999. p. 125- 154.

APÊNDICES

APÊNDICE A- Questionário de Seleção

Formulário de Informações Preliminares, que visa seleção para participação em pesquisa para elaboração de Dissertação de Mestrado/ “Bibliotecário Escolar e competência informacional: discurso de um sujeito de transformação.”

Nome:
Escola em que atua (nome e bairro):

Qual o horário de funcionamento da biblioteca?

Qual seu horário de trabalho?

Você está disposto a prestar informações para o estudo?

Caso esteja disposto a participar da pesquisa, qual o seu horário disponível para a entrevista?

Contato (endereço; telefone; e-mail):

APÊNDICE B- ROTEIRO DE ENTREVISTA

Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC
Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PGCIN)

Prezados(as):

Sou aluna do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PGCIN) e estou desenvolvendo pesquisa entre os profissionais da informação Bibliotecários atuantes em Bibliotecas Universitárias Escolares do Município de Florianópolis. Este roteiro de perguntas tem por objetivo coletar depoimentos para a pesquisa **“Bibliotecário Escolar e Competência Informacional: Discurso de um Sujeito de Transformação.”** Responda as perguntas livremente. Seu nome será mantido em sigilo e o conteúdo das respostas será utilizado somente para os propósitos desta pesquisa. Caso tenha interesse em receber os resultados da pesquisa – na forma de síntese - informe o seu e-mail nesta folha abaixo.

Obrigada pela sua contribuição à pesquisa.

Atenciosamente,

Christianne Martins Farias

e-mail: chrismfarias@gmail.com

e-mail alternativo: christianne.biblio@pmf.sc.gov.br

Identificação:

Nome (opcional):

Qual a sua idade?

- Entre 20 e 30 anos Entre 41 e 50 anos
 Entre 31 e 40 anos Mais de 51 anos

Qual sua formação acadêmica?

- Graduação Mestrado
 Especialização Doutorado
 Outras. Especifique _____

Ano de conclusão do curso de graduação e instituição:

Local de trabalho:

Há quanto tempo exerce a profissão (em anos):

Agora vou fazer algumas perguntas e gostaria que você respondesse de acordo com a sua prática profissional diária, sem arrolar conceitos.

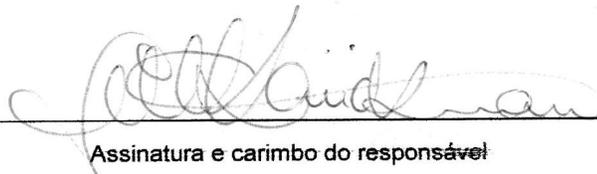
1- Vou iniciar uma frase e pedir para você completar. Para ser competente informacional eu...

- 2- Como você vê a técnica na sua prática profissional?
- 3- Você poderia me explicar qual a relação da criatividade com a sua prática profissional?
- 4- O que você pode falar da sua atitude crítica na prática profissional?
- 5-Sobre o seu comprometimento com a profissão: como é isto para você?
- 6-Você acha que o curso de graduação que você fez para exercer a sua profissão foi suficiente para sua prática profissional? Poderia me explicar por quê?
- 7-Você fez outros cursos (oficinas, congressos, painel) depois da graduação em Biblioteconomia? Quais? Você pode citar os três mais importantes? E você poderia me dizer por que fez esses cursos? Em caso negativo, você poderia me dizer por que não fez cursos após a graduação?
- 8-Explique melhor a sua prática diária de trabalho.

Termo de Aceite da Instituição**DECLARAÇÃO (Responsável pela Instituição)**

Declaro para os devidos fins e efeitos legais que, como representante legal da **Secretaria Municipal de Educação**, tomei conhecimento do projeto de pesquisa: **Bibliotecário escolar e competência informacional**: discurso de um sujeito de transformação. Como esta instituição tem condição para o desenvolvimento deste projeto, autorizo a execução da pesquisa em questão.

Data: Florianópolis, 09 de setembro de 2008.



Assinatura e carimbo do responsável

Fernanda Cláudia Luckmann da Silva
Depto. de Mídia e Conhecimento
Coordenadoria de Bibliotecas Escolares
Matr. 14845-8

APÊNDICE D - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

(Assinado pelos participantes da pesquisa e do pré-teste)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Eu, Christianne Martins Farias, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PGCIN) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), estou realizando a pesquisa Bibliotecário Escolar e Competência Informacional: Discurso de um Sujeito de Transformação, com o objetivo de conhecer as competências dos profissionais da informação em relação a sua atuação quanto aos recursos informacionais nas escolas da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis . Para tanto, será realizado um pré-teste, no qual será respondida uma entrevista com 8 (oito) perguntas abertas. Você poderá fazer perguntas, esclarecer dúvidas e poderá inclusive, desistir de participar da pesquisa a qualquer momento. Asseguro-lhe, desde já, que as informações que me forem confiadas terão sigilo e sua identidade será preservada. O conteúdo de sua entrevista será estudado em conjunto com o conteúdo de todas as informações fornecidas por todos os entrevistados.

Assinatura: _____

Pesquisador:
Christianne Martins Farias

Eu, _____, fui esclarecido(a) sobre a pesquisa **Bibliotecário Escolar e Competência Informacional: Discurso de um Sujeito de Transformação** e concordo que o conteúdo de minha entrevista seja utilizado na realização deste estudo.

Data: ____/____/____

Assinatura: _____ RG: _____

APÊNDICE E- INSTRUMENTO DE ANÁLISE DE DISCURSO 1 – (IAD 1)

1- Para ser competente informacional eu...

EXPRESSÕES-CHAVE	IDEIAS CENTRAIS
P1- [...] <i>tentar ser competente da maneira que eu satisfaça o usuário naquilo que ele ta me pedindo, tentar buscar todos os tipos de informação que eu tenho [...].</i>	- Satisfazer o usuário com todos os tipos de informação disponível.
P2- <i>Primeiro atender bem, tem que estar com uma organização, um planejamento adequado e estratégico tudo dentro de toda a situação da escola[...].</i>	- Atender bem, ter uma organização e um planejamento adequado.
P3- <i>Preciso estar muito bem informado para poder informar a outra pessoa.</i>	- Estar muito bem informado.
P4- <i>Tem que estar atualizado, tem que está sempre correndo atrás. [...], tem que acompanhar esse mundo de informática, eu acho que tem tudo a ver com informação.</i>	- Estar atualizado.
P5- <i>Procuro sempre estar me atualizando.</i>	-Estar atualizado.
P6- [...], <i>me atualizo em tudo, por que a nossa área pega tudo.</i>	- Estar atualizado.
P7- <i>Preciso estar bem atento as coisas que acontecem ao meu redor, [...].</i>	- Estar atento.
P8- <i>Localizo a informação com a maior rapidez possível, identificar o problema do aluno o mais rápido possível, [...] e no âmbito incentivo a leitura tentar localizar realmente qual é a necessidade de cada turma, [...].</i>	- Localizar a informação e identificar a necessidade de cada usuário.
P9- [...], <i>tenho que estar atualizado.</i>	- Estar atualizado.
Continuação... P10- <i>Eu tenho conhecimento do acervo disponível na minha biblioteca, para atender o meu público [...] E detenho conhecimento em informática, tecnologias da informação que permitam o conhecimento de outros suportes de conhecimentos.</i>	- Conhecer o acervo.

2- Como você vê a técnica na sua prática profissional.

EXPRESSÕES-CHAVE	IDEIAS CENTRAIS
P1- <i>Na minha prática profissional a técnica não acontece muito, é mais assim a parte técnica que eu uso aqui na biblioteca é de utilizar a CDD no acervo para disposição do acervo, [...].</i>	- A técnica é pouca, acontece somente para disposição do acervo.
P2- <i>Hoje na prefeitura a minha técnica é muito pouco assim, não tem nada de técnico, eu faço só registro e atendo, atendo e atendo, eu to sozinho, nós não temos nenhum apoio assim técnico, de parar para fazer o técnico. [...].</i>	- A técnica é pouca, somente é efetuado registro e atendimento, pois estou sozinho.
P3- [...] <i>eu acho que a gente estudou tanto, tanto para fazer apenas bolso, dobrar bolsos colar ficha [...] é Continuação... desperdiçado o nosso conhecimento o nosso com técnicas bibliotecárias, não digo catalogar fazer uma CDD, que a gente não faz. Agora essa história de dobrar bolso, colar bolso e carimbar livro é coisa mesmo para estagiário.</i>	- O nosso conhecimento é desperdiçado apenas dobrando e colando bolsos e fichas.
P4- [...] <i>ela é básica por que ela não chega a ser essencial, eu acho que dá para se virar muito de outras maneiras, a gente usa a técnica para manter organização, para manter uma uniformidade no trabalho, mas a prática na biblioteca escolar ela é bem peculiar, ela foge bastante do que se aprende em curso, em graduação, ou nem sempre dá para botar na prática do dia-a-dia toda aquela técnica que se aprende mesmo.</i>	- A técnica é básica, usada para manter a organização. Ela é bem diferente da aprendida na graduação.
P5- <i>Vejo como necessária, mas que um tanto, não sei se poderia dizer assim, defasada. Pois, não temos suporte adequado para sua realização e manutenção, como uma base informatizada e pessoal para nos auxiliar, bem como também um espaço adequado para fazer. Acho que a técnica é importante sim, mas não pode ser tornar a base do trabalho do bibliotecário escolar.</i>	- Necessária, mas defasada, por não ter suporte adequado, recursos humanos e espaço físico para a realização e manutenção. E não pode ser à base do trabalho do bibliotecário escolar.
P6- [...] <i>na biblioteca escolar não utilizamos, mas ela é viável e temos que seguir o mesmo padrão de outras bibliotecas.</i>	- Não é utilizados, mas é viável e deve seguir o padrão de outras bibliotecas.
P7- [...] <i>Um tempo atrás quando a escola era menor, eu não via tanta necessidade, parecia que eu dava conta do que tinha que dar, hoje eu sinto falta, os alunos sentem falta os professores sentem falta a escola inteira assim esta sentindo a necessidade da técnica.</i>	- Necessária com o crescimento da escola.

<p>P8- <i>É um mecanismo que nos facilita na localização do assunto, ou seja uma biblioteca bem organizada, bem classificada, bem tudo no âmbito técnico, no dia-a-dia ela te fornece ferramentas para que tu consiga melhor atender. [...], Continuação... é pela quantidade de funcionários que tem aqui hoje isso não é possível.</i></p>	<p>- (1ª ideia) Facilita a localização e o atendimento. - (2ª ideia) A falta de funcionários impossibilita a sua realização.</p>
<p>P9- <i>[...] o que eu utilizo para catalogar, classificar e indexar eu trago da minha vivência profissional. Quando é necessário fazer atividade técnica eu utilizo. [...].</i></p>	<p>- Quando é necessário é utilizada.</p>
<p>P10- <i>Alguns auxiliam bastante [...], então conhecimento técnico para mim a biblioteca vai estar mais estrutura formalmente, vai estar colocando o acervo de forma mais prática que qualquer pessoa, professor ou o aluno saiba se achar nesse ambiente, já vai direto nas estantes e tem facilidade de encontrar o livro que ele quer, [...].</i></p>	<p>- (1ª ideia) Alguns conteúdos técnicos auxiliam bastante, estruturam a biblioteca formalmente, facilitando a localização.</p>

3- Você poderia me explicar qual a relação da criatividade com a sua prática profissional?

EXPRESSÕES- CHAVE	IDEIAS- CENTRAIS
<p>P1- <i>[...]a minha criatividade é na disposição dos livros no acervo, às vezes usa criatividade em trabalho com o professor né na maneira de elaborar algum projeto [...].</i></p>	<p>- Na disposição do acervo e na elaboração de algum projeto com o professor.</p>
<p>Continuação... P2- <i>[...] criatividade tu tem que ter um monte, por que a gente trabalha com muito pouco, a gente tem que ser criativo quase todo dia para criar ambientes gostosos, [...] eu sou parceiro dos professores, então se eu tenho que fazer algum projeto de incentivo a leitura e usar a minha criatividade eu quero me juntar com algum parceiro, eu sozinho não vou conseguir fazer. [...].</i></p>	<p>- Tem que ser criativo, pois trabalha-se com pouco.</p>
<p>P3- <i>Precisa muito, por que quando se trabalha com criança se tu não tiver uma criatividade mais aguçada pra chamar a atenção deles tu não consegue. [...]. A biblioteca vira um mero empréstimo de livro, troca de livro.</i></p>	<p>- O trabalho com criança exige muita criatividade.</p>
<p>P4- <i>[...] Para começo a prática profissional ela já foi assim de pedir bastante criatividade, por que a gente se encontrava diante de uma série de coisas novas de</i></p>	<p>- (1ª ideia) A prática profissional exige bastante criatividade, pois estamos diante de uma realidade para a qual</p>

<p><i>uma realidade nova, para qual a gente não tava preparado.[...], eu chegando na escola, procurando saber qual era o meu papel na escola, no começo as primeiras coisas que eu fiz foi tentar ser criativo mesmo, tentar impor a minha presença como profissional com criatividade, foi inventando, foi observando, foi me adaptando, então acho que eu não cheguei lá já prontinho, botando em prática a técnica que eu aprendi, eu acho que a gente teve que usar de muita criatividade até para se descobrir como bibliotecário escolar. [...]na biblioteca escolar o trabalho é muito diferente.</i></p>	<p>não fomos preparados.</p> <p>- (2ª ideia) Impor a presença como profissional com criatividade, até para poder se descobrir como bibliotecário escolar.</p>
<p><i>P5- [...] a criatividade é muito importante na prática profissional do bibliotecário escolar, desde a possibilidade de conseguir material adequado para o trabalho, até como desenvolver um trabalho que desperte os alunos para freqüentarem a biblioteca, o que é o grande problema hoje em dia nas escolas. Que a gente consiga fazer um Continuação... trabalho em parceria com os professores que desperte o gosto pela leitura nos alunos. [...] o bibliotecário precisa ser muito criativo.</i></p>	<p>- O bibliotecário escolar tem que ser muito criativo e a criatividade é muito importante para despertar nos alunos a utilização da biblioteca.</p>
<p><i>P6- [...] acho que o bibliotecário escolar não é muito criativo, mas a criatividade que a gente precisa ter aqui é para o lado pedagógico. [...]</i></p>	<p>- (1ª ideia) O bibliotecário escolar não é muito criativo.</p> <p>- (2ª ideia) A criatividade utilizada é no lado pedagógico.</p>
<p><i>P7- [...] tem vários jeitos bibliotecários assim, aquele que é só técnico mesmo, ele faz o trabalho dele burocrático, não vejo criatividade nele, faz o que tem que fazer mas quanto tu ta numa biblioteca escolar que o técnico é bem pouco aplicado ainda, então tu tem que ser bastante criativo, tu tem que estar muito atento com as coisas que acontecem com os professores em sala de aula para estar buscando interação e daí então criar um movimento bom e positivo na biblioteca uma ligação com alunos e professores acho que é fundamental a criatividade para envolver a biblioteca nas coisas que estão acontecendo. [...]. A gente na escola precisa, não sozinho, mas precisa estar articulado com outros profissionais da escola para que a biblioteca não seja somente empréstimo de livros.</i></p>	<p>- (1ª ideia) Tem vários jeitos bibliotecários, aquele que é só técnico, faz o trabalho burocrático, não vejo criatividade nele.</p> <p>(2ª ideia) Na biblioteca escolar que o técnico é bem pouco aplicado, tem que ser bastante criativo, para envolver a biblioteca nas coisas que estão acontecendo.</p>
<p><i>P8- A criança ela vê tudo, vê até o que tu não fala. Então se tu não é criativo, não traz novidades, perde o</i></p>	<p>- Se não for criativo não desperta o interesse dos alunos.</p>

<i>interesse . [...].</i>	
<p>P9- [...], <i>tem duas questões. O bibliotecário escolar assume várias funções, que na verdade não são delegadas para ele, ele precisa de uma equipe que possibilite ele realizar as tarefas, as atividades cotidianas. [...]. A questão da criatividade é assim ô, seria bom se tivesse um profissional direto da Continuação... área pedagógica para estar realizando as atividades de cunho pedagógico diretamente. O que acontece o bibliotecário por gostar de leitura, por ter um perfil voltado a leitura, ele a biblioteca em si pela postura que a biblioteca escolar tem, ele tem que ter um pouco de criatividade. Se ele não tiver um pouco de criatividade ele vai ter que conseguir, por que é assim ô, mesmo que ele não tenha um dom de contar história ele tem que ter a biblioteca toda floridinha. Vai valer a criatividade dele para que possa vir alguém contar histórias, alguém que possa auxiliar ele na decoração da biblioteca para torná-la mais infantil. Enfim, nessa parte que tem que acontecer a criatividade, se ele não tem a criatividade para estar desenvolvendo ela vai ter que estar buscando soluções para essas atividades estarem acontecendo na biblioteca.</i></p>	<p>- (1ª ideia) O bibliotecário escolar assume várias funções que não são delegadas para ele. Por isso, ele precisa de uma equipe de trabalho.</p> <p>- (2ª ideia) Quanto à criatividade seria interessante que tivesse um profissional da área pedagógica para estar realizando essas atividades, principalmente se ele não tiver um pouco de criatividade.</p>
<p>P10- [...] <i>tu vai desenvolvendo estratégias assim para que os alunos fiquem motivados a fazerem uma leitura, um concurso, um concurso de poesia né. Para que eles busquem as coisas, tudo depende das tuas vivências ao longo do tempo como bibliotecário e uma certa criatividade para desenvolver uma ideia, [...].</i></p>	<p>- Dependendo das tuas vivências e da tua criatividade, é possível desenvolver estratégias para incentivar a leitura.</p>

4- O que você pode falar da sua atitude crítica na prática profissional.

EXPRESSÕES- CHAVE	IDEIAS-CENTRAIS
<p>P1- <i>Eu acho que muitas vezes a gente é muito omissos), muitas vezes a gente é esquecido mais às vezes por culpa nossa mesmo, a gente se omite muito. [...] a gente não se valoriza mais isso é uma coisa que já vem há muito tempo e não é de uma hora para outra que se vai mudar, na própria escola mesmo, isso muitas vezes é difícil porque tu é um só diante de muitos, [...].</i></p>	<p>- A omissão por parte do bibliotecário faz com que ele seja esquecido.</p>
<p>P2- [...] <i>eu vejo que uma questão boa é que tu é dentro da escola onde eu trabalho eu tenho valor, eu</i></p>	<p>- (1ª ideia) Na escola que trabalho a biblioteca e o bibliotecário tem valor.</p>

<p><i>sou valorizado a biblioteca é valorizada, esse espaço é valorizado. Mas, dentro da instituição maior a gente fica muito aquém, por que na educação a informação não é valorizada, essa questão de estudar de pesquisar, não tem o valor que deveria ter, por que hoje na educação assim é tudo muito rápido [...]. A minha crítica é pela questão da educação no país, que não é valorizada a questão da pesquisa do estudo e a escola sempre tem que dar conta de um monte de coisa que daí no final sempre fica aquém né.</i></p>	<p>- (2ª ideia) Dentro da prefeitura o bibliotecário fica muito aquém, por que na educação a informação não é valorizada.</p>
<p><i>P3- [...], acho que nós temos muito pouco a oferecer por que é muito pouco dado para a gente. [...], tu não consegue fazer um bom trabalho porque tu não tem respaldo na prefeitura, [...].</i></p>	<p>- (1ª ideia) O bibliotecário escolar não consegue fazer um bom trabalho por que não tem respaldo da prefeitura.</p>
<p><i>P4- [...], vou tentar não generalizar, mas ao mesmo tempo generalizando, porque eu vou falar do que eu penso em relação a todos os bibliotecários, a todos os bibliotecários da Rede, é eu acho que a gente ainda tem uma postura muito, é muito de trabalhar individualmente que é ruim, porque cada escola só dispõe de um profissional bibliotecário, e isso acaba afetando todo mundo, todo mundo só vê o seu problema, ou o seu sucesso, a sua frustração, eu acho que o trabalho individual é ruim, embora que às vezes a gente se reuna, mas acaba não refletindo o que é exatamente a prática a vivência, se a gente conseguisse mudar isso, ter equipes para trabalhar, eu acho que a gente estaria avançando bastante, estaria encontrando soluções para uma porção de problemas que a gente tem e às vezes a gente nem sabe como avançar diante desses empecilhos e além dessa individualidade, eu acho que a gente deveria vir com a auto-estima um pouquinho elevada, a gente quanto bibliotecário, a gente se submete demais, a gente demora para se encontrar, demora para se sentir um profissional de valor, de espaço, [...].</i></p>	<p>- (1ª ideia) Apesar de às vezes nos reunirmos, trabalhamos muito individualmente, o que atrapalha a solução de muitos problemas.</p> <p>- (2ª ideia) Somos submissos demais, deveríamos elevar nossa autoestima para nos encontrarmos como profissional de valor.</p>
<p><i>P5- [...] falando de mim. Vejo que tenho um postura um tanto apática na minha prática profissional. Talvez pelo fato de tudo para nós bibliotecários na rede ser muito custoso, somos somente um profissional por escola, ficamos isolados, nos reunimos poucas vezes, e tudo isso mina o andamento do nosso trabalho. Mas, percebo que eu como os outros parece que nos acostumamos com isso, por que isso é falado em pequenos grupos, e na hora de uma reunião ficamos calados. E isso é muito sentido dentro</i></p>	<p>- (1ª ideia) Uma postura apática devido a ser tudo muito difícil para nós na rede.</p> <p>- (2ª ideia) O nosso trabalho fica prejudicado por ficarmos isolados e nos reunirmos pouco.</p> <p>- (3ª ideia) Estamos acostumados com a situação, quanto temos oportunidade</p>

<p><i>da escola, nos tornamos uma classe fraca que acaba sempre sendo levado de acordo com as vontades do magistério. Muitas vezes me sinto manipulada.</i></p>	<p>não debatemos a respeito do assunto.</p>
<p>P6- <i>Não possuo esta postura crítica.</i></p>	<p>- Não possuo postura crítica.</p>
<p>P7- <i>Eu vou falar da experiência que eu tenho, de biblioteca escolar da rede municipal mesmo. Eu acho que é um profissional que deixa muito a desejar, que pouco buscar melhorar, se qualificar para dentro da escola mesmo. A gente se acomoda com o nosso espaço, a gente fica muito sozinho e a gente acaba se acomodando e aceitando isso, [...] é muito acomodado, eu acho que o grupo da prefeitura é muito acomodado, muito individualista, trabalha muito sozinho, não que eles queiram, é que o sistema faz com que a gente se torne assim, não que eles sejam pessoas, profissionais que sejam assim, o sistema faz ser assim, eles se isolam.</i></p>	<p>- Por ficar muito sozinho, acabamos ficando muito acomodados e não buscando se qualificar dentro da escola.</p>
<p>P8- [...] <i>desde a análise do livro daquele que vale a pena tu ter na biblioteca e o que não vale a pena ter, [...]. Toda essa análise do acervo tu tem que ser bem crítico mesmo, e desde todas as coisas que podem acontecer numa escola. [...]. Tem que ter uma análise crítica de tudo se não ou tu é levado, ou tu não faz uma boa estada na biblioteca, [...].</i></p>	<p>- (1ª ideia) Tem que ser bem crítico desde a análise do livro pertinente no acervo até aos outros acontecimentos dentro da escola.</p> <p>- (2ª ideia) Relação da postura crítica com um bom trabalho dentro da biblioteca.</p>
<p>P9- [...] <i>Atitude crítica é em relação às coisas que estão acontecendo dentro da instituição, por que uma biblioteca principalmente escolar, ela esta inserida dentro de uma instituição a escola. [...], criticar comportamento da própria escola em relação à biblioteca, o que ela representa, o que ela pode auxiliar como recurso pedagógico dentro da escola. [...] pensamento crítico tem que ter não pode estar aceitando tudo de todos.</i></p>	<p>- (1ª ideia) A análise crítica está relacionada com a instituição escola, criticar o que a biblioteca representa para ela.</p> <p>- (2ª ideia) Pensamento crítico tem que ter, não podemos aceitar tudo de todos.</p>
<p>P10- <i>Eu sou uma pessoa extremamente crítica, [...]. Tu faz atividades com os alunos referente a biblioteca e faz outras atividades num momento às vezes tu é entendido como um assumi atividades dos outros professores, para que esses professores tenham tempo livre. Ai tu começa a ser crítico, tu fica cético da ação das outras pessoas e começa assim no papel de vamos dizer assim mais rigoroso no sentido mais rigoroso, não fazendo atividades que não são pertinentes a tua descrição de bibliotecário escolar e</i></p>	<p>- (1ª ideia) Sou extremamente crítica.</p> <p>- (2ª ideia) Tu faz atividades que não são pertinentes as atribuições do teu cargo, mas tu percebe que não é reconhecido. Então começam os conflitos.</p>

<i>começam haver os conflitos porque os professores formam uma classe e os bibliotecários uma outra classe, nem sempre vão falar a mesma língua. [...].</i>	
---	--

5- Sobre o seu comprometimento com a profissão: como é isto para você?

EXPRESSÕES-CHAVE	IDEIAS- CENTRAIS
P1- <i>Meu comprometimento primeiro é uma área que eu escolhi e que gosto muito mas tento fazer da melhor maneira tudo que eu faço aqui na biblioteca, [...].</i>	- Por ser a área que escolhi e que gosto muito, procuro fazer da melhor maneira possível.
P2- <i>Meu comprometimento eu acho que quando a gente escolhe a profissão é porque a gente acredita naquilo que a gente faz. Eu acredito assim, eu acredito que tu pode mudar que tu pode fazer algumas coisas para melhorar, só que é muita luta é muito desgaste assim, e tu tem que ter os dois lados, tu tem que dar, tu tem que fazer as coisas legais, mas tu tem voltar o prazer assim pra ti. [...] ainda ela não tá como eu quero, não é como eu desejo a minha profissão.</i>	- (1ª ideia) Acredito naquilo que faço, que posso mudar, que posso fazer alguma coisa para melhorar. - (2ª ideia) É muita luta, é muito desgastante. - (3ª ideia) Tu tem que fazer coisas legais, mas tem que voltar o prazer para ti. - (4ª ideia) Minha profissão ainda não está como eu quero.
P3- <i>Aí pra mim é tudo. Do jeito que eu faço, nem sei te responder isso, porque eu sou muito comprometida. [...] Eu gosto de mostrar o meu serviço, de fazer projetos essas coisas, mesmo com toda dificuldade que a gente tem.</i>	-Sou muito comprometido, mesmo com todas as dificuldades que a gente tem.
P4- <i>Tem haver com ética também né. Eu já fui mais comprometido, confesso que muita coisa a gente aprende, a vida mostra para a gente. E em matéria de ética muita coisa a vivência vai mostrando para a gente a ser mais ético. [...]e eu não posso dizer que sou menos comprometido do que já fui, já tive mais vontade, mais garra, já vim defendendo mais e hoje em dia às vezes eu me omito, eu acho que pode se dizer assim algumas omissões em relação a profissão do bibliotecário, talvez por a gente estar enquadrado numa escola, ser só um bibliotecário, você não se vê muito no grupo, você acaba que se modificando, você acaba se tornando mais um professor do que um</i>	- (1ª ideia) Tem a ver com ética. A vivência mostra para a gente a ser mais ético. - (2ª ideia) Hoje tenho algumas omissões em relação à profissão do bibliotecário. - (3ª ideia) Por ser somente um na escola, você não se vê muito no grupo, acaba se identificando mais com o professor do que um bibliotecário.

<p><i>bibliotecário, tu se identifica mais com eles do que com o profissional bibliotecário, [...], às vezes perco um pouco a identidade, esse comprometimento com a nossa profissão ele acaba sendo afetado dessa forma e a gente não se vê muito bibliotecário, as próprias crianças confundem a gente né?</i></p>	
<p>P5- [...] <i>Não, é como eu gostaria e deveria que fosse. Tentei algumas vezes, me inseri nos grupos de discussão, a última no grupo de bibliotecários escolar, mas não tive boas experiências. Não culpo ninguém, talvez seja eu mesmo que tinha uma grande expectativa todas essas vezes e quando me deparei que não era tão fácil, desisti. Mas, também não parei, vou tentar quantas vezes for necessário, pois acho que é o nosso comprometimento com a profissão que vai fazer ela ser melhor reconhecida.</i></p>	<p>- (1ª ideia) Não é como eu gostaria que fosse.</p> <p>- (2ª ideia) Não tive boas experiências nos grupos de discussões. Tinha muita expectativa e percebi que não era tão fácil. Vou tentar quantas vezes for necessário.</p> <p>- (3ª ideia) O comprometimento do profissional com a profissão faz ela ser reconhecida.</p>
<p>P6- <i>Claro. Sou comprometido com as atribuições dos bibliotecários sim.</i></p>	<p>- Sou comprometido com as atribuições dos bibliotecários.</p>
<p>P7- [...] <i>eu gosto do que eu faço, tento fazer da melhor maneira possível, eu tenho consciência que em alguns momentos eu poderia estar fazendo outras coisas, buscando outras alternativas, mas eu acho que eu sou bem comprometido com esse espaço aqui, [...], tentando fazer bem com os recursos que eu tenho, fazendo da melhor maneira que eu posso.</i></p>	<p>- (1ª ideia) Gosto do que faço e tento fazer da melhor maneira possível com os recursos que eu tenho disponível.</p> <p>- (2ª ideia) Poderia estar buscando outras alternativas, mas sou bem comprometido com a biblioteca.</p>
<p>P8- [...] <i>sempre foi bastante até, até maior do que deveria por que desde a faculdade é centro acadêmico, DCE, participei bastante anos da Associação Catarinense de Bibliotecários, então eu sempre vivi muito a profissão. Agora de três anos para cá que eu não participo tanto assim da Associação, até por que esgota. A gente se doa demais e aí a tua vida pessoal fica toda de lado né. Tu vive só a profissão, [...].</i></p>	<p>- (1ª ideia) Meu comprometimento sempre foi bastante.</p> <p>- (2ª ideia) Nos últimos anos que não participo por que esgota. A gente se doa demais.</p>
<p>P9- [...], <i>modesta parte eu sou totalmente envolvido. Adoro bibliotecas, adoro atividades com bibliotecas. Na verdade eu me sinto profissional da informação. [...]na biblioteca escolar eu tenho mais ou menos uma certa afinidade, eu gosto de fazer atividade lúdica eu gosto de trabalhar com pesquisa, eu gosto da organização da biblioteca, eu gosto do ambiente das</i></p>	<p>- (1ª ideia) Sou totalmente envolvido, adoro bibliotecas e atividades com bibliotecas.</p> <p>- (2ª ideia) Tenho uma afinidade com a biblioteca escolar, pois ela é muito viva, muito dinâmica.</p>

<i>cores. É por que a biblioteca escolar ela é muito viva, muito dinâmica, [...].</i>	
<i>P10- Eu acredito que tenho um comprometimento no sentido assim, eu vou olhar o aluno nas suas necessidades, naquilo que ele precisa, não necessariamente que eu vá suprir as necessidades dele com o que eu tenho na biblioteca. [...]. O trabalho aqui começa pouquinho, pouquinho, pouquinho no final acaba fazendo por todo mundo. [...].</i>	- Sou comprometido na medida que olho as necessidades dos alunos.

6- Você acha que o curso de graduação que você fez para exercer a sua profissão foi suficiente para sua prática profissional? Poderia me explicar por quê?

EXPRESSÕES CHAVE	IDEIAS- CENTRAIS
<i>P1- Não eu acho que não principalmente pra nossa área de biblioteca escolar, é uma coisa assim na universidade eu não vi, então eu acho que faltou uma parte.</i>	- (1ª ideia) Não.
<i>P2- Meu curso de graduação foi muito bom, foi muito bem feito assim, só que eu sou de 96, eu sou ainda tava começando as informatizações, muito pouco eu tive de infomatização, o que eu tive que aprender eu tive que aprender agora, que eu to na área, por que eu fiquei um monte de tempo afastado, o que eu acho é que a graduação te dá a teoria e ela fica mais centralizada nos grandes centros que tem biblioteca, que tem toda uma estrutura. E quando a gente cai em uma escola, tanto particular como municipal ou estadual, a gente cai numa realidade dura que não é a realidade que a gente estuda aí a gente tem reaprender de novo outras técnicas e outras maneiras de trabalhar que isso graduação nenhuma vai te dar. [...].</i>	- (1ª ideia) Meu curso foi muito bom. - (2ª ideia) Na escola a realidade é dura, é bem diferente da que aprendemos na faculdade. - (3ª ideia) Temos que reaprender outras maneiras e técnicas de trabalhar. - (4ª ideia) Isso acontece com toda graduação.
<i>P3- Não foi nem suficiente, não foi nada, por que pelo menos assim ô, o que a gente aprende na universidade acho eu [...], para trabalhar numa universidade na B.U. até serve, numa empresa, mas para trabalhar com crianças como a gente caiu de pará-quebras dentro de uma escola, a gente não aprendeu nada, nada, nada. [...] eu aprendi sozinho, não foi nada com graduação e nem com especialização.</i>	- (1ª ideia) Não foi suficiente, não foi nada - (2ª ideia) O que a gente aprende na faculdade para trabalhar com crianças não serve.
<i>P4- No caso da biblioteca escolar não. Eu trabalhei já em biblioteca pública me senti à vontade, foi a primeira experiência logo que me formei eu me senti a</i>	- (1ª ideia) Não. - (2ª ideia) Independente da acolhida

<p><i>vontade, claro que tem coisas que eu descobri, mas nada tão estranho quanto a biblioteca escolar. A escola, a acolhida boa ou ruim, mas não tem um espaço para ti bibliotecário eu acho que e a gente viesse com alguma formação, com mais conhecimento é desse lugar específico que é a escola, que a biblioteca ta inserida na escola, ela não é a biblioteca, ela não é nada sem a escola, ela ta ali por causa da escola, então a gente teria que ter um conhecimento maior desse meio para coisa fechar assim, para dizer que é satisfatório a formação, em todas as outras, eu já tive outras experiências eu me apegava ao meu conhecimento e eu consegui me inserir. Na escola eu senti que primeiro precisei [...]. Só me encontrei mesmo na profissão de bibliotecário escolar quando conheci melhor a escola.</i></p>	<p>da escola não tem um espaço para ti bibliotecário.</p> <p>- (3ª ideia) A biblioteca está inserida na escola, ela não é nada sem a escola. Por isso teríamos que ter um conhecimento maior desse meio.</p> <p>- (4ª ideia) Só me encontrei na profissão de bibliotecário escolar depois que conheci melhor a escola.</p>
<p><i>P5- Não, o meu curso não foi suficiente, mas acho que nenhum curso nos forma por completo. Quando reclamo é por que até hoje tenho muita dificuldade na biblioteca, principalmente no que se refere a questões pedagógicas e didáticas. Vejo, que a biblioteca escolar e uma área em expansão é a base das bibliotecas, talvez os cursos de biblioteconomia e de pedagogia devessem oferecer um leque de disciplinas optativas para alunos interessados nessa área. Tanto para professores como para bibliotecários, que é outro nó dentro da escola, pois esses dois profissionais tem grandes dificuldades de entendimento da profissão um do outro.</i></p>	<p>- (1ª ideia) O meu curso não foi suficiente, mas nenhum curso nos forma por completo.</p> <p>- (2ª ideia) Ainda tenho muita dificuldade nas questões pedagógicas e didáticas.</p> <p>- (3ª ideia) Os cursos de pedagogia e biblioteconomia deveriam promover a disciplinas optativas para os interessados em biblioteca escolar.</p>
<p><i>P6- Para mim não. Eu não tive nenhuma matéria de biblioteca escolar, nenhuma de pedagogia, nenhuma para esse lado nada, nada, nada.</i></p>	<p>- Não. Não tive nenhuma disciplina de biblioteca escolar e pedagogia.</p>
<p><i>P7- [...], o que a gente faz na faculdade é bem avesso do que a gente vive aqui na escola. É outro mundo, bem diferente. Não foi suficiente, [...].</i></p>	<p>- (1ª ideia) Não.</p> <p>- (2ª ideia) O que se aprende na faculdade é bem diferente do que se faz aqui na escola.</p>
<p><i>P8- Não, com certeza não. [...]a única disciplina que tinha na época era biblioteca escolar optativa, então quer dizer tu, a responsabilidade era tua de remanejar o teu horário para ver se tinha espaço para tu fazeres aquela disciplina, não era responsabilidade do curso do departamento oferecer um horário para que todos possam fazer, quer dizer já não tinham esse estímulo para que todos os alunos tivessem a formação para</i></p>	<p>- (1ª ideia) Não. Por que a única disciplina que tinha na época era biblioteca escolar optativa.</p> <p>- (2ª ideia) O departamento não estimulou a fazer a disciplina, era responsabilidade do aluno remanejar o seu horário para ter a formação para</p>

<i>trabalhar na biblioteca escolar. [...].</i>	trabalhar em biblioteca escolar.
<i>P9- Eu acho que foi suficiente por que todo profissional na faculdade ele tem um ensino básico. Se ele vai estar querendo exercer bem aquela profissão, aquela linha de trabalho, eu tenho que trabalhar nesta unidade, perceber quais são as necessidades que ela tem para aprimorar, e o que eu tenho para buscar. Por que faculdade nunca vai dar o suficiente para gente, ela dá a base o suficiente para a gente entender o funcionamento. [...].</i>	- Foi suficiente por que a faculdade ensina o básico.
<i>P10- Não de forma nenhuma, [...] não me permitiu o conhecimento sobre biblioteca escolar se quer permitiu uma passo dentro de uma biblioteca escolar, não tinha conhecimento nenhuma, a respeito de nada nem da área da educação, nunca tivemos nem texto que falasse da educação, o contexto da educação ou qualquer coisa da Vicência da educação ou biblioteca escolar. [...], foi bem complicado porque era esperado da gente umas coisas e a gente esperava aplicar o nosso conhecimento técnico, fazer catalogação, fazer classificação e absolutamente você não faz isso, você faz a prática mesmo de pesquisa, atendimento ao aluno sobre tudo que queira ou que não queira e o que tu menos faz na biblioteca escolar na atualidade e que eu observo nos colegas de profissão é o trabalho técnico. [...] nesse universo da biblioteca escolar a gente tem que dá fazendo adaptações, [...].</i>	- (1ª ideia) Não, não me permitiu o conhecimento sobre biblioteca escolar e nem da área da educação. - (2ª ideia) Foi bem complicado a escola esperava da gente uma coisa e a gente veio esperando aplicar o conhecimento técnico.

7- Você fez outros cursos (oficinas, congressos, painel) depois da graduação em Biblioteconomia? Quais? Você pode citar os três mais importantes? E você poderia me dizer por que fez esses cursos?

Caso negativo, você poderia me dizer por que não fez cursos após a graduação?

EXPRESSÕES-CHAVE	IDEIAS- CENTRAIS
<i>P1- Fiz, eu fiz um curso de atualização do AACR2 e fiz o painel de biblioteconomia, o último no ano passado. Esse do AACR eu achei bem interessante por que era uma coisa assim a gente iria utilizar bastante na informatização do acervo, como houve atualização teria que saber então eu achei que seria bem interessante, o painel eu achei interessante por que acho que a gente deve se atualizar , [...].</i>	- (1ª ideia) Fiz um curso de atualização em AACR2 e o painel de biblioteconomia. - (2ª ideia) O AACR2 fiz para ajudar na informatização do acervo e o painel fiz por que acho que devemos nos atualizar.

<p>P2- <i>Sim, sempre fiz. [...] fiz é painel, painel de biblioteconomia né. [...] fora cursos assim mais a distância, cursos de formação. [...]. O interesse é sempre aprendizado, tu buscar aprender mais e também trocar experiências, vê outras experiências e trazer para ti as coisas boas que tem, em cada fala, tu traz alguma coisa, ou te acrescenta ou te faz repensar a tua prática ou não.</i></p>	<p>- (1ª ideia) Sim. Fiz o painel e alguns cursos de formação a distância.</p> <p>- (2ª ideia) O interesse é sempre no aprendizado, aprender e trocar experiências e repensar a tua prática ou não.</p>
<p>P3- <i>Fiz. Os mais importantes que eu lembro, normatização, sobre biblioteca escolar, contação de história, aquela oficina sobre a África lá, baú de histórias. É fiz bastante mais eu nem lembro todos. Para atualização.</i></p>	<p>- (1ª ideia) Fiz. Normatização, biblioteca escolar, contação de histórias.</p> <p>- (2ª ideia) Para atualização.</p>
<p>P4- <i>Em biblioteconomia tenho feito sempre que a instituição oferece. Os mais importantes foram os que foram mais prazerosos, foi o de encadernação que a gente fez na Casa da Memória, foi bem legal, a gente consegue levar para prática do dia-a-dia o que a gente aprendeu ali, foi bem prazeroso. [...], teve casualmente um que foi de hora do conto, um de contação de histórias, praticamente uma oficina, [...], teve os painéis, assim onde a gente ouve os relatos as experiências dos colegas e se atualiza. Fiz para me integrar com outros bibliotecários e me atualizar.</i></p>	<p>- (1ª ideia) Faço sempre que a instituição oferece.</p> <p>- (2ª ideia) Os mais importantes foram os mais prazerosos como o de encadernação na Casa da Memória, pois podemos levar para a prática do dia-a-dia.</p> <p>- (3ª ideia) Fiz para me integrar com outros bibliotecários e para me atualizar.</p>
<p>P5- <i>Fiz. Painel de Biblioteconomia em Santa Catarina, um Fórum de bibliotecas escolares em Joinville e alguns que a instituição promoveu como CDD, Marc 21 e outros. Fiz como uma maneira de atualização e de estar em contato com os profissionais da área.</i></p>	<p>- (1ª ideia) Fiz. Painel, Fórum de biblioteca escolares e alguns que a instituição promoveu.</p> <p>- (2ª ideia) Para me atualizar e para estar em contato com os profissionais da área.</p>
<p>P6- <i>Sim. Teve painel de biblioteconomia de Santa Catarina [...]. Teve um em Criciúma de biblioteca escolar, um fórum de biblioteca escolar. Para tentar aprender mais alguma coisa né, vê o que os profissionais da área realizam né.</i></p>	<p>- (1ª ideia) Sim. Painel e Fórum de biblioteca escolar.</p> <p>- (2ª ideia) Para aprender e ver o que os profissionais da área estão realizando.</p>
<p>P7- <i>Fiz. O painel de bibliotecários. Depois participei de um encontro que foi no instituto também, mas não me lembro o nome, faz tempo. O primeiro eu participei porque estava bem empolgada com a</i></p>	<p>- (1ª ideia) Fiz. O painel e um encontro.</p> <p>- (2ª ideia) Queria saber o que estava</p>

<p><i>profissão e queria saber o que estava acontecendo e o segundo foi pela prefeitura. [...]. Estou bem afastada.</i></p>	<p>acontecendo e o segundo foi pela prefeitura.</p> <p>- (3ª ideia) Estou bem afastada. Hoje eu to achando muito caro, pelo que eu ganho assim,</p>
<p><i>P8- Ai fiz tantos. Eu fiz de normalização, classificação, restauração, de biblioterapia, de incentivo a leitura e palestras[...]. Eu fiz por interesse, por querer melhorar mesmo, a gente sempre colhe alguma informação, alguma coisa, por que normalização catalogação, essas coisas a gente já teve na faculdade né, mas para lembrar, para se atualizar para ver se não tem nada de novo. [...].</i></p>	<p>- (1ª ideia) Fiz. Normalização, classificação, restauração, biblioterapia, incentivo a leitura e palestras.</p> <p>- (2ª ideia) Fiz por interesse em querer melhorar. Para me atualizar.</p>
<p><i>P9- Fiz vários. Fiz o que a rede ofereceu. Fiz buscando mais informação, me atualizar, vê o que ta acontecendo né de mais novo.</i></p>	<p>- (1ª ideia) Fiz, o que a rede ofereceu.</p> <p>- (2ª ideia) Fiz buscando mais informação e me atualizar.</p>
<p><i>P10- A prefeitura ofereceu. [...] fui fazer outros cursos pela prefeitura, sempre buscando abrir o meu leque de vivências, [...].</i></p>	<p>- (1ª ideia) Fiz, o que a prefeitura ofereceu.</p> <p>- (2ª ideia) Sempre buscando abrir o meu leque de vivências.</p>

8- Explique melhor sua prática diária de trabalho.

EXPRESSÕES- CHAVE	IDEIAS-CENTRAIS
<p><i>P1- Os alunos vem na biblioteca fazer pesquisa ou troca de livros, sempre combino antes com o professor [...].</i></p>	<p>- (1ª ideia) Pesquisa e troca de livros, combino antes com o professor.</p>
<p><i>P2- Hoje eu atendo, foco principal é o atendimento, to sozinha não tem o que fazer é atender. [...] eles vem a biblioteca cada um no seu horário trocam livrinhos [...]A gente pensa junto o projeto, eu enquanto bibliotecária não faço isso a minha parte é só suporte né.[...] é atendimento mesmo, que isso ocupa muito tempo, que é a referência e sozinha fica muito complicado.</i></p>	<p>- (1ª ideia) O principal é o atendimento, to sozinha.</p> <p>- (2ª ideia) Pensar junto com o professor o projeto.</p>
<p><i>P3- [...] tem que estar sempre acessível com eles, [...]. E a minha prática diária é muito boa.</i></p>	<p>- (1ª ideia) Estar sempre acessível.</p>

	- (2ª ideia) É muito boa.
<i>P4- A princípio a gente sempre quer criar uma rotina, de chegar já tem um planejamento semanal para estabelecer aquela rotina, mas em função de nosso forte ser o atendimento é muito difícil [...] acho que a gente improvisa muito, a gente tá sempre tirando coisa da cartola em uma escola para te fazer presente, para ti atender aquela necessidade, táis sempre tendo que dar uma de mágica. [...] o nosso dia-a-dia eu não acho que é muito rotineiro, ele é muito cansativo, ele envolve, acho que o mais cansa a gente é o atendimento mesmo, muitos usuários, muitas crianças, muitos alunos. [...] faço uma humanização da biblioteca que é mostrar como é a biblioteca, como funciona e faço isso todo ano [...] como é meu dia-a-dia na biblioteca a dificuldade é essa, são os improvisos, são tentar dá conta de atender e o quanto isso é cansativo e desgastante, são muitas crianças, tu não tá fazendo bem a função de bibliotecário, tu passa mais tempo fazendo papel de professor do que de bibliotecário.</i>	- (1ª ideia) O forte é o atendimento. - (2ª ideia) A gente improvisa muito. - (3ª ideia) O dia-a-dia não é rotineiro, e sim muito cansativo.
<i>P5- [...] é basicamente o atendimento e o empréstimo, muitas turmas, sem pessoal para me ajudar então fico no atendimento direto, não tenho tempo nem de pensar em alguma atividade de incentivo a leitura. [...] Confesso que me sinto um tanto insatisfeita, porque é uma atividade basicamente administrativa, mas não vejo solução enquanto estiver sozinha. O ideal na biblioteca seria trabalharmos com uma professora para fazer essa ligação do técnico e do pedagógico.</i>	- (1ª ideia) Atendimento, sem pessoal para me ajudar, não consigo pensar em atividade de incentivo a leitura. - (2ª ideia) Confesso que me sinto insatisfeita, pois é um a atividade basicamente administrativa. - (3ª ideia) O interessante seria um ter um professor para trabalhar junto na biblioteca, fazendo ligação do técnico com o pedagógico.
<i>P6- É registrando, carimbando, recebendo doação. É emprestando livro didático, livro de literatura, recebendo as turmas para empréstimo, orientando professores, tem pesquisa no computador também, tem aula de geografia aqui também, [...].</i>	- (1ª ideia) – Atendimento e processamento técnico.
<i>P7- atendo os alunos fora do horário para fazer pesquisas, pedem muito material para professores pedagógicos. Faço empréstimo de leitura, leitura de estante, as reformas restaurações nos livros. Sento semanalmente com a sala informatizada, [...] então projetos diários, com professor e com a sala informatizada.</i>	- (1ª ideia) – Atendimento. - (2ª ideia) – Efetivar parcerias nos projetos de trabalho.
<i>P8- Eu atendo as turmas, tem dois espaços né. [...]</i>	- (1ª ideia) – Atendimento.

<p><i>então o dia-a-dia eu fico realmente mais com atendimento [...], faço contação, faço empréstimo, e eles tem um espaço para eles ficarem livres mesmo, mexerem nos livros de literatura no nível de leitura deles. [...] eu não tenho mesa suficiente para atender turmas [...]</i></p>	
<p><i>P9- [...] mas o cotidiano assim, é mais atendimento. É atender as turmas e organizar a biblioteca, [...], às vezes eu fazia atividade lúdica, mas como estou sozinho, estou naquela fase de bater o escanteio e correr para cabecear.</i></p>	<p>- (1ª ideia) – Atendimento.</p> <p>- (2ª ideia) – Não faço atividades lúdicas porque estou sozinho.</p>
<p><i>P10- [...] E desde o momento que tu coloca o pé na escola até o momento que acaba o período eu fico em constante interação com os alunos em todos os momentos [...] a gente não vai esperar que uma biblioteca escolar seja silenciosa porque não tem a menor condição.</i></p>	<p>- (1ª ideia) – Interação com os alunos.</p>

APÊNDICE F – INSTRUMENTO DE ANÁLISE DE DISCURSO 2 – (IAD 2)

1- Vou iniciar uma frase e pedir para você completar. Para ser competente informacional eu ...

IDEIAS- CENTRAIS	DSC
<p>P1- Satisfazer o usuário com todos os tipos de informação que tenho disponível.</p> <p>P2- Atender bem, ter uma organização e um planejamento adequado.</p> <p>P3 - Preciso estar muito bem informada.</p> <p>P4- Estar atualizado.</p> <p>P5- Estar atualizado.</p> <p>P6- Estar atualizado.</p> <p>P7- Estar atenta.</p> <p>P8- Localizar a informação e identificar a necessidade de cada usuário.</p> <p>P9- Estar atualizado.</p> <p>P10- Conhecer o acervo.</p>	<p><i>Preciso atender bem, conhecer o acervo, ter uma organização e um planejamento adequado, localizando a informação e identificando a necessidade de cada usuário. Preciso também estar atento, muito bem informado e sempre me atualizando.</i></p>

2- Como você vê a técnica na sua prática profissional?

IDEIAS- CENTRAIS	DSC
<p>P1- A técnica é pouca, acontece somente para disposição do acervo.</p> <p>P2- A técnica é pouca, somente é efetuado registro e atendimento, pois estou sozinha.</p> <p>P3- O nosso conhecimento é desperdiçado apenas dobrando e colando bolsos e fichas.</p> <p>P4- A técnica é básica, usada para manter a organização. Ela é bem diferente da aprendida na graduação.</p> <p>P5- Necessária, mas defasada, por não ter suporte adequado, recursos humanos e espaço físico para a realização e manutenção. E não pode ser a base do trabalho do bibliotecário escolar.</p> <p>P6- - Não utilizamos, mas é viável e deve seguir o padrão de outras bibliotecas</p> <p>P7- - Necessária com o crescimento da escola.</p> <p>P8- 1ª ideia) Facilita a localização e o atendimento. (2ª ideia) A falta de funcionários a impossibilita a sua realização.</p>	<p><i>Vejo que a técnica é necessária e que deve seguir os padrões de outras bibliotecas. Mas atualmente é utilizada somente para disposição e manutenção do acervo, pois facilita a localização e o atendimento, e ela é bem diferente da que aprendemos na graduação. Além disso, tem alguns fatores que dificultam a realização da técnica na escola, como a falta de recursos humanos e de espaço físico adequado. O que faço é dobrar e colar bolsos e fichas, o que acaba se tornando um desperdício do nosso conhecimento como bibliotecário, mas também tenho consciência de</i></p>

P9- Quando é necessário eu utilizo.

P10- - (1ª ideia) Alguns conteúdos técnicos auxiliam bastante, estruturam a biblioteca formalmente, facilitando a localização.

que não posso tornar a técnica a base do meu trabalho.

3- Você poderia me explicar qual a relação da criatividade com a sua prática profissional?

IDEIAS- CENTRAIS	DSC
<p>P1- Na disposição do acervo e na elaboração de algum projeto com o professor.</p> <p>P2- Tem que ser criativo, pois trabalha-se com pouco.</p> <p>P3- O trabalho com criança exige muita criatividade.</p> <p>P4- 1ª ideia) A prática profissional exige bastante criatividade, pois estamos diante de uma realidade para a qual não fomos preparados.- (2ª ideia) Impor a presença como profissional com criatividade, até para poder se descobrir como bibliotecário escolar.</p> <p>P5- O bibliotecário escolar tem que ser muito criativo e a criatividade é muito importante para despertar nos alunos a utilização da biblioteca.</p> <p>P6- (1ª ideia) O bibliotecário escolar não é muito criativo. (2ª ideia) A criatividade utilizada é no lado pedagógico.</p> <p>P7- (1ª ideia) Tem vários jeitos bibliotecários, aquele que é só técnico, faz o trabalho burocrático, não vejo criatividade nele. (2ª ideia) Na biblioteca escolar que o técnico é bem pouco aplicado, tem que ser bastante criativo, para envolver a biblioteca nas coisas que estão acontecendo.</p> <p>P8- Se não for criativo não desperta o interesse dos alunos.</p> <p>P9- (1ª ideia) O bibliotecário escolar assume várias funções que não são delegadas para ele. Por isso, ele precisa de uma equipe de trabalho. - (2ª ideia) Quanto à criatividade seria interessante que tivesse um profissional da área pedagógica para estar realizando essas atividades, principalmente se ele não tiver um pouco de criatividade.</p> <p>P10- Dependendo das tuas vivências e da tua criatividade, é possível desenvolver estratégias para incentivar a leitura.</p>	<p><i>A relação com a criatividade também é exigida no nosso trabalho, pois precisamos considerar que estamos diante de uma realidade para a qual não fomos preparados, trabalhamos com poucos recursos e não utilizamos muito o conteúdo técnico. Então, usamos a criatividade para ajudar na organização da disposição do acervo, para elaborar algum projeto com o professor, ou seja, no lado pedagógico. Por outro lado, não posso deixar de ressaltar que tem vários jeitos bibliotecários e aquele bibliotecário que é só técnico não se utiliza muito da criatividade. Mas, mesmo assim, considero que temos que ser criativos, nem que seja para impor a nossa presença como profissional e para despertar nos alunos o interesse pela biblioteca. Vejo que assumimos várias funções que não nos são delegadas, por isso temos a necessidade de uma equipe de trabalho, principalmente para auxiliar nas atividades pedagógicas, por isso seria interessante ter um a parceria com um professor na biblioteca.</i></p>

4- O que você pode falar da sua atitude crítica na prática profissional?

IDEIAS- CENTRAIS	DSC
<p>P1- A omissão por parte do bibliotecário faz com que ele seja esquecido.</p> <p>P2- (1ª ideia) Na escola que trabalho a biblioteca e o bibliotecário tem valor.</p> <p>(2ª ideia) Dentro da prefeitura o bibliotecário fica muito aquém, por que na educação a informação não é valorizada.</p> <p>P3- 1ª ideia) O bibliotecário escolar não consegue fazer um bom trabalho por que não tem respaldo da Prefeitura.</p> <p>P4-(1ª ideia) Apesar de às vezes nos reunirmos, trabalhamos muito individualmente, o que atrapalha a solução de muitos problemas.</p> <p>(2ª ideia) Somos submissos demais, deveríamos elevar nossa autoestima para nos encontrarmos como profissional de valor.</p> <p>P5- (1ª ideia) Uma postura apática devido a ser tudo muito difícil para nós na rede.</p> <p>(2ª ideia) O nosso trabalho fica prejudicado por ficarmos isolados e nos reunirmos pouco.</p> <p>(3ª ideia) Estamos acostumados com a situação, quanto temos oportunidade não debatemos a respeito do assunto.</p> <p>P6- Não possuo atitude crítica.</p> <p>P7- Por ficar muito sozinho, acabamos ficando muito acomodados e não buscando se qualificar dentro da escola.</p> <p>P8- (1ª ideia) Tem que ser bem crítico desde a análise do livro pertinente no acervo até aos outros acontecimentos dentro da escola.</p> <p>(2ª ideia) Relação da postura crítica com um bom trabalho dentro da biblioteca.</p> <p>P9- (1ª ideia) A análise crítica está relacionada com a instituição escola, criticar o que a biblioteca representa para ela.</p> <p>(2ª ideia) Pensamento crítico tem que ter, não podemos aceitar tudo de todos.</p> <p>P10- 1ª ideia) Sou extremamente crítica.</p> <p>(2ª ideia) Tu faz atividades que não são pertinentes as atribuições do teu cargo, mas tu percebe que não é reconhecido. Então começam os conflitos.</p>	<p><i>Observo que a informação não é valorizada na educação, não conseguimos fazer um bom trabalho porque não temos respaldo, então temos uma postura apática devido à dificuldade que enfrentamos na rede. A minha análise crítica está relacionada com a instituição escola, criticar o que a biblioteca representa para ela. Na escola em que trabalho, a biblioteca e o bibliotecário têm valor, mas, por sermos submissos demais, demoramos a nos encontrar como profissionais de valor. A nossa omissão faz com que sejamos esquecidos. O nosso trabalho também fica prejudicado por ficarmos isolados e nos reunirmos pouco, ou seja, trabalhamos muito individualmente, o que atrapalha a solução de muitos problemas. Acabamos nos acomodando e não buscando nos qualificar dentro da escola. Considero que o pensamento crítico temos que ter, não podemos aceitar tudo de todos. Por isso, sou extremamente crítico, desde a análise do livro pertinente no acervo, até os outros acontecimentos, considero importante a relação da postura crítica com a realização de um bom trabalho dentro da biblioteca.</i></p>

5- Sobre o seu comprometimento com a profissão: como é isto para você?

IDEIAS- CENTRAIS	DSC
<p>P1- Por ser uma área que escolhi e que gosto muito, procuro fazer da melhor maneira possível.</p> <p>P2- (1ª ideia) Acredito naquilo que faço, acredito que posso mudar, que posso fazer alguma coisa para melhorar.</p> <p>(2ª ideia) É muita luta, é muito desgastante.</p> <p>(3ª ideia) Tu tem que fazer coisas legais, mas tem que voltar o prazer para ti.</p> <p>(4ª ideia) Minha profissão ainda não está como eu quero.</p> <p>P3- Sou muito comprometida, mesmo com todas as dificuldades que a gente tem.</p> <p>P4- (1ª ideia) Tem haver com ética. A vivência mostra para a gente a ser mais ético.</p> <p>(2ª ideia) Hoje tenho algumas omissões em relação a profissão do bibliotecário.</p> <p>(3ª ideia) Por ser somente um na escola, você não se vê muito no grupo, acaba se identificando mais com o professor do que um bibliotecário.</p> <p>P5- - (1ª ideia) Não é como eu gostaria que fosse.</p> <p>(2ª ideia) Não tive boas experiências nos grupos de discussões. Tinha muita expectativa e percebi que não era tão fácil. Vou tentar quantas vezes for necessário.</p> <p>(3ª ideia) O comprometimento do profissional com a profissão faz ela ser reconhecida.</p> <p>P6- Sou comprometida com as atribuições dos bibliotecários.</p> <p>P7- (1ª ideia) Gosto do que eu faço e tento fazer da melhor maneira possível com os recursos que eu tenho disponível.</p> <p>(2ª ideia) Poderia estar buscando outras alternativas, mas sou bem comprometida com a biblioteca.</p> <p>P8- (1ª ideia) Meu comprometimento sempre foi bastante.</p> <p>(2ª ideia) Nos últimos anos que não participo por que esgota. A gente se doa demais.</p> <p>P9- (1ª ideia) Sou totalmente envolvido, adoro bibliotecas e atividades com bibliotecas.</p> <p>(2ª ideia) Tenho uma afinidade com a biblioteca escolar, pois ela é muito viva, muito dinâmica.</p> <p>P10- Sou comprometida na medida que olho as necessidades dos alunos.</p>	<p><i>Apesar de todas as dificuldades, sou muito comprometido. Pois é a área que escolhi e que gosto muito, procuro fazer da melhor maneira possível com os recursos que tenho disponível. Acredito naquilo que faço, acredito que posso mudar, que posso fazer alguma coisa para melhorar, me envolvo totalmente, adoro bibliotecas e atividades com bibliotecas, e tenho uma afinidade com a biblioteca escolar, por ela ser muito viva e dinâmica. Acredito também que esse comprometimento tem a ver também com ética, e a vivência nos mostra a ser mais ético. Somente nos últimos anos que não tenho participado de nada, porque a gente se doa demais, é muita luta e é muito desgastante, temos que fazer as coisas legais, mas com prazer. E quando participei de grupos de discussões não tive boas experiências, tinha muita expectativa e percebi que não era tão fácil, mas vou continuar tentando quantas vezes for necessário, pois nossa profissão ainda tem muito para conquistar. Principalmente no âmbito da escola onde somos apenas um e acabamos nos identificando mais com o professor do que com o bibliotecário. E essa nossa identificação é importante, porque facilita o reconhecimento da profissão. Às vezes penso que poderia estar buscando outras alternativas, mas, mesmo assim, me considero comprometido com</i></p>

as necessidades dos alunos, com a biblioteca e com as atribuições dos bibliotecários.

6- Você acha que o curso de graduação que você fez para exercer a sua profissão foi suficiente para sua prática profissional? Poderia me explicar por quê?

IDEIAS- CENTRAIS	DSC
<p>P1- Não. Faltou uma parte da área de biblioteca escolar.</p> <p>P2- - (1ª ideia) Meu curso foi muito bom. Mas, a na escola a realidade é dura, é bem diferente da que aprendemos na faculdade.</p> <p>- (2ª ideia) Temos que reaprender outras maneiras e técnicas de trabalhar.</p> <p>- (3ª ideia) Isso acontece com toda graduação.</p> <p>P3- (1ª ideia) Não foi suficiente, não foi nada.</p> <p>(2ª ideia) O que a gente aprende na faculdade para trabalhar com crianças não serve.</p> <p>P4- (1ª ideia) Não.</p> <p>(2ª ideia) Independente da acolhida da escola não tem um espaço para ti bibliotecário.</p> <p>(3ª ideia) A biblioteca está inserida na escola, ela não é nada sem a escola. Por isso teríamos que ter um conhecimento maior desse meio. (4ª ideia) Só me encontrei na profissão de bibliotecário escolar depois que conheci melhor a escola.</p> <p>P5- (1ª ideia) O meu curso não foi suficiente, mas nenhum curso nos forma por completo.</p> <p>(2ª ideia) Ainda tenho muita dificuldade nas questões pedagógicas e didáticas.</p> <p>(3ª ideia) Os cursos de pedagogia e biblioteconomia deveriam promover a disciplinas optativas para os interessados em biblioteca escolar.</p> <p>P6- Não. Não tive nenhuma disciplina de biblioteca escolar e pedagogia.</p> <p>P7- (1ª ideia) Não.</p> <p>(2ª ideia) O que se aprende na faculdade é bem diferente do que se faz aqui na escola.</p> <p>P8- 1ª ideia) Não. Por que a única disciplina que tinha na época era biblioteca escolar optativa.</p> <p>(2ª ideia) O departamento não estimulou a fazer a disciplina, era responsabilidade do aluno remanejar o seu horário para ter a formação para trabalhar em biblioteca</p>	<p><i>Considero que a minha graduação não foi suficiente para exercer minhas atividades na biblioteca escolar. Ela foi boa, mas na escola a realidade é dura, é bem diferente da que aprendi na faculdade. É complicado. A escola espera da gente uma coisa e a gente vem esperando aplicar o conhecimento técnico. Então, vejo que faltou uma parte da área de biblioteca escolar. Tive que reaprender outras maneiras e técnicas de trabalhar, pois o que aprendi na faculdade para trabalhar com crianças não serve, é bem diferente. Considero a biblioteca inserida na escola, ela não é nada sem a escola. Independente da acolhida da escola, não tem um espaço para ti, bibliotecário. Eu só me encontrei na profissão de bibliotecário escolar depois que conheci melhor a escola. Por isso, teríamos que ter um conhecimento maior desse meio. Os cursos de pedagogia e biblioteconomia deveriam promover disciplinas optativas para os interessados em biblioteca escolar. Porque a única disciplina que tinha na época era optativa e o departamento não estimulou a fazer a disciplina, era responsabilidade do aluno</i></p>

escolar.

P9- Foi suficiente por que a faculdade ensina o básico.

P10- (1ª ideia) Não, não me permitiu o conhecimento sobre biblioteca escolar e nem da área da educação.

(2ª ideia) Foi bem complicado a escola esperava da gente uma coisa e a gente veio esperando aplicar o conhecimento técnico.

remanejar o seu horário, para ter a formação para trabalhar em biblioteca escolar. Então, o meu curso não foi suficiente, mas isso acontece com toda graduação, nenhum curso forma por completo. Porém, ele não me permitiu o conhecimento sobre biblioteca escolar e nem da área da educação, e ainda hoje tenho muitas dificuldades nas questões pedagógicas e didáticas.

7- Você fez outros cursos (oficinas, congressos, painel) depois da graduação em Biblioteconomia? Quais? Você pode citar os três mais importantes? E você poderia me dizer por que fez esses cursos? Em caso negativo, você poderia me dizer por que não fez cursos após a graduação?

IDEIAS- CENTRAIS	DSC
<p>P1- (1ª ideia) Fiz um curso de atualização em AACR2 e o painel de biblioteconomia. (2ª ideia) O AACR2 fiz para ajudar na informatização do acervo e o painel fiz por que acho que devemos nos atualizar.</p> <p>P2- (1ª ideia) Sim. Fiz o painel, e alguns cursos de formação a distância. (2ª ideia) O interesse é sempre no aprendizado, aprender e trocar experiências e repensar a tua prática ou não.</p> <p>P3- (1ª ideia) Fiz. Normatização, biblioteca escolar, contação de histórias. (2ª ideia) Para atualização.</p> <p>P4- (1ª ideia) Faço sempre que a instituição oferece. (2ª ideia) Os mais importantes foram os mais prazerosos como o de encadernação na Casa da Memória, pois podemos levar para a prática do dia-a-dia. (3ª ideia) Fiz para me integrar com outros bibliotecários e para me atualizar.</p> <p>P5- (1ª ideia) Fiz. Painel, Fórum de biblioteca escolares e alguns que a instituição promoveu. (2ª ideia) Para me atualizar e para estar em contato com os profissionais da área.</p> <p>P6- (1ª ideia) Sim. Painel e Fórum de biblioteca escolar. (2ª ideia) Para aprender e ver o que os profissionais da</p>	<p><i>Fiz vários cursos, os mais importantes foram os mais prazerosos, como o de encadernação, na Casa da Memória, pois podemos levar para a prática do dia a dia. Fiz também o de Atualização em AACR2, Painel de biblioteconomia, Normalização, Biblioteca escolar, Contação de histórias, Fórum de bibliotecas escolares, Classificação, Restauração, Biblioterapia, incentivo à leitura e palestras. Fiz alguns cursos de formação a distância. Em geral, faço o que a prefeitura oferece. Fora da instituição, estou bem afastada, estou achando caro, pelo que eu ganho. O curso do AACR2 fiz para ajudar na informatização do acervo. E os outros, porque acho que devemos nos atualizar, aprender e trocar experiências,</i></p>

<p>área estão realizando.</p> <p>P7- (1ª ideia) Fiz. O painel e um encontro.</p> <p>(2ª ideia) Queria saber o que estava acontecendo e o segundo foi pela prefeitura.</p> <p>(3ª ideia) Estou bem afastada. Hoje eu to achando muito caro, pelo que eu ganho assim,</p> <p>P8- (1ª ideia) Fiz. Normalização, classificação, restauração, biblioterapia, incentivo a leitura e palestras.</p> <p>(2ª ideia) Fiz por interesse em querer melhorar. Para me atualizar.</p> <p>P9- (1ª ideia) Fiz, o que a rede ofereceu.</p> <p>(2ª ideia) Fiz buscando mais informação e me atualizar.</p> <p>P10- (1ª ideia) Fiz, o que a prefeitura ofereceu.</p> <p>(2ª ideia) Sempre buscando abrir o meu leque de vivências.</p>	<p><i>repensando a nossa prática ou não. Fiz também para me integrar com os outros bibliotecários e ver o que estão realizando, e queria saber o que estava acontecendo. Então, fiz os cursos sempre buscando melhorar e abrir meu leque de vivências.</i></p>
---	--

8-Explique melhor sua prática diária de trabalho.

IDEIAS- CENTRAIS	DSC
<p>P1- (1ª ideia) Pesquisa e troca de livros, combino antes com o professor.</p> <p>P2 - (1ª ideia) O principal é o atendimento, to sozinha.</p> <p>(2ª ideia) Pensar junto com o professor o projeto.</p> <p>P3- (1ª ideia) Estar sempre acessível.</p> <p>(2ª ideia) É muito boa.</p> <p>P4- (1ª ideia) O forte é o atendimento.</p> <p>(2ª ideia) A gente improvisa muito.</p> <p>(3ª ideia) O dia-a-dia não é rotineiro, e sim muito cansativo.</p> <p>P5- (1ª ideia) Atendimento, sem pessoal para me ajudar, não consigo pensar em atividade de incentivo a leitura.</p> <p>(2ª ideia) Confesso que me sinto insatisfeita, pois é um a atividade basicamente administrativa.</p> <p>(3ª ideia) O interessante seria um ter um professor para trabalhar junto na biblioteca, fazendo ligação do técnico com o pedagógico.</p> <p>P6- (1ª ideia) – Atendimento e processamento técnico.</p> <p>P7- (1ª ideia) – Atendimento.</p> <p>(2ª ideia) – Efetivar parcerias nos projetos de trabalho.</p> <p>P8- (1ª ideia) – Atendimento.</p> <p>P9- (1ª ideia) – Atendimento.</p> <p>(2ª ideia) – Não faço atividades lúdicas porque estou sozinho.</p>	<p><i>O forte é o atendimento. Confesso que me sinto insatisfeito, pois é uma atividade basicamente administrativa, isto é feito sem pessoal para ajudar. O que dificulta planejar atividades de incentivo à leitura e à realização de atividades lúdicas. O interessante seria ter um professor para trabalhar junto na biblioteca, fazendo a ligação do técnico com o pedagógico. Na prática diária também auxilio nas pesquisas, faço processamento técnico e faço troca de livros, que são combinados com antecedência com o professor. Estou também sempre acessível e interagindo com os alunos. Penso e efetivo parcerias com os professores a respeito de projetos. A minha prática diária não é rotineira, e sim cansativa, pois tenho que improvisar muito,</i></p>

| P10 - (1ª ideia) – Interação com os alunos. | *porém também é muito boa.* |

APÊNDICE G

ENTREVISTA 01

Qual a sua idade?

- Entre 20 e 30 anos Entre 41 e 50 anos
 Entre 31 e 40 anos Mais de 51 anos

Qual sua formação acadêmica?

- Graduação Mestrado
 Especialização Doutorado
 Outras. Especifique _____

Ano de conclusão do curso de graduação e instituição:
2004, UFSC

Local de trabalho:⁷

Há quanto tempo exerce a profissão (em anos e meses): 3 anos e seis meses

Agora vou fazer algumas perguntas e gostaria que você respondesse de acordo com a sua prática profissional diária, sem arrolar conceitos.

1- Vou iniciar uma frase e pedir para você completar. Para ser competente informacional eu...
Aí e agora, bom acho que eu preciso em primeiro lugar ser mais assim buscar tentar é, tentar ser competente da maneira que eu satisfaça o usuário naquilo que ele ta me pedindo, tentar buscar todos os tipos de informação que eu tenho que eu possa passar para ele pra que ele possa de uma maneira ou outra satisfazer aquilo que ele está fazendo.

2- Como você vê a técnica na sua prática profissional.
Na minha prática profissional a técnica não acontece muito, é mais assim a parte técnica que eu uso aqui na biblioteca é de utilizar a CDD no acervo para disposição do acervo, técnica para catalogação isso a gente não tem.

⁷ Optou-se por não mencionar o local de trabalho, como maneira de preservar a identidade dos participantes.

3- Você poderia me explicar qual a relação da criatividade com a sua prática profissional?

Criatividade. Bom, acho que a minha criatividade é na disposição dos livros no acervo. Seria eu procuro assim por o acervo de uma maneira mais clara para os alunos, nesse sentido criatividade em outro, às vezes usa criatividade em trabalho com o professor né na maneira de elaborar algum projeto é o tipo de criatividade que eu utilizo.

4- O que você pode falar da sua atitude crítica na prática profissional?

Eu acho que muitas vezes a gente é muito omissivo (bibliotecário escolar), muitas vezes a gente é esquecido mais às vezes por culpa nossa mesmo, a gente se omite muito. Muitas vezes a gente não se valoriza mais isso é uma coisa que já vem há muito tempo e não é de uma hora para outra que se vai mudar, na própria escola mesmo isso muitas vezes é difícil porque tu é uma só diante de muitos, mas eu tento me impor, impor respeito ao meu trabalho aqui na escola e de certa forma eu tenho conseguido.

5- Sobre o seu comprometimento com a profissão: como é isto para você?

Meu comprometimento primeiro é uma área que eu escolhi e que gosto muito mas tento fazer da melhor maneira tudo que eu faço aqui na biblioteca, tanto em relação ao acervo quanto ao atendimento aos alunos procuro atender da melhor maneira possível dar material para aqueles que pesquisam da melhor maneira procuro ter tudo organizado que é uma coisa que eu busco também procuro estar sempre disponível aos professores quanto a trabalhos que eles têm que fazer eu acho que seria mais ou menos isso o que eu busco fazer.

6- Você acha que o curso de graduação que você fez para exercer a sua profissão foi suficiente para sua prática profissional? Poderia me explicar por quê?

Não eu acho que não principalmente pra nossa área de biblioteca escolar, é uma coisa assim na universidade eu não vi, então eu acho que faltou uma parte.

7- Você fez outros cursos(oficinas, congressos, painel) depois da graduação em biblioteconomia? Quais? Você pode citar os três mais importantes? E você poderia me dizer pó que fez esses cursos? Caso negativo, você poderia me dizer por que não fez cursos após a graduação?

Fiz, eu fiz um curso de atualização do AACR2 e fiz o painel de biblioteconomia, o último no ano passado. Esse do AAVR eu achei bem interessante por que era uma coisa assim a gente iria utilizar bastante na informatização do acervo, como houve atualização teria que saber então eu achei que seria bem interessante, o painel eu achei interessante por que acho que a gente deve se atualizar , então achei bem interessante fazer, e lá durante os dias que aconteceram foi bem interessante as palestras que houve.

8- Explique melhor sua prática diária de trabalho.

Bom é de manhã a escola trabalho com o ginásio então às vezes não são todos os dias mais conforme os professores solicitam eles vem aqui na biblioteca fazer pesquisa ou então fazer trocas de livros, sempre combino antes com o professor marco horário a aula direitinho e às vezes também

eles vêm aqui para pegar material para pegar para sala e depois devolver eu faço esse controle de anotar e quando devolver ver se está todos os livros e a tarde é primário aí tem troca de livros nas segundas e terças-feiras. Na segunda tem a primeira, segunda e terceira série e na terça-feira são duas quartas séries que fazem a troca. Também a tarde tem bastante pesquisa do ginásio, por que é no contra-turno deles então eles sempre vêm fazer pesquisas, aí eu também atendo todas as pesquisas deles, seria mais ou menos isso.

ENTREVISTA 2

Qual a sua idade?

- Entre 20 e 30 anos Entre 41 e 50 anos
 Entre 31 e 40 anos Mais de 51 anos

Qual sua formação acadêmica?

- Graduação Mestrado
 Especialização Doutorado
 Outras. Especifique _____

Ano de conclusão do curso de graduação e instituição: 1996. UFSC

Local de trabalho:

Há quanto tempo exerce a profissão (em anos e meses): 4 anos

Agora vou fazer algumas perguntas e gostaria que você respondesse de acordo com a sua prática profissional diária, sem arrolar conceitos.

1- Vou iniciar uma frase e pedir para você completar. Para ser competente informacional eu.....

Primeiro atender bem, tem que estar com uma organização né, um planejamento adequado e estratégico tudo dentro de toda a situação da escola né, e eu acho que é isso.

2- Como você vê a técnica na sua prática profissional.

Hoje na prefeitura a minha técnica é muito pouco assim, não tem nada de técnico, eu faço só registro e atendo, atendo e atendo, eu to sozinha, nós não temos nenhum apoio assim técnico, de parar para fazer o técnico. Por que sozinha atendendo todos os alunos, professores, funcionários e comunidade também, não tem como tu parar.

3- Você poderia me explicar qual a relação da criatividade com a sua prática profissional?

Hoje assim ô, criatividade tu tem que ter um monte, porque a gente trabalha com muito pouco, a gente tem que ser criativo quase todo dia para criar ambientes gostosos, mas hoje eu sou o apoio pedagógico da escola, eu faço a ponte com o professor, na verdade eu sou parceiro dos professores, então se eu tenho que fazer algum projeto de incentivo a leitura e usar a minha criatividade eu quero me juntar com algum parceiro, eu sozinho não vou conseguir fazer. Mas, é isso mesmo acho que a gente é criativo e com tão pouco que a gente trabalha né?

4- O que você pode falar da sua atitude crítica na prática profissional?

Hoje eu vejo que uma questão boa é que tu é dentro da escola onde eu trabalho eu tenho valor, eu sou valorizada a biblioteca é valorizada, esse espaço é valorizado. Mas, dentro da instituição maior a gente fica muito aquém, por que na educação a informação não é valorizada, essa questão de estudar de pesquisar, não tem o valor que deveria ter, por que hoje na educação assim é tudo muito rápido as coisas, nós dependemos muito de burocracias, então nós bibliotecários, a nossa categoria começou a ter gente bibliotecário em 98, que teve um concurso grande de bibliotecários, mas antes não tinha o espaço biblioteca era um espaço cuidado por alguém readaptado, por alguém que tá doente, então esse espaço não era um espaço gostoso, um espaço de informação. Então hoje o que eu vejo assim, a minha crítica é pela questão da educação no país, que não é valorizada a questão da pesquisa do estudo e a escola sempre tem que dar conta de um monte de coisa que daí no final sempre fica aquém né.

5- Sobre o seu comprometimento com a profissão: como é isto para você?

Meu comprometimento eu acho que quando a gente escolhe a profissão é porque a gente acredita naquilo que a gente faz né. Eu acredito assim, eu acredito que tu pode mudar que tu pode fazer algumas coisas para melhorar, só que é muita luta é muito desgaste assim, e tu tem que ter os dois lados, tu tem que dar, tu tem que fazer as coisas legais, mas tu tem voltar o prazer assim pra ti. Por que não adianta tu querer ser o melhor se tu tem poucas condições, condições precárias para atender, tu até atende mais não do jeito que tu gostaria e isso te deixa mal te deixa angustiado, parece que tu nunca ta fazendo nada, mas quando tu para tu pensa, não tem gente indo na minha biblioteca, tem gente pegando livro, tem gente gostando daquele espaço, mas ainda ela não ta como eu quero, não é como eu desejo a minha profissão.

6- Você acha que o curso de graduação que você fez para exercer a sua profissão foi suficiente para sua prática profissional? Poderia me explicar por quê?

Meu curso de graduação foi muito bom, foi muito bem feito assim, só que eu sou de 96, eu sou ainda tava começando as informatizações, eu sou muito pouco eu tive de infomatização, o que eu tive que aprendi eu tive que aprender agora, que eu to na área, por que eu fiquei um monte de tempo afastada, o que eu acho é que a graduação te dá a teoria e ela fica mais centralizada nos grandes centros que tem biblioteca, que tem toda uma estrutura. E quando a gente cai em uma escola, tanto particular como municipal ou estadual, a gente cai numa realidade dura que não é a realidade que a gente estuda aí a gente tem reaprender de novo outras técnicas e outras maneiras de trabalhar que isso graduação nenhuma vai te dar. Então a teoria é muito boa, mas a prática é no teu dia- a- dia assim não tem o que fazer.

7- Você fez outros cursos (oficinas, congressos, painel) depois da graduação em Biblioteconomia? Quais? Você pode citar os três mais importantes? E você poderia me dizer por que fez esses cursos?

Caso negativo, você poderia me dizer por que não fez cursos após a graduação?

Sim, sempre fiz. O eu fiz é painel, painel de biblioteconomia né. A gente fez também aqui da prefeitura a gente fez o mídia que a gente apresentou trabalhos. E fora cursos assim mais a distância, cursos de formação. E também fiz pedagogia, sou formada em 2005 por estar na educação e por querer entender né. O interesse é sempre aprendizado, tu buscar aprender mais e também trocar experiências, vê outras experiências e trazer para ti as coisas boas que tem, em cada fala, tu traz alguma coisa, ou te acrescenta ou te faz repensar a tua prática ou não.

8- Explique melhor a sua prática diária de trabalho.

A minha prática é bem rotineira assim. Hoje eu atendo, foco principal é o atendimento, to sozinha não tem o que fazer é atender. Na quintas feiras eu atendo turmas de 1ª a 4ª é um incentivo a leitura, eles vai a biblioteca cada um no seu horário trocam livrinhos, fica aberto para a professora usar o espaço da biblioteca seja para contar uma história, ou se ela quiser trazer alguém para contar uma história esse espaço é aberto. A gente pensa junto o projeto, eu enquanto bibliotecário não faço isso a minha parte é só suporte né. registro livros, carimbo, organizo estantes, passo os e-mails é fazer toda aquela retirar material que ta danificado, organizar material, dar uma ajeitadinha no acervo que é isso que a gente faz assim, mas é atendimento mesmo, que isso ocupa muito tempo, que é a referência e sozinho fica muito complicado

ENTREVISTA 3

Qual a sua idade?

- Entre 20 e 30 anos Entre 41 e 50 anos
 Entre 31 e 40 anos Mais de 51 anos

Qual sua formação acadêmica?

- Graduação Mestrado
 Especialização Doutorado
 Outras. Especifique _____

Ano de conclusão do curso de graduação e instituição: 2004. UFSC

Local de trabalho:

Há quanto tempo exerce a profissão (em anos e meses): 4 anos e 2 meses

Agora vou fazer algumas perguntas e gostaria que você respondesse de acordo com a sua prática profissional diária, sem arrolar conceitos.

1- Vou iniciar uma frase e pedir para você completar. Para ser competente informacional eu preciso estar muito bem informada para poder informar a outra pessoa.

2- Como você vê a técnica na sua prática profissional.

Aí eu acho que a gente estudou tanto, tanto para fazer apenas bolso, dobrar bolsos colar ficha eu acho que isso é coisa pra estagiário mesmo. Até criança faz, outro dia eu fiz uma oficina “um dia de bibliotecário” as crianças fizeram isso eu acho que é desperdiçado o nosso conhecimento o nosso com técnicas bibliotecárias, não digo catalogar fazer uma CDD, que a gente não faz. Agora essa história de dobrar bolso, colar bolso e carimbar livro é coisa mesmo para estagiário.

3- Você poderia me explicar qual a relação da criatividade com a sua prática profissional?

Precisa muito, por que quando se trabalha com criança se tu não tiver uma criatividade mais aguçada pra chamar a atenção deles tu não consegue. Por que chamar a atenção das crianças na biblioteca, se tu não tiver uma coisa a mais tu não consegue. A biblioteca vira um mero empréstimo de livro, troca de livro.

4- O que você pode falar da sua atitude crítica na prática profissional?

Aí gente, acho que nós temos muito pouco a oferecer por que é muito pouco dado para gente. Às vezes tu quer fazer um projeto de incentivo a leitura, como eu já tentei fazer tu não tem material, é material didático, não tem verba, não tem caneta, não tem lápis, não tem issoe às vezes tu é tola por causa disso, tu não consegue fazer um bom trabalho porque tu não tem respaldo na prefeitura, e aí o que acontece, aquele bibliotecário lá não trabalha direito não é legal, mas não é por isso é por que ele não tem material, e muitas vezes a gente tira do bolso da gente.

5- Sobre o seu comprometimento com a profissão: como é isto para você?

Aí pra mim é tudo né. Do jeito que eu faço, nem sei te responder isso, porque eu sou muito comprometida. Eu não consigo ficar na biblioteca só emprestando livro, (assim por que eu sei que tem várias que fazem isso, emprestando livro e colando bolso), eu tenho que fazer alguma coisa, eu tenho que mostrar o meu serviço. Eu gosto de mostrar o meu serviço, de fazer projetos essas coisas, mesmo com toda dificuldade que a gente tem.

6- Você acha que o curso de graduação que você fez para exercer a sua profissão foi suficiente para sua prática profissional? Poderia me explicar por quê?

Não foi nem suficiente, não foi nada, por que pelo menos assim ô, o que a gente aprende na universidade acho eu (porque nunca trabalhei), para trabalhar numa universidade na B.U. até serve, numa empresa, mas para trabalhar com crianças como a gente caiu de para-quedas dentro de uma escola, a gente não aprendeu nada, nada, nada. Até se vestir, por que eu ia de salto pra lá, de brincão e as crianças ficavam longe de mim, agora eu to de rosa eu vou de Hello Kitty, mas só na escola,

rsrsrs. Para aproximar a criança. E isso ninguém me disse na graduação ‘ Ah, conforme o teu usuário tens que ser assim”, por que às vezes eu ia falar com as crianças: - Justifique tua resposta, - o que (...), um dia eu fiz uma atividade para responder relacionar uma coluna com a outra a respeito de trânsito, sinal verde a letra B, vermelho a letra A, pedestre.... (...) pedestre começa com P. Aí eu tentei explicar que era o item A, mas não deu jeito, porque quando a palavra tem S, Siga, começa com S, como é que a gente coloca item B. então a gente não aprende várias coisas , a gente aprende trabalhando e passando também, passando decepções, que às vezes tu prepara atividade, chega eles “isso aí (...), isso aí a gente já sabe” e não fomos preparados para falar com criança principalmente, não, não prepara eu penso assim né. Por que eu tive muita dificuldade por causa disso, como eu vou me botar uma postura assim, me posicionar diante da criança para falar, com a palavra dela, muitas vezes os professores me ensinaram a falar, por que eu falava coisas que eles não entendiam, a linguagem deles né, escreve no quadro, como é que escreve isso (...), eu vou no quadro e escrevo, aí essa letra a gente não conhece, a gente só conhece a letra cursiva, mas para mim a minha letra é cursiva. Mas, não é, é outra letra, então eu não sei essa letra de vocês cursiva, aí eu pedi para a professora de primeira série me explicar a cursiva, a caixa alta que agora é versaleti, não é mais caixa alta. A maiúscula, ela me explicou isso, aí o que eu faço a primeira série esta estudando a letra cursiva, já sei qual é a letra, aí eu meio que pego os livros assim, com essas letrinhas e coloco em cima da mesa, por que não é que estou induzindo eu to querendo incentivar eles a leitura, aí eles abrem o livro e vêem a letrinha que eles gostam. Então, essas coisas eu aprendi sozinha, não foi nada com graduação e nem com especialização,

7- Você fez outros cursos (oficinas, congressos, painel) depois da graduação em Biblioteconomia? Quais? Você pode citar os três mais importantes? E você poderia me dizer por que fez esses cursos?

Caso negativo, você poderia me dizer por que não fez cursos após a graduação?

Fiz. Os mais importantes que eu lembro, normatização, sobre biblioteca escolar, contação de história, aquela oficina sobre a África lá, baú de histórias. É fiz bastante mais eu nem lembro todos.

8- Explique melhor a sua prática diária de trabalho.

Minha prática diária? A biblioteca fica aberta direto para alunos da comunidade pesquisarem e aí se a professora precisar de algum trabalho, de alguma coisa, de algum livro para fazer trabalho ou pesquisa ela pode ir a biblioteca a hora que ela quiser. E sempre as terças e quintas as horas para as crianças trocarem os livros mais eu não uso essa hora eu uso essa hora para fazer as minhas atividades, por que eles não liberam a criança, assim a manhã inteira para ficar comigo fazendo atividades, então eu uso as minhas horas e eles podem trocar os livros a hora que eles quiserem, desde que a professora deixe, ou na hora do lanche, antes de chegar, eles podem trocar o livro a hora que eles quiserem , eu não me importo não, e essas horas eu uso mais para fazer as minhas atividades por que senão não dá tempo, por que os professores não liberam, só se a gente tiver assim fazendo um teatro uma coisa assim, que elas liberam, mas assim toda hora não vão liberar né? Eu tento não invadir o espaço dos professores e eles também quando é a minha hora eles cedem as crianças para mim, eles “cedem” eles não são mercadorias, mas tu entendesse né? Então quando é a minha hora, eu aviso hoje tem atividade então não atrasa, e eles não atrasam, eles ficam na hora, e quando as vezes passa do lanche ficam até o final do lanche comigo. Então é sempre em conjunto com a professora e ela não invade o meu espaço, às vezes eles pedem (...) vai ter atividade, eu respondo: não hoje não vai ter atividade, por que não é sempre que a gente pode fazer, não faço toda

terça e quinta por que não dá para mim fazer, tenho outras coisas para fazer. (...) posso mandar de dois em dois, posso mandar de três em três, por que eu to fazendo uma atividade na sala e eu não queria parar, claro, por que não adianta eu falar, não é minha hora, por que quando eu precisar elas podem dizer é minha hora de sala não e não. Tem que estar sempre acessível com eles, mas a minha escola é pequena, só tem três, quatro professores e a gente se dá super bem. E a minha prática diária é muito boa, rrsrsrs.

ENTREVISTA 4

Qual a sua idade?

- Entre 20 e 30 anos Entre 41 e 50 anos
 Entre 31 e 40 anos Mais de 51 anos

Qual sua formação acadêmica?

- Graduação Mestrado
 Especialização Doutorado
 Outras. Especifique _____

Ano de conclusão do curso de graduação e instituição: 2002. UFSC

Local de trabalho:

Há quanto tempo exerce a profissão (em anos e meses): 6 anos

Agora vou fazer algumas perguntas e gostaria que você respondesse de acordo com a sua prática profissional diária, sem arrolar conceitos.

1- Vou iniciar uma frase e pedir para você completar. Para ser competente informacional eu tem que ta atualizada, tem que ta sempre correndo atrás. É basicamente isso, tem que ta atualizado, tem que ta correndo atrás, tem que acompanhar esse mundo de informática, eu acho que tem tudo haver com informação.

2- Como você vê a técnica na sua prática profissional.

Como bibliotecário escolar, eu acho que a técnica ela é nem importante, mas ela é básica por que assim ô, ela não chega a ser essencial, eu acho que dá para se virar muito de outras maneiras, a gente usa a técnica para manter organização, para manter uma uniformidade no trabalho, mas a prática na biblioteca escolar ela é bem peculiar, ela foge bastante do que se aprende em curso, em graduação, ou nem sempre dá para botar na prática do dia-a-dia toda aquela técnica que se aprende mesmo.

3- Você poderia me explicar qual a relação da criatividade com a sua prática profissional?

Criatividade. Para começo a prática profissional ela já foi assim de pedir bastante criatividade, por que a gente se encontrava diante de uma série de coisas novas de uma realidade nova, para qual a gente não tava preparada. É falando assim da graduação, acho que o curso não, talvez curso nenhum prepare a gente, mas faltou muita coisa no nosso curso se trate especificamente de biblioteca escolar, e a biblioteca escolar não consegue fugir disso, não dá para padronizar para ser uma biblioteca normal. (foi interrompida por um ronco de motor de carro). Voltando para a prática profissional, eu chegando na escola, procurando saber qual era o meu papel na escola, no começo as primeiras coisas que eu fiz foi tentar ser criativa mesmo, tentar impor a minha presença como profissional com criatividade, foi inventando, foi observando, foi me adaptando, então acho que eu não cheguei lá já prontinha, botando em prática a técnica que eu aprendi, eu acho que a gente teve que usar de muita criatividade até para se descobrir como bibliotecário escolar. Foi quase que uma frustração, quando eu me vi formada e fui trabalhar em uma biblioteca escolar, e vi que a biblioteca escolar é tão diferente, ela é tão peculiar em relação as outras, isso porque eu também já tenho outra experiência, eu já trabalhei em outras bibliotecas também. Mas, na biblioteca escolar o trabalho é muito diferente.

4- O que você pode falar da sua atitude crítica na prática profissional?

Eu vou falar assim, como profissional como bibliotecário né, não tentar não generalizar, mas ao mesmo tempo generalizando, porque eu vou falar do que eu penso em relação a todos os bibliotecários, a todos os bibliotecários da Rede, é eu acho que a gente ainda tem uma postura muito, é muito de trabalhar individualmente que é ruim, porque cada escola só dispõe de um profissional bibliotecário, e isso acaba afetando todo mundo, todo mundo só vê o seu problema, ou o seu sucesso, a sua frustração, eu acho que o trabalho individual é ruim, embora que às vezes a gente se reuna, mas acaba não refletindo o que é exatamente a prática a vivência, se a gente conseguisse mudar isso, ter equipes para trabalhar, eu acho que a gente estaria avançando bastante, estaria encontrando soluções para uma porção de problemas que a gente tem e às vezes a gente nem sabe como avançar diante desses empecilhos e além dessa individualidade, eu acho que a gente deveria vir com a auto-estima um pouquinho elevada, a gente quanto bibliotecário, a gente se submete demais, a gente demora para se encontrar, demora para se sentir um profissional de valor, de espaço, a gente é meio uma coisa assim que tem que conquistar e a gente já poderia vir com isso mais prontinho na gente, a gente já devia vir se impondo mais, é seria esses dois pontos assim.

5- Sobre o seu comprometimento com a profissão: como é isto para você?

Tem haver com ética também né. Eu já fui mais comprometida, confesso que muita coisa a gente aprende, a vida mostra para a gente. É em matéria de ética muita coisa a vivência vai mostrando para a gente a ser mais ético. Esse comprometimento todo de haver com isso, e eu não posso dizer que sou menos comprometida do que já fui, já tive mais vontade, mais garra, já vim defendendo mais e hoje em dia às vezes eu me omito, eu acho que pode se dizer assim algumas omissões em relação a profissão do bibliotecário, talvez por a gente estar enquadrado numa escola ser só um bibliotecário, você não se vê muito no grupo, você acaba que se modificando, você acaba se tornando mais um professor do que um bibliotecário, tu se identifica mais com eles do que com o profissional bibliotecário, eu vejo que eu sou bem mais flexível em relação a certas posturas que eu tinha quando recém-formada ou mesmo quando trabalhei em outros locais do que agora que estou na biblioteca escolar, às vezes perco um pouco a identidade, esse comprometimento com a nossa profissão ele

acaba sendo afetado dessa forma e a gente não se vê muito bibliotecário, as próprias crianças confundem a gente né?

6-Você acha que o curso de graduação que você fez para exercer a sua profissão foi suficiente para sua prática profissional? Poderia me explicar por quê?

No caso da biblioteca escolar não. Eu trabalhei já em biblioteca pública me senti à vontade, foi a primeira experiência logo que me formei eu me senti a vontade, claro que tem coisas que eu descobri, mas nada tão estranho quanto a biblioteca escolar. A escola, a acolhida boa ou ruim, mas não tem um espaço para ti bibliotecário eu acho que se a gente viesse com alguma formação, com mais conhecimento é desse lugar específico que é a escola, que a biblioteca ta inserida na escola, ela não é a biblioteca, ela não é nada sem a escola, ela ta ali por causa da escola, então a gente teria que ter um conhecimento maior desse meio para coisa fechar assim, para dizer que é satisfatório a formação, em todas as outras, eu já tive outras experiências eu me apegava ao meu conhecimento e eu consegui me inserir. Na escola eu senti que primeiro precisei esquecer a biblioteca e conhecer um pouco mais da escola, um pouco mais do planejamento, do pedagógico e do PPP(planejamento político pedagógico) da escola, eu precisei entender como a escola funcionava para conseguir trabalhar ali dentro, não sei se seria a graduação que teria que me dar essa formação ou se é assim mesmo, mas eu senti dificuldade. Só me encontrei mesmo na profissão de bibliotecário escolar quando conheci melhor a escola.

7-Você fez outros cursos (oficinas, congressos, painel) depois da graduação em Biblioteconomia? Quais? Você pode citar os três mais importantes? E você poderia me dizer por que fez esses cursos? Caso negativo, você poderia me dizer por que não fez cursos após a graduação?

Em biblioteconomia tenho feito sempre que a instituição oferece. Os mais importantes foram os que foram mais prazerosos, foi o de encadernação que a gente fez na Casa da Memória, foi bem lega, a gente consegue levar para a prática do dia-a-dia o que a gente aprendeu ali, foi bem prazeroso. Fora esse a gente não tece mais, teve muita reunião, muito encontro, teve casualmente um que foi de hora do conto, um de contação de histórias, praticamente uma oficina, uma tarde ou duas, foi bem rápido e não deu oportunidade de aprender muito, foi uma oficina mesmo de hora do conto. Deixa eu ver se me lembro de mais algum que me chame a atenção. Hum, teve os painéis, assim onde a gente ouve os relatos as experiências dos colegas e se atualiza. Fiz para me integrar com outros bibliotecários e me atualizar.

8-Explique melhor a sua prática diária de trabalho.

A princípio a gente sempre quer criar uma rotina, de chegar já tem um planejamento semanal para estabelecer aquela rotina, mas em função de nosso forte ser o atendimento é muito difícil, a gente vem com a informação de que o atendimento é uma coisa, estabelece uma política de horários, de regras, mas ninguém mais conhece isso. Só a gente conhece, por mais que a gente fale, tente falar para as pessoas para organizar é muito difícil, eu acho que a gente improvisa muito, a gente ta sempre tirando coisa da cartola em uma escola para te fazer presente, para ti atender aquela necessidade, tais sempre tendo que dar uma de mágica as vezes, então o nosso dia-a-dia eu não acho que é muito rotineiro, ele é muito cansativo, ele envolve, acho que o mais cansa a gente é o atendimento mesmo, muitos usuários, muitas crianças, muitos alunos que é o que a gente atende e uma criança não tem muitos conceitos de organização e de horário, aí tu faz o papel de professor junto, tais ali ensinando eles a usar a biblioteca, a se comportar, a se submeter a horários. Passa

mais, eu pelo menos todo início de ano faço uma humanização da biblioteca que é mostrar como é a biblioteca, como funciona e faço isso todo ano e todo ano parece que eu tô falando uma novidade, é muito difícil inculcar nas pessoas o que a gente já sabe, a gente na graduação quando frequenta a biblioteca a gente sabe eu tenho bastante dificuldade nisso, se fosse estabelecer como é meu dia-a-dia na biblioteca a dificuldade é essa, são os improvisos, são tentar dá conta de atender e o quanto isso é cansativo e desgastante, são muitas crianças, tu não tá fazendo bem a função de bibliotecário, tu passa mais tempo fazendo papel de professor do que de bibliotecário.

ENTREVISTA 5

Qual a sua idade?

- Entre 20 e 30 anos Entre 41 e 50 anos
 Entre 31 e 40 anos Mais de 51 anos

Qual sua formação acadêmica?

- Graduação Mestrado
 Especialização Doutorado
 Outras. Especifique _____

Ano de conclusão do curso de graduação e instituição: 2002. UFSC

Local de trabalho:

Há quanto tempo exerce a profissão (em anos e meses): 6 anos

Agora vou fazer algumas perguntas e gostaria que você respondesse de acordo com a sua prática profissional diária, sem arrolar conceitos.

1- Vou iniciar uma frase e pedir para você completar. Para ser competente informacional eu procuro sempre estar me atualizando.

2- Como você vê a técnica na sua prática profissional.

Vejo como necessária, mas que um tanto, não sei se poderia dizer assim, defasada. Pois, não temos suporte adequado para sua realização e manutenção, como uma base informatizada e pessoal para nos auxiliar, bem como também um espaço adequado para fazer. Acho que a técnica é importante sim, mas não pode ser tornar a base do trabalho do bibliotecário escolar.

3- Você poderia me explicar qual a relação da criatividade com a sua prática profissional?

Vejo que a criatividade é muito importante na prática profissional do bibliotecário escolar, desde a possibilidade de conseguir material adequado para o trabalho, até como desenvolver um trabalho que

desperte os alunos para freqüentarem a biblioteca, o que é o grande problema hoje em dia nas escolas. Que a gente consiga fazer um trabalho em parceria com os professores que desperte o gosto pela leitura nos alunos. E para isso sem um pingô de dúvida o bibliotecário precisa ser muito criativo.

4- O que você pode falar da sua atitude crítica na prática profissional?

Não quero generalizar, mas falando de mim. Vejo que tenho um postura um tanto apática na minha prática profissional. Talvez pelo fato de tudo para nós bibliotecários na rede ser muito custoso, somos somente um profissional por escola, ficamos isolados, nos reunimos poucas vezes, e tudo isso mina o andamento do nosso trabalho. Mas, percebo que eu como os outros parece que nos acostumamos com isso, por que isso é falado em pequenos grupos, e na hora de uma reunião ficamos calados. E isso é muito sentido dentro da escola, nos tornamos uma classe fraca que acaba sempre sendo levado de acordo com as vontades do magistério. Muitas vezes me sinto manipulada.

5- Sobre o seu comprometimento com a profissão: como é isto para você?

Bem o meu comprometimento com a profissão, pergunta difícil. Não, é como eu gostaria e deveria que fosse. Tentei algumas vezes, me inseri nos grupos de discussão, a última no grupo de bibliotecários escolar, mas não tive boas experiências. Não culpo ninguém, talvez seja eu mesma que tinha uma grande expectativa todas essas vezes e quando me deparei que não era tão fácil, desisti. Mas, também não parei, vou tentar quantas vezes for necessário, pois acho que é o nosso comprometimento com a profissão que vai fazer ela ser melhor reconhecida.

6-Você acha que o curso de graduação que você fez para exercer a sua profissão foi suficiente para sua prática profissional? Poderia me explicar por quê?

Não, o meu curso não foi suficiente, mas acho que nenhum curso nos forma por completo. Quando reclamo é por que até hoje tenho muita dificuldade na biblioteca, principalmente no que se refere a questões pedagógicas e didáticas. Vejo, que a biblioteca escolar e uma área em expansão e a base das bibliotecas, talvez os cursos de biblioteconomia e de pedagogia devessem oferecer um leque de disciplinas optativas para alunos interessados nessa área. Tanto para professores como para bibliotecários, que é outro nó dentro da escola, pois esses dois profissionais tem grandes dificuldades de entendimento da profissão uma do outro.

7- Você fez outros cursos (oficinas, congressos, painel) depois da graduação em Biblioteconomia? Quais? Você pode citar os três mais importantes? E você poderia me dizer por que fez esses cursos?

Caso negativo, você poderia me dizer por que não fez cursos após a graduação?

Fiz. Painel de Biblioteconomia em Santa Catarina, um Fórum de bibliotecas escolares em Joinville e alguns que a instituição promoveu como CDD, MARC 21 e outros. Fiz como uma maneira de atualização e de estar em contato com os profissionais da área.

8-Explique melhor a sua prática diária de trabalho.

A minha prática diária de trabalho é basicamente o atendimento e o empréstimo, muitas turmas, sem pessoal para me ajudar então fico no atendimento direto, não tenho tempo nem de pensar em alguma

atividade de incentivo a leitura. Guardo as sextas-feiras para organização da biblioteca e processamento técnico. Confesso que me sinto um tanto insatisfeita, porque é uma atividade basicamente administrativa, mas não vejo solução enquanto estiver sozinha. O ideal na biblioteca seria trabalharmos com uma professora para fazer essa ligação do técnico e do pedagógico.

ENTREVISTA 6

Qual a sua idade?

- Entre 20 e 30 anos Entre 41 e 50 anos
 Entre 31 e 40 anos Mais de 51 anos

Qual sua formação acadêmica?

- Graduação Mestrado
 Especialização Doutorado
 Outras. Especifique _____

Ano de conclusão do curso de graduação e instituição: 2003. UFSC

Local de trabalho:

Há quanto tempo exerce a profissão (em anos e meses): 4 anos e 3 meses

Agora vou fazer algumas perguntas e gostaria que você respondesse de acordo com a sua prática profissional diária, sem arrolar conceitos.

1- Vou iniciar uma frase e pedir para você completar. Para ser competente informacional eu leio jornais, leio revistas, acompanho noticiários, leio bastante, me atualizo em tudo, por que a nossa área pega tudo.

2- Como você vê a técnica na sua prática profissional.

Acho que na biblioteca escolar não utilizamos, mas ele é viável e temos que seguir o mesmo padrão de outras bibliotecas.

3- Você poderia me explicar qual a relação da criatividade com a sua prática profissional?

É eu acho que o bibliotecário escolar não é muito criativo, mas a criatividade que a gente precisa ter aqui é para o lado pedagógico. É tu tentar ser criativo para entreter as crianças a querer ler, nesse ponto sim.

4- O que você pode falar da sua atitude crítica na prática profissional?
 Não possuo esta postura crítica.

5- Sobre o seu comprometimento com a profissão: como é isto para você?
 Claro. Sou comprometida com as atribuições dos bibliotecários sim.

6-Você acha que o curso de graduação que você fez para exercer a sua profissão foi suficiente para sua prática profissional? Poderia me explicar por quê?
 Para mim não. Eu não tive nenhuma matéria de biblioteca escolar, nenhuma de pedagogia, nenhuma para esse lado nada, nada, nada.

7-Você fez outros cursos (oficinas, congressos, painel) depois da graduação em Biblioteconomia? Quais? Você pode citar os três mais importantes? E você poderia me dizer por que fez esses cursos? Caso negativo, você poderia me dizer por que não fez cursos após a graduação?
 Sim. Teve painel de biblioteconomia de Santa Catarina na UFSC em novembro do ano passado em 2007. Teve um em Criciúma de biblioteca escolar, um fórum de biblioteca escolar. Para tentar aprender mais alguma coisa né, vê o que os profissionais da área realizam né.

8-Explique melhor a sua prática diária de trabalho.
 É registrando, carimbando, recebendo doação. É emprestando livro didático, livro de literatura, recebendo as turmas para empréstimo, orientando professores, tem pesquisa no computador também, tem aula de geografia aqui também, eles fazem a pesquisa e o trabalho aqui e agora final do ano tem muito professor que pede muito material para o concurso.

ENTREVISTA 7

Qual a sua idade?

- Entre 20 e 30 anos Entre 41 e 50 anos
 Entre 31 e 40 anos Mais de 51 anos

Qual sua formação acadêmica?

- Graduação Mestrado
 Especialização Doutorado
 Outras. Especifique _____

Ano de conclusão do curso de graduação e instituição: 1996.UDESC

Local de trabalho:

Há quanto tempo exerce a profissão (em anos e meses): 10 anos

Agora vou fazer algumas perguntas e gostaria que você respondesse de acordo com a sua prática profissional diária, sem arrolar conceitos.

1- Vou iniciar uma frase e pedir para você completar. Para ser competente informacional eu preciso estar bem atenta as coisas que acontecem ao meu redor, não ter vergonha de perguntar de ir atrás.

2- Como você vê a técnica na sua prática profissional.

Faço registros, catalogação aqui na escola eu não tenho feito. É eu tento organizar para ficar de fácil acesso assim eu coloca a literatura por ordem de títulos. Um tempo atrás quando a escola era menor eu não via tanta necessidade, parecia que eu dava conta do que tinha que dar, hoje eu sinto falta, os alunos sentem falta os professores sentem falta a escola inteira assim esta sentindo a necessidade da técnica.

3- Você poderia me explicar qual a relação da criatividade com a sua prática profissional?

Na verdade é assim, eu vejo que tem vários jeitos bibliotecários assim, aquele que é só técnico mesmo, ele faz o trabalho dele burocrático, não vejo criatividade nele, faz o que tem que fazer mas quanto tu ta numa biblioteca escolar que o técnico é bem pouco aplicado ainda, então tu tem que ser bastante criativo, tu tem que estar muito atento com as coisas que acontecem com os professores em sala de aula para estar buscando interação e daí então criar um movimento bom e positivo na biblioteca uma ligação com alunos e professores acho que é fundamental a criatividade para envolver a biblioteca nas coisas que estão acontecendo. E fora isso também sempre estar pensando, buscando coisas que pode fazer na biblioteca, desenvolvendo coisas na biblioteca, a busca de coisas novas, por que senão fica só mesmo somente um espaço de empréstimo. A gente na escola precisa, não sozinho, mas precisa estar articulado com outros profissionais da escola para que a biblioteca não seja somente empréstimo de livros.

4- O que você pode falar da sua atitude crítica na prática profissional?

Eu vou falar da experiência que eu tenho, de biblioteca escolar da rede municipal mesmo. Eu acho que é um profissional que deixa muito a desejar, que pouco buscar melhorar, se qualificar para dentro da escola mesmo. A gente se acomoda com o nosso espaço, a gente fica muito sozinha e a gente acaba se acomodando e aceitando isso, eu a cinco anos atrás eu fazia coisas que hoje eu não quero mais fazer em função de comodismo de estar sozinha, eu acho que até falta de outra pessoa estar contigo para que tu não fique limitada, tu não troca com ninguém, não tem troca. Eu acho que a gente é muito acomodado, eu acho que o grupo da prefeitura é muito acomodado, muito individualista, trabalha muito sozinho, não que eles queira, é que o sistema faz com que a gente se

torne assim, não que eles sejam pessoas, profissionais que sejam assim, o sistema faz ser assim, eles se isolam. Eu trabalhei de auxiliar de biblioteca da [...], a gente trocava tanta coisa era tão bom. Para mim e para a [...] era ótimo e eu sei o quanto foi bom para a escola a gente estar juntos, eu sinto falta disso de trocar, porque nem fora da escola a gente tem né. Então a gente acaba se acomodando também. Isso nos deixa meio apagado.

5- Sobre o seu comprometimento com a profissão: como é isto para você?

Bom eu gosto do que eu faço, tento fazer da melhor maneira possível, eu tenho consciência que em alguns momentos eu poderia estar fazendo outras coisas, buscando outras alternativas, mas eu acho que eu sou bem comprometida com esse espaço aqui, com essa escola, com a comunidade, com os alunos, com os funcionários, tentando fazer bem com os recursos que eu tenho, fazendo da melhor maneira que eu posso.

6-Você acha que o curso de graduação que você fez para exercer a sua profissão foi suficiente para sua prática profissional? Poderia me explicar por quê?

Na verdade eu fiz biblioteca especializada, eu não fiz biblioteca escolar né. Mas, assim, o que a gente faz na faculdade é bem avesso do que a gente vive aqui na escola. É outro mundo, bem diferente. Não foi suficiente, apesar de eu não ter feito práticas escolares, mas mesmo assim pela visão do curso que eu fiz para especializada também ficou muito aquém assim, ficou muito aquém mesmo.

7-Você fez outros cursos (oficinas, congressos, painel) depois da graduação em Biblioteconomia? Quais? Você pode citar os três mais importantes? E você poderia me dizer por que fez esses cursos? Caso negativo, você poderia me dizer por que não fez cursos após a graduação?

Fiz. O painel de bibliotecários. Depois participei de um encontro que foi no instituto também, mas não me lembro o nome, faz tempo. O primeiro eu participei porque estava bem empolgada com a profissão e queria saber o que estava acontecendo e o segundo foi pela prefeitura. Hoje eu to achando muito caro, pelo que eu ganho assim, a gente agora recebeu a divulgação do painel que vai ter agora, eu acho caro, bem, caro. Sou bem afastada.

8-Explique melhor a sua prática diária de trabalho.

Geralmente eu atendo os alunos fora do horário para fazer pesquisas, pedem muito material para professores pedagógicos. Faço empréstimo de leitura, leitura de estante, as reformas restaurações nos livros. Sento semanalmente com a sala informatizada, as sextas-feiras por que temos um projeto do jornal, então projetos diários, com professor e com a sala informatizada.

ENTREVISTA 8

Qual a sua idade?

- () Entre 20 e 30 anos (x) Entre 41 e 50 anos
 (x) Entre 31 e 40 anos () Mais de 51 anos

4- O que você pode falar da sua atitude crítica na prática profissional?

Da minha atitude crítica. Eu acho que desde do livro que como diz um outro amigo meu bibliotecário muito tempo na rede [...] que tem aquele livro que é o folheto, que não chega a ser um livro né. Acho que desde a análise do livro daquele que vale a pena tu ter na biblioteca e o que não vale a pena ter, a mesma coisa nos livros didáticos, a mesma coisa numa pilha de doações que são livros que deveriam ir para reciclagem né. Toda essa análise do acervo tu tem que ser bem crítico mesmo, e desde todas as coisas que podem acontecer numa escola né. Tipo tu não ter um computador, aí tu tem que brigar por esse computador, e rolos de relações com professores que querem usar a sala de vídeo vem para cima de ti, que o vídeo é inter-ligado com a biblioteca, é administração do próprio espaço, tu ta com uma turma o outro professor quer vir com a turma, tu tem que ta intermediando , então tu tem que ter uma análise bem correta, um bom planejamento e enfrentar todas as relações e todas as coisas que tem e a parte administrativa cai sempre pra ti. Tem que ter uma análise crítica de tudo se não ou tu é levado, ou tu não faz uma boa estada na biblioteca, ou vai pedir afastamento por que tu não consegue. Então tem que ter, tem que ter uma boa postura mesmo.

5- Sobre o seu comprometimento com a profissão: como é isto para você?

Meu comprometimento. Olha sempre foi bastante até, até maior do que deveria por que desde a faculdade é centro acadêmico, DCE, participei bastante anos da Associação Catarinense de Bibliotecários, então eu sempre vivi muito a profissão. Agora de três anos para cá que eu não participo tanto assim da Associação, até por que esgota. A gente se doa demais e aí a tua vida pessoal fica toda de lado né. Tu vive só a profissão né, foi por isso que meu comprometimento muitas vezes foi demais até.e mais sempre foi bastante assim, eu sempre vesti a camisa da profissão.

6-Você acha que o curso de graduação que você fez para exercer a sua profissão foi suficiente para sua prática profissional? Poderia me explicar por quê?

Não, com certeza não. Por que a única disciplina, agora até mudou o currículo pode até que não esteja mais assim, mas a única disciplina que tinha na época era biblioteca escolar optativa, então quer dizer tu, a responsabilidade era tua de remanejar o teu horário para ver se tinha espaço para tu fazeres aquela disciplina, não era responsabilidade do curso do departamento oferecer um horário para que todos possam fazer, quer dizer já não tinham esse estímulo para que todos os alunos tivessem a formação para trabalhar na biblioteca escolar. Então era tua vontade própria, fiz a disciplina por vontade própria e deu, foi só isso que o curso oferecer. Então quer dizer em termos de curso, até quem abriu uma das fundadoras do grupo de biblioteca escolar não se havia discussão, então quer dizer enquanto não houve pessoas que realmente quisessem abrir um grupo de biblioteca escolar para ocorrer a discussão nem se via e na biblioteconomia no curso em si não se via a discussão, houve uma disciplina que foi dada optativa para quem quisesse fazer.

7-Você fez outros cursos (oficinas, congressos, painel) depois da graduação em Biblioteconomia? Quais? Você pode citar os três mais importantes? E você poderia me dizer por que fez esses cursos?

Aí fiz tantos. Eu fiz de normalização, classificação, restauração, de biblioterapia, de incentivo a leitura e palestras assim Meu Deus, se eu via assim alguma coisa que me interessava tava indo. Eu

fiz por interesse, por querer melhorar mesmo, a gente sempre colhe alguma informação, alguma coisa, por que normalização catalogação, essas coisas a gente já teve na faculdade né, mas para lembrar, para se atualizar para ver se não tem nada de novo. No próprio curso de graduação eu vivia direto nos encontros de estudantes e até organizei vários a nossa preocupação era o assunto em voga na época era democratização da informação, conseguir realmente democratizar a informação, que todos tenha acesso a informação. E esse assunto assim, sempre que eu vejo uma palestra com a chamada ao acesso a informação me interessa.

8-Explique melhor a sua prática diária de trabalho.

Eu atendo as turmas, tem dois espaços né. O espaço de pesquisa e o espaço de leitura. Eu atendo todas as turmas de 1ª à 4ª no espaço de leitura, meus dias mais cheios são segunda, quarta e quinta. Terças e sextas são meus dias mais livre, sextas mesmo eu não tenho nenhuma turma na sala de leitura. E as turmas de 5ª à 8ª de manhã a grande parte vem a biblioteca, vem para fazer leitura, atividade de leitura. Não faço contação de 5ª à 8ª, só de 1ª à 4ª. Então o dia-a-dia eu fico realmente mais com atendimento de 1ª à 4ª, faço contação, faço empréstimo, e eles tem um espaço para eles ficarem livres mesmo, mexerem nos livros de literatura no nível de leitura deles. E eu tenho uma auxiliar e uma estagiária que se tem atendimento lá, não tem choque de turma né. Se eu to com turma aqui não tem turma de 5ª à 8ª, normalmente eu divido nos dois espaços né. Por que lá eu não tenho mesa suficiente para atender turmas de 5ª à 8ª, eu preciso que eles usem a sala de leitura. Aí eu separo um pouco né, assim quem tá muito conversador eu separo do espaço, e as vezes vem para pesquisa no contra-turno, às vezes a demanda dos professores, aí me pega tantos livros de história, me pega um mapa, me pega dicionário, essa demanda que os professores tem, essa necessidade e a gente tem agendamento para vídeo isso tem sempre. E aí quando eu to em momento na sala de leitura, a auxiliar ou a estagiária estão atendendo do outro lado. Fora isso às vezes é chamado na equipe pedagógica para resolver alguma problema, alguma coisa.

ENTREVISTA 9

Qual a sua idade?

- Entre 20 e 30 anos Entre 41 e 50 anos
 Entre 31 e 40 anos Mais de 51 anos

Qual sua formação acadêmica?

- Graduação Mestrado
 Especialização Doutorado
 Outras. Especifique _____

Ano de conclusão do curso de graduação e instituição:

Local de trabalho:

Há quanto tempo exerce a profissão (em anos e meses):

Agora vou fazer algumas perguntas e gostaria que você respondesse de acordo com a sua prática profissional diária, sem arrolar conceitos.

1-Vou iniciar uma frase e pedir para você completar. Para ser competente informacional eu Bom, tenho que estar atualizado.

2- Como você vê a técnica na sua prática profissional.

No acervo eu tenho alguns livros que tratam sobre organização de biblioteca escolar. Mas, o que eu utilizo para catalogar, classificar e indexar eu trago da minha vivência profissional. Quando é necessário fazer atividade técnica eu utilizo. Quando é atendimento a usuário eu trago a minha experiência profissional.

3- Você poderia me explicar qual a relação da criatividade com a sua prática profissional?

É assim o, tem duas questões. O bibliotecário escolar assume várias funções, que na verdade não são delegadas para ele, ele precisa de uma equipe que possibilite ele realizar as tarefas, as atividades cotidianas. As atividades de biblioteca escolar é qualquer atividade como de uma biblioteca pública, universitária. Ou seja, organizar o acervo, manter organizado, dar essa manutenção para essa organização da biblioteca. Todas essas questões que envolvem a biblioteca, setor de atendimento, setor de referência, setor de processamento técnico. A questão da criatividade é assim ô, seria bom se tivesse um profissional direto da área pedagógica para estar realizando as atividades de cunho pedagógico diretamente. O que acontece o bibliotecário por gostar de leitura, por ter um perfil voltado a leitura, ele a biblioteca em si pela postura que a biblioteca escolar tem, ele tem que ter um pouco de criatividade. Se ele não tiver um pouco de criatividade ele vai ter que conseguir, por que é assim ô, mesmo que ele não tenha um dom de contar história ele tem que ter a biblioteca toda floridinha. Vai valer a criatividade dele para que possa vir alguém contar histórias, alguém que possa auxiliar ele na decoração da biblioteca para torná-la mais infantil. Enfim, nessa parte que tem que acontecer a criatividade, se ele não tem a criatividade para estar desenvolvendo ela vai ter que estar buscando soluções para essas atividades estarem acontecendo na biblioteca.

4- O que você pode falar da sua atitude crítica na prática profissional?

Bom, o bibliotecário escolar, a biblioteca escolar é uma coisa que existe a muito tempo. Mas, não a biblioteca dentro dos padrões que a biblioteconomia existe, uma organização, com todo um conjunto de atividades que são realizados na biblioteca escolar. Atitude crítica é em relação as coisas que estão acontecendo dentro da instituição, por que uma biblioteca principalmente escolar, ela esta inserida dentro de uma instituição a escola. Então atitude crítica, criticar uma postura de comportamento errada dos alunos, criticar comportamento da própria escola em relação a biblioteca, o que ela representa, o que ela pode auxiliar como recurso pedagógico dentro da escola. O lado crítico, é para criticar posturas erradas dentro da biblioteca, então ele tem que ser bem crítico. A não ser que uma crítica sempre tem um retorno, mas pensamento crítico tem que ter não pode estar aceitando tudo de todos.

5- Sobre o seu comprometimento com a profissão: como é isto para você?

Ah bom, modesta parte eu sou totalmente envolvido. Adoro bibliotecas, adoro atividades com bibliotecas. Na verdade eu me sinto profissional da informação. Trabalho em qualquer unidade de informação e diretamente na biblioteca escolar eu tenho mais ou menos uma certa afinidade, eu gosto de fazer atividade lúdica eu gosto de trabalhar com pesquisa, eu gosto da organização da biblioteca, eu gosto do ambiente das cores. É por que a biblioteca escolar ela é muito viva, muito dinâmica, ela exige isso, a demanda de atividades que faça criar uma certa representatividade na própria escola.

6-Você acha que o curso de graduação que você fez para exercer a sua profissão foi suficiente para sua prática profissional? Poderia me explicar por quê?

Eu acho que foi suficiente por que todo profissional na faculdade ele tem um ensino básico. Se ele vai estar querendo exercer bem aquela profissão, aquela linha de trabalho, eu tenho que trabalhar nesta unidade, perceber quais são as necessidades que ela tem para aprimorar, e o que eu tenho para buscar. Por que faculdade nunca vai dar o suficiente para gente, ela dá a base o suficiente para a gente entender o funcionamento. Dentro de uma unidade de informação a gente tem que se aprimorar, atualizar, buscar, aprofundar.

7-Você fez outros cursos (oficinas, congressos, painel) depois da graduação em Biblioteconomia? Quais? Você pode citar os três mais importantes? E você poderia me dizer por que fez esses cursos? Aí fiz vários. Fiz o que a rede ofereceu. Fiz buscando mais informação, me atualizar, vê o que ta acontecendo né de mais novo.

8-Explique melhor a sua prática diária de trabalho.

A princípio abro a biblioteca, organizo, arrumo o que tem que arrumar né. Arrumo as carteiras, as mesas, se eu tenho alguma atividade que eu já deixei preparada no dia anterior, tipo trabalhar no processamento técnico, aí parto para o processamento técnico, mas o cotidiano assim, é mais atendimento. É atender as turmas e organizar a biblioteca, é arrumar a biblioteca porque organizada ela já ta, é só colocar os livros nas estantes, os jornais expositores, e guardar livros. E quando eu tenho atividade com a turma, às vezes eu fazia atividade lúdica, mas como estou sozinho, estou naquela fase de bater o escanteio e correr para cabecear.

ENTREVISTA 10

Qual a sua idade?

- () Entre 20 e 30 anos () Entre 41 e 50 anos
(x) Entre 31 e 40 anos () Mais de 51 anos

Qual sua formação acadêmica?

- () Graduação () Mestrado
() Especialização () Doutorado
() Outras. Especifique _____

Ano de conclusão do curso de graduação e instituição: 1996.UFSC

Local de trabalho:

Há quanto tempo exerce a profissão (em anos e meses): 10 anos

Agora vou fazer algumas perguntas e gostaria que você respondesse de acordo com a sua prática profissional diária, sem arrolar conceitos.

1- Vou iniciar uma frase e pedir para você completar. Para ser competente informacional eu.....
eu tenho conhecimento do acervo disponível na minha biblioteca, para atender o meu público que são a comunidade, a comunidade escolar, alunos, professores e funcionários. E detenho conhecimento em informática, tecnologias da informação que permitam o conhecimento de outros suportes de conhecimentos.

2- Como você vê a técnica na sua prática profissional.

Alguns auxiliam bastante assim, a prática profissional requer que tu aja com rapidez, então tu vai usar os sumários, as obras de referências disponíveis, enciclopédias, os guias, os dicionários, todos com bastante rapidez, como é um público grande e bastante variado, uma única pessoa tem que ser conhecedora de tudo aquilo que ela tem . Então vai procurar as informações nos suportes que estão disponíveis na biblioteca , se precisa de um mapa, de uma atlas ou de um globo esses conteúdos da parte técnica tu vai dominar pelo uso dos materiais tu já sabem onde estão, como vai encontrar, já tem as listagens que tu mesmo faz do acervo, tudo separado, faz as pré seleções daquilo que é mais usado frequentemente. Assim tem um professores que precisam de gramáticas já deixa mais, então conhecimento técnico para mim a biblioteca vai estar mais estrutura formalmente , vai estar colocando o acervo de forma mais prática que qualquer pessoa, professor ou o aluno saiba se achar nesse ambiente, já vai direto nas estantes e tem facilidade de encontrar o livro que ele quer, as coisas que ele não encontra ele pergunta para o bibliotecário, para mim ou para outra pessoa que estiver aqui.

3- Você poderia me explicar qual a relação da criatividade com a sua prática profissional?

Vou citar como um exemplo assim, situações cotidianas e não. As situações que eventualmente a gente vivência como agora aqui na biblioteca uma reforma requereu que se tivesse criatividade numa estratégia que se desenvolvesse uma estratégia de arrecadação, precisava-se de caixas para encaixotar os livros para preservar o acervo na reforma da biblioteca, então vez se um escambo com os alunos. Eles trariam as caixas e ganhariam chupe-chupe, sacolé. Então tu vai desenvolvendo estratégias assim para que os alunos fiquem motivados a fazerem uma leitura, um concurso, um

concurso de poesia né. Para que eles busquem as coisas, tudo depende das tuas vivências ao longo do tempo como bibliotecário e uma certa criatividade para desenvolver uma idéia, que tu ter boa vontade de ter um conhecimento sobre outras coisas, como no meu caso sou bombeira, também trabalho com informática. Tu tá vendo sempre coisas do interesse deles, como jogos, isso requerer que tu se dedique um pouco e tenha assim umas idéias para estar atuando com eles nesse universo dinâmico assim, que é agora a sociedade atual, muitas coisas, muita mídia.

4- O que você pode falar da sua atitude crítica na prática profissional?

Eu sou uma pessoa extremamente crítica, na medida que tu é cobrado profissionalmente para desenvolver as tuas atividades e tu ir além de ser um bibliotecário escolar no entender da comunidade tu vai ser assim bibliotecário e professor e essa prática ela muitas vezes é entendida de forma equivocada. Tu faz atividades com os alunos referente a biblioteca e faz outras atividades num momento às vezes tu é entendido como um assumi atividades dos outros professores, para que esses professores tenham tempo livre. Aí tu começa a ser crítico, tu fica cético da ação das outras pessoas e começa assim no papel de vamos dizer assim mais rigoroso no sentido mais rigoroso, não fazendo atividades que não são pertinentes a tua descrição de bibliotecário escolar e começam haver os conflitos porque os professores formam uma classe e os bibliotecários uma outra classe, nem sempre vão falar a mesma língua. Fazem críticas a respeito das posturas profissionais dos outros, com relação as coisas que eles esperam que você desenvolva. E isso aí tudo vai gerando uma série de situações em que as pessoas não fazem uma compreensão do todo, muitas vezes o aluno tem que ser beneficiado de alguma forma, só que as pessoas não querem assumir as coisas, desenvolver um projeto, a escola não dá um passinho em busca de novas iniciativas de novas coisas e querem que tu desenvolva coisas que vão projetar a escola, mas em contrapartida nenhuma para você. Você faz o projeto, você executa o projeto e naquele momento, nessa trajetória toda tu não é acompanhado de numa forma, ninguém fica se dispondo a fazer nada contigo, tu fica isolado desenvolvendo as coisas. Às vezes competitividade gera maledicências essas coisas assim então começa a ficar bastante crítico, muito crítico.

5- Sobre o seu comprometimento com a profissão: como é isto para você?

Eu acredito que tenho um comprometimento no sentido assim, eu vou olhar o aluno nas suas necessidades, naquilo que ele precisa, não necessariamente que eu vá suprir as necessidades dele com o que eu tenho na biblioteca. Nesse fazer bibliotecário educador o aluno sempre na sua frente as suas falas vão revelar uma série de idéias de problemáticas e muitas vezes tu tá atuando como bibliotecário, como psicólogo, como educador. Nessa troca, nessa interação com os alunos o bibliotecário não se sente muitas vezes pressionados, ele tá livre das cobranças, da pressão de notas e ele fica mais a vontade para tá revelando problemas, para tá revelando vivências suas, e você tá ali como uma pessoa que pode vir dar um apoio de idéias, você tá sempre ali com todos os segmentos da escola, limpeza, cozinha no sentido de tá facilitando para as pessoas as coisas, que querem abrir um contra- cheque no sistema, que alocar um material pessoal, quer fazer alguma coisa diferente, sempre o bibliotecário está nessas pequenas coisinhas parecendo uma formiguinha. O trabalhinho aqui começa poquinho, poquinho, poquinho no final acaba fazendo por todo mundo. Você está interagindo com a criança e com a casa dela, muitas vezes vem alunos aqui pedir para seus pais para concursos, para isso e para aquilo, então tu faz sugestões de leituras, ah minha mãe gosta disso minha irmã precisa daquilo e os alunos vão interagindo assim.

6-Você acha que o curso de graduação que você fez para exercer a sua profissão foi suficiente para sua prática profissional? Poderia me explicar por quê?

Não de forma nenhuma, na época eu fui falar para a professora que era encarregada da coordenação após passar no concurso, uns seis meses após que eu retornei a universidade , pedi retorna para letras. Fui lá fazer uma fala a respeito desta questão, a UFSC a grade curricular que eu fiz na época me formei em 97 não me permitiu o conhecimento sobre biblioteca escolar se quer permitiu uma passo dentro de uma biblioteca escolar, não tinha conhecimento nenhuma, a respeito de nada nem da área da educação, nunca tivemos nem texto que falasse da educação, o contexto da educação ou qualquer coisa da Vicência da educação ou biblioteca escolar. Da UDESC se eu não me engano que faz estágio na biblioteca escolar. Então acredito que naquela época eu tenha plantado uma sementinha nessa fala e que depois foi feito uma reavaliação da grade curricular eles inseriram a biblioteca escolar como disciplina não obrigatória e fizeram uma mudança na UFSC, não interagi com outras universidades porque não conhecia pessoas que trabalhassem nessas faculdades. Mas, foi bem complicado porque era esperado da gente umas coisas e a gente esperava aplicar o nosso conhecimento técnico, fazer catalogação, fazer classificação e absolutamente você não faz isso, você faz a prática mesmo de pesquisa, atendimento ao aluno sobre tudo que queira ou que não queira e o que tu menos faz na biblioteca escolar na atualidade e que eu observo nos colegas de profissão é o trabalho técnico. Não faz absolutamente nenhum trabalho técnico, quer dizer alguns fazem né, porque eu tenho aqui um catálogo feito por um outro bibliotecário. Eu não sei se isso vai ser entendido criticamente, mas nesse universo da biblioteca escolar a gente tem que dá fazendo adaptações, foi comprado um software anteriormente tinha sido introduzido um outro software de gerenciamento de bibliotecas e a gente fez várias tentativas de acertar os nossos acervos, fazer tudo dentro da conformidade da biblioteconomia, só que infelizmente as coisas cumprem com o tempo que é esperado. Então, temos ainda muito caminho pela frente.

7-Você fez outros cursos (oficinas, congressos, painel) depois da graduação em Biblioteconomia? Quais? Você pode citar os três mais importantes? E você poderia me dizer por que fez esses cursos? Caso negativo, você poderia me dizer por que não fez cursos após a graduação?

A prefeitura ofereceu. Fiiiz a minha pós em gestão de sistemas de informação, trabalhei com tecnologias da informação mais modernas, infelizmente não deu para aplicar aqui. Até fiz uma tentativa de fazer um software livre para usar aqui antes de terem comprado os outros softwares mais como exigia alguns controles que eu não tinha como fazer aqui ficou meio complicado. Desde que eu fiz a graduação, aí é uma questão bem pessoal, na época que eu fazia a faculdade eu tinha várias atividades engatilhadas. Eu era estudante de biblioteconomia, era estagiária, trabalhava num projeto das fortalezas, fazia pesquisas para o Instituto Data Folha, sempre fazendo várias atividades. Então quando eu me formei e fui trabalhar na prefeitura, nós trabalhávamos seis horas, não era possível trabalhar oito horas. Então imediatamente eu pedi retorno para fazer letras, engatilhei um mestrado, depois fui fazer outros cursos de bombeiros e fui fazer outros cursos pela prefeitura, sempre buscando abrir o meu leque de vivências, de conhecimento de vários tipos de atividades e é um desafio para mim estar vivendo sempre coisas diferentes, coisas estimulantes para minha pessoa e isso contribui de alguma forma profissionalmente. Eu acho que ao longo do tempo tu deixa de ser aquela bibliotecária passiva para ser uma pessoa mais ativa dentro do teu espaço com auto-confiança para estar se impondo perante as coisas que são necessárias. Então isso faz com que tua postura pessoal influencie nesse aspecto.

8- Explique melhor a sua prática diária de trabalho.

Primeiro eu organizo as coisas que ficaram pendentes, eventualmente solicitações do EJA que estão aqui em cima da mesa, precisa de tal assunto, solicitação dos professores que ficou do outro período. Vou na Secretaria ver se chegaram materiais, informes da prefeitura né, CI's, conversar com a direção, com a equipe, com a equipe eventualmente eu converso com elas, às vezes mais com coisas técnicas assim, assinar alguma papel. E também as coisas que são pertinentes a algumas atividades, [...]é um projeto que a gente participa com outros profissionais é muito bom. E depois venho para a biblioteca vejo os agendamentos de turmas, as solicitações dos professores de livros, de atlas, de globos. Vou nas salas passar algum recado, conversar com os professores sobre o que ta acontecendo, se ficaram alunos pendentes com entrega de livros. Converso com os alunos, me solicitam para ficar fora, toco projeto assim. Ao longo da semana são vários projetos [...]é uma coisa bem gratificante porque tu fica interagindo com eles o tempo todo. E desde o momento que tu coloca o pé na escola até o momento que acaba o período eu fico em constante interação com os alunos em todos os momentos. Eles ficam conversando comigo, ficamos conversando sobre as coisas cotidianas, de tudo que acontece tanto na escola como no mundo de forma geral. Eles vem pegar os livros pedem para mim para ficar na biblioteca na hora do recreio, às vezes eu to fora os alunos ficam aqui, às vezes dá algumas bagunçinhas, barulho, mas coisa normal. A gente não vai esperar que uma biblioteca escolar seja silenciosa porque não tem a menor condição.

